

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

Jaqueline Nickel

**BERÇÁRIO DAS IGREJAS BATISTAS: AMBIENTE DE EDUCAÇÃO NA FÉ, DE
CUIDADO E DE LUDICIDADE**

SÃO LEOPOLDO
2017

JAQUELINE NICKEL

BERÇÁRIO DAS IGREJAS BATISTAS: AMBIENTE DE EDUCAÇÃO NA FÉ, DE
CUIDADO E DE LUDICIDADE

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Religião e
Educação

Orientadora: Dra. Laude Erandi Brandenburg

São Leopoldo

2017

JAQUELINE NICKEL

BERÇÁRIO DAS IGREJAS BATISTAS: AMBIENTE DE EDUCAÇÃO NA FÉ, DE
CUIDADO E DE LUDICIDADE

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Religião e
Educação

Data: 6 de julho de 2017

Dra. Laude Erandi Brandenburg – Faculdades EST

Dra. Gisela Isolde Waechter Streck – Faculdades EST

Dra. Gleyds Silva Domingues - FABAPAR

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N632b Nickel, Jaqueline
Berçário das Igrejas Batistas : ambiente de educação na fé, de cuidado e de ludicidade / Jaqueline Nickel ; orientadora Laude Erandi Brandenburg. – São Leopoldo : EST/PPG, 2017.
101 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2017.

1. Berçários. 2. Igreja batista – Educação. 3. Educação de crianças. 4. Obras da igreja junto às crianças. 5. Psicologia infantil. I. Brandenburg, Laude Erandi. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

Resumo

A presente pesquisa propõe-se a analisar a importância do berçário das Igrejas Batistas como ambiente de educação na fé, de cuidado e de ludicidade. Nessas Igrejas, geralmente, há uma sala especial para os bebês: o berçário. Na maioria delas, o berçário serve apenas como local para que os bebês fiquem e assim não “incomodem” os adultos durante o culto. Raramente são feitas intervenções pedagógicas e lúdicas. Porém, como o berçário pode ser utilizado tanto para o cuidado e para a ludicidade, como para a educação na fé dos bebês de 0 a 2 anos nas Igrejas Batistas? É a esse questionamento que se pretende responder e para isso foi realizada uma revisão bibliográfica e também uma pesquisa social do tipo estudo de caso com o berçário da Primeira Igreja Batista de Curitiba. O trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro refere-se às características do desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e espiritual das crianças de 0 a 2 anos. O segundo diz respeito às características da estrutura física do berçário, da equipe de berçaristas e da importância de um currículo e metodologia adequados ao berçário. O terceiro apresenta os três eixos para um berçário eficaz que são a educação, o cuidado e a ludicidade. No berçário todas as ações precisam estar integradas para proporcionar o crescimento saudável e o desenvolvimento integral dos bebês.

Palavras-chave: Berçário, Educação, Cuidado, Ludicidade.

Abstract

This research proposes to analyze the importance of the nurseries of the Baptist churches as an environment of education in the faith, of caretaking and of play. In these churches, there is, generally, a special room for the babies: the nursery. In most of them, the nursery serves only as a space for the babies to stay so they do not “bother” the adults during the worship. Rarely, are pedagogical or playful interventions carried out. However, how can the nursery be used for caretaking and for play as well as for the education in the faith of babies from 0 to 2 years of age in the Baptist churches? We intend to respond to this question and to do so a bibliographic review was carried out as well as a social research of the case study type with the nursery of the First Baptist Church of Curitiba. The work is divided into three chapters: the first refers to the characteristics of the physical, cognitive, affectionate and spiritual development of children from 0 to 2 years of age. The second is about the characteristics of the physical structure of the nursery, of the team of nursery workers and of the importance of an adequate curriculum and methodology for the nursery. The third presents the three axes for an efficacious nursery which are education, caretaking and play. In the nursery all the actions need to be integrated to propitiate the healthy growth and wholesome development of the babies.

Keywords: Nursery, Education, Caretaking, Play

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A CRIANÇA DO BERÇÁRIO (0-2 ANOS)	13
1.1 Desenvolvimento Físico	14
1.2 Desenvolvimento Cognitivo.....	19
1.3 Desenvolvimento Afetivo.....	25
1.4 Desenvolvimento Espiritual.....	27
2 TRÊS EIXOS ESSENCIAIS PARA UM BERÇÁRIO EFICAZ	41
2.1 Descrição do berçário da Primeira Igreja Batista de Curitiba.....	42
2.2 Educar	45
2.3 Cuidar.....	52
2.4 Ludicidade	58
3 O AMBIENTE DO BERÇÁRIO	69
3.1 Características da estrutura física	70
3.2 Características da equipe	74
3.3 Currículo e metodologia.....	77
3.3.1 Importância do currículo no Berçário	78
3.3.2 Características da metodologia.....	83
CONCLUSÃO	91
REFERÊNCIAS	95

INTRODUÇÃO

Os primeiros dois anos de vida são muito importantes para a formação integral dos bebês, pois é nesse período que eles realizam grandes avanços em seu desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e também espiritual. As experiências vivenciadas nos primeiros anos de vida contribuem grandemente na formação do caráter e da personalidade da criança.

As pesquisas científicas demonstram que nos primeiros anos de vida são formadas as bases cerebrais para os aprendizados que virão posteriormente. Por isso, é importante estimular o desenvolvimento integral dos bebês, proporcionando momentos lúdicos e interativos que auxiliem o desenvolvimento em todas as áreas de suas vidas.

Em praticamente todas Igrejas Batistas há uma sala específica para que as crianças de 0 a 2 anos fiquem durante o culto: o berçário. Essa sala normalmente é usada para que as crianças não “atrapalhem” o culto dos adultos e sejam cuidadas por suas mães ou voluntários da Igreja que apenas cuidam para que elas fiquem bem, mas não realizam com elas nenhum trabalho de educação na fé e de ludicidade.

Pensando nisso, pode-se questionar: por que as Igrejas deixam de investir no berçário como lugar não só de cuidado, mas também de educação na fé e de ludicidade? Por que a maioria dos pais cristãos deixa o ensino da Bíblia para quando seus filhos/filhas forem maiores? Por que algumas pessoas pensam que os bebês não podem aprender nada? Foi por causa dessas inquietações que essa pesquisa foi realizada. Através dela, procura-se responder ao questionamento primordial da pesquisa: Como o berçário pode ser utilizado tanto para o cuidado e para a ludicidade, como para a educação na fé dos bebês de 0 a 2 anos nas Igrejas Batistas?

Sendo assim, este trabalho tem o objetivo de analisar o berçário das Igrejas Batistas como ambientes de educação na fé, de cuidado e de ludicidade. Por isso, possui uma abordagem qualitativa, que, segundo Lüdke e André, “se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.¹

¹ LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. p. 18.

Inicialmente a pesquisa foi encaminhada a partir da consulta a várias fontes bibliográficas para que se pudesse conhecer quem é a criança do berçário (0-2 anos): as características do seu desenvolvimento, suas capacidades e potencialidades. Além disso, foi analisada a importância da educação e do desenvolvimento da fé, assim como do cuidar e da ludicidade nos berçários, com base no material já existente sobre o assunto. Segundo Gil, “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.²

Além da pesquisa bibliográfica, foi realizado um estudo de caso no berçário da Primeira Igreja Batista de Curitiba, para que se pudesse verificar sua estrutura, seu funcionamento e sua metodologia e assim obter um exemplo e referência para o berçário de outras Igrejas. Lüdke e André afirmam que, “Quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso”.³

O estudo de caso foi aprovado pelo CEP da Faculdades EST através do parecer número 1.867.707. Para sua realização, a pesquisadora foi até cidade de Curitiba, a fim de conhecer e observar o berçário da Primeira Igreja Batista, conversar com a sua coordenadora e entrevistar algumas mães/pais.

No domingo da visita, primeiramente foi realizada a observação da estrutura do berçário e, em seguida, do “culto do bebê”. Após o culto, foram realizadas as entrevistas com a coordenadora do berçário e com cinco mães, que, voluntariamente, aceitaram participar da entrevista. Os relatos da observação foram anotados no diário de campo e as entrevistas foram feitas oralmente com perguntas estruturadas e discursivas. A análise dos dados foi feita de maneira descritiva e qualitativa, demonstrando os resultados obtidos através da observação e das entrevistas.

Destaca-se que, durante a constituição dos capítulos, foi feita uma abordagem integrada dos dados da pesquisa social com o referencial teórico, sendo assim, os dados coletados no estudo de caso são apresentados e analisados ao longo do trabalho.

Diante disso, baseando-se no desenvolvimento do bebê Jesus (Lucas 2.40), o primeiro capítulo apresenta as principais características das crianças de 0 a 2 anos, abordando seu desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e espiritual, destacando suas capacidades e potencialidades.

² GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2010. p. 44.

³ LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 17.

O segundo capítulo refere-se ao ambiente do berçário, descrevendo sobre as características da estrutura física e da equipe de berçaristas e também apresentando a importância de elaborar ou adquirir um currículo e de estabelecer qual será a metodologia utilizada. Nesse capítulo, também, é feita a descrição do berçário da PIB de Curitiba, bem como de seu funcionamento.

O terceiro capítulo apresenta os três eixos para um berçário eficaz: educação, cuidado e ludicidade, enfatizando a importância dos três ocorrerem de forma integrada e com o objetivo de propiciar o desenvolvimento integral dos bebês.

Sendo assim, pode-se dizer que esse trabalho se constitui em um referencial para que as Igrejas Batistas percebam a importância do berçário como ambiente de educação na fé, de cuidado e de ludicidade. É também um apelo para que a educação na fé seja valorizada e aprimorada nos berçários. Por fim, é também uma proposta de mudança da realidade que a maioria dos berçários apresenta nas Igrejas Batistas, incentivando-os a se tornarem ambientes que promovam o pleno desenvolvimento dos bebês.

1 A CRIANÇA DO BERÇÁRIO (0-2 ANOS)

O crescimento e o desenvolvimento saudável dos bebês dependem de uma boa educação e de cuidados. Nas escolas, educar e cuidar são tarefas básicas de um berçário e, nas Igrejas, isso não é diferente. Cuidar não significa somente suprir as necessidades básicas dos bebês, mas também educá-los através de momentos de interação e do brincar, utilizando a ludicidade e a criatividade.

No berçário, todas as ações precisam estar integradas ao desenvolvimento infantil, fazendo com que ele ocorra da melhor maneira possível. O cuidar não é simplesmente “vigiar a criança na ausência dos pais”, mas é favorecer e propiciar o desenvolvimento de todas as suas habilidades e capacidades, observando e percebendo quais as suas principais necessidades e dificuldades. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, cuidar:

[...] é sobretudo dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo às suas necessidades. Isto inclui interessar-se sobre o que a criança sente, pensa, o que ela sabe sobre si e sobre o mundo, visando à ampliação deste conhecimento e de suas habilidades, que aos poucos a tornarão mais independente e mais autônoma.⁴

Para que o propósito de educar e cuidar seja atingido nos berçários, é indispensável que se conheça as principais características do desenvolvimento dos bebês (0-2 anos). Utilizando a vida de Jesus como exemplo, pode-se perceber que ele, mesmo sendo Deus, passou por todas as fases do desenvolvimento humano. Em Lucas 2.40, quando Jesus ainda estava na primeira infância, está escrito: “O menino crescia e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele”.⁵ Sendo assim, pode-se inferir que Jesus se desenvolveu fisicamente (*crescia e se fortalecia*), cognitivamente (*enchendo-se de sabedoria*), afetivamente/socialmente e espiritualmente (*graça de Deus estava sobre ele*). A respeito desse versículo, Beacon afirma:

O versículo 40 abrange um intervalo de doze anos, em que o menino Jesus cresceu e se fortaleceu em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele. Ele se desenvolveu física, mental e espiritualmente. Podemos ver aqui a verdadeira humanidade de Jesus. Uma das verdades essenciais das Escrituras é que a natureza divina nunca interferiu no desenvolvimento normal da humanidade de Jesus, nem fez com que ela fosse desnecessária.⁶

⁴ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO; SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, v. 1, 2001. p. 25.

⁵ SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. *Bíblia de estudo NVI*. São Paulo: Vida, 2003. p. 1727.

⁶ EARLE, R.; SANNER, A. E.; CHILDERS, C. L. *Comentário bíblico Beacon: Mateus a Lucas*. Tradução de Derrmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p. 377.

Tendo como base esses quatro aspectos do desenvolvimento da vida de Jesus, esse capítulo tem o objetivo de descrever as principais características do desenvolvimento integral dos bebês.

1.1 Desenvolvimento Físico

O desenvolvimento de um ser humano inicia no momento da concepção, onde os genes do pai se juntam aos genes da mãe dando origem a um novo ser. O período gestacional dura até 40 semanas a partir da última menstruação e pode ser dividido em três estágios: germinal, embrionário e fetal. A partir da fecundação, o bebê começa a se desenvolver, sofrendo uma série de transformações físicas, psicológicas e sociais.⁷

Os bebês, logo que nascem, possuem um grande número de reflexos, que vão desaparecendo durante o primeiro ano de vida. Conforme Bassedas, Huguet e Solé,

Quando nasce, o bebê está provido de uma série de reflexos arcaicos, movimentos não controlados conscientemente, porque se trata de respostas a estímulos externos que não passam pela zona do córtex cerebral. [...] A existência dos movimentos reflexos no momento do nascimento e o seu desaparecimento posterior (aproximadamente entre os dois e os quatro meses) indica-nos que a maturação do sistema nervoso central segue um caminho correto.⁸

Bee e Boyd salientam que os reflexos não são apenas curiosidades, eles funcionam como informativos de que está tudo bem, ou não, no desenvolvimento do bebê. As autoras afirmam que eles “também são o ponto de partida para muitas habilidades físicas importantes, incluindo alcançar, segurar e caminhar”.⁹

O desenvolvimento motor da criança depende do desenvolvimento neurológico, ocorrendo da cabeça para as extremidades do corpo (desenvolvimento céfalo-caudal) e do tronco para as extremidades do corpo (desenvolvimento próximo-distal). É por isso que, no primeiro mês de vida, o bebê não consegue controlar a cabeça e passa o dia deitado; aos poucos, seu tônus muscular vai se fortalecendo e os movimentos corporais vão se ampliando: chutes, giros, acenos, pulos, batidas, balanços repetidos e rítmicos, entre outros, são exemplos do que os bebês fazem

⁷ BEE, H. *A criança em desenvolvimento*. Tradução de The Developing Child. 3. ed. São Paulo: HARBRA, 1984. p. 33-40.

⁸ BASSEDAS, E.; HUGUET, T.; SOLÉ, I. *Aprender e ensinar na Educação Infantil*. Tradução de Cristina Maria de Oliveria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p. 31,32.

⁹ BEE, H.; BOYD, D. *A criança em desenvolvimento*. Tradução de Cristina Monteiro. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 94.

repetidamente a partir dos 6 ou 7 meses de vida.¹⁰ Vauclair destaca que o desenvolvimento motor influencia o desenvolvimento perceptivo e vice-versa, pois um está ligado ao outro.¹¹

Os recém-nascidos veem, ouvem e sentem, pois suas habilidades perceptivas são muito desenvolvidas por meio dos reflexos. Eles conseguem focalizar os dois olhos no mesmo local, reconhecer vozes de conhecidos (principalmente da mãe), e ainda sentir os quatro gostos básicos (doce, azedo, amargo, salgado). Bee afirma: “O recém-nascido pode ver, ouvir e aprender. [...] os pesquisadores descobriram que os recém-nascidos são realmente bastante capazes – muito mais do que os pediatras ou psicólogos (ou pais) pensavam anos atrás”.¹²

De acordo com Gomes, o desenvolvimento do bebê, no primeiro ano de vida, pode ser dividido em quatro trimestres (quartos), sendo que cada um compreende a um aspecto do desenvolvimento motor:

No primeiro quarto, a boca e os olhos; no segundo, a cabeça, o colo e os ombros; no terceiro, os braços e as mãos; e no último, as pernas, os dedos e os pés: esta é a ordem geral do avanço do amadurecimento neuromotor e da emancipação funcional.¹³

Sendo assim, o desenvolvimento do bebê, em seu primeiro ano de vida, pode ser dividido em quatro trimestres e ocorre de forma progressiva, de acordo com a maturação do sistema nervoso central. Faz-se necessário complementar que cada criança tem seu tempo de desenvolvimento; as idades aqui colocadas são baseadas no desenvolvimento motor da maioria das crianças. Porém, vários fatores influenciam esse desenvolvimento, entre outros, o nascimento da criança (se foi em data prevista, se houve algum problema na gravidez ou parto), o ambiente em que ela vive e os estímulos que ela recebe.

As mudanças que ocorrem desde a concepção do bebê até os cinco anos de idade são inúmeras: “A criança passa de uma situação de total dependência das pessoas que a cuidam a uma autonomia completa, do movimento descoordenado e incontrolado ao controle e à coordenação quase total”.¹⁴

¹⁰ BEE, BOYD, 2011, p. 97.

¹¹ VAUCLAIR, J. *Desenvolvimento da criança do nascimento aos dois anos: motricidade, percepção, cognição*. Tradução de Fernanda Oliveira. Fernanda Oliveira: Instituto Piaget, 2004. p. 74.

¹² BEE, 1984, p. 59.

¹³ GOMES, M. P. Sugestões para uma avaliação psicomotora no contexto psicopedagógico. In: OLIVEIRA, V. B. D.; BOSSA, N. A. *Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 138.

¹⁴ BASSEDAS, HUGUET, SOLÉ, 1999, p. 31.

No primeiro ano de vida, o bebê usa muito as suas mãos, gosta de observá-las, tocar os objetos e pessoas. O bebê usa suas mãos para explorar tudo o que está à sua volta, inclusive o seu corpo, durante o primeiro ano de vida.¹⁵ Além disso, coloca tudo o que pega na boca. Conforme Isaac (apud David):

‘A boca não é para a criança apenas um meio de obter alimento, mas o primeiro meio de conhecer o mundo fora dela própria. Durante muito tempo, tudo o que sua mão toca é levado à boca... Não apenas come, mas pensa com a boca’. É com a boca que trava conhecimento.¹⁶

Sabendo disso, é preciso ter cuidado com os objetos que estão à disposição dos bebês para que eles não se machuquem. Estudiosos do desenvolvimento infantil afirmam que “há uma grande relação entre o movimento de levar tudo à boca e o desenvolvimento da inteligência. [...] O que significa que a boca é muito importante para o seu aprendizado”.¹⁷

Logo que nascem, os bebês normalmente dormem a maior parte do dia, segundo Bee e Boyd, quase 90% do tempo. À medida que vão crescendo, a quantidade de sono por dia vai diminuindo.¹⁸ De acordo com Gomes, com um mês (aproximadamente 4 semanas), o bebê vira sua cabeça para um lado preferido, mostra-se muito presente o reflexo tônico cervical. O olhar se fixa por volta da segunda e terceira semana.¹⁹

Aos três meses, o bebê já consegue manter a cabeça ereta se está no colo. Se estiver deitado de bruços, utiliza os braços como apoio e consegue erguer a cabeça por um curto período de tempo. Até os quatro meses, vê os objetos e é capaz de segui-los com os olhos (exploração visual estática). Aos cinco meses, é capaz de manipular um objeto usando todos os dedos da mão. É nessa fase que os bebês aprendem a usar as mãos para pegar tudo o que está no seu campo visual; através disso eles exploram o mundo, fazendo uma quantidade enorme de sinapses, que auxiliam no desenvolvimento de seu sistema nervoso central.²⁰

Entre os quatro e sete meses, o bebê vê os objetos e tenta alcançá-los com as mãos (exploração visual ativa). A partir dos sete meses, aprimora-se a manipulação

¹⁵ BASSEDAS, HUGUET, SOLÉ, 1999, p. 32.

¹⁶ ISAAC, apud DAVID, M. *A criança de 0 a 2 anos: vida afetiva, problemas familiares*. Tradução de Monjas Dominicanas. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 18.

¹⁷ LOBO, L. *Comunico, Logo Existo - A Fala, o Gesto, a Arte: A Criança Precisa se Expressar*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1986. p. 69.

¹⁸ BEE, BOYD, 2011, p. 94.

¹⁹ GOMES, In: OLIVEIRA, BOSSA, 1994, p. 139.

²⁰ ARRIBAS, T. L. *Educação Infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar*. Tradução de Fátima Murad. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. p. 38,39.

de objetos através da visão, o bebê começa, então, a passar o objeto de uma mão para a outra, soltá-lo simplesmente ou soltá-lo em algum lugar determinado. Nessa idade, o bebê, por conseguir ficar sentado sozinho, tem mais aptidão para pegar objetos que são do seu interesse. Adora jogar o objeto para que a mãe o ajunte e para jogá-lo de novo.

Com oito meses, o bebê consegue mudar de posição, passando da posição deitada para sentada.²¹ Ele locomove-se de um lugar a outro, engatinhando ou arrastando-se. Nessa idade, a criança tem muita facilidade e agilidade para se locomover. Engatinhar é muito importante para que a criança consiga assimilar e perceber os espaços do ambiente em que está.²²

A importância do engatinhar é destacada por médicos, psicólogos e pedagogos. Uma especialista em desenvolvimento infantil, Sally Blythe, coordenou uma pesquisa em que a ausência de engatinhar e as dificuldades em aprender a ler e a escrever foram relacionadas.²³

A especialista estudou 70 crianças de 8 a 10 anos divididas em dois grupos, um com crianças apresentando dificuldades na leitura e escrita, e o outro sem queixas no aprendizado. Ao fim do estudo, percebeu uma diferença significativa: as crianças que não engatinharam ou engatinharam menos também andaram mais tarde e eram as crianças do grupo que apresentavam dificuldades no aprendizado. Mas qual relação entre engatinhar e aprender outras questões necessárias? De uma maneira sucinta, o engatinhar representa um marco no desenvolvimento da criança e é um exercício motor importante. A tentativa de “balancear o esqueleto”, mesmo que desordenadamente, estimula a coordenação visual para os movimentos que mais tarde a criança vai usar para ler e escrever, explica Sally.²⁴

Baseando-se nisso, pode-se afirmar que engatinhar não só é importante para o desenvolvimento físico e motor da criança, mas também para a aprendizagem escolar no futuro. Por isso, é importante que, nos berçários, os bebês tenham oportunidade e estímulos para engatinhar. De acordo com Rodrigues: “Engatinhando a criança desloca os olhos similarmente ao momento de leitura e escrita. Dessa forma, o bebê é estimulado a construir novas ligações neurológicas envolvidas nessas funções, ajudando mais tarde na escola”.²⁵

Aos nove meses, fica em pé se tem apoio. A manipulação de objetos é facilitada pela oposição do polegar a outro dedo (geralmente o indicador), formando o

²¹ ARRIBAS, 2004, p. 38,39.

²² BASSEDAS, HUGUET, SOLÉ, 1999, p. 32,33.

²³ RODRIGUES, B. Engatinhar: uma conquista do bebê. *Guia do bebê*. Disponível em: <<http://engatinhar-uma-conquista-do-bebe/%3E/>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

²⁴ RODRIGUES, Acesso em: 12 nov. 2016.

²⁵ RODRIGUES, Acesso em: 12 nov. 2016.

movimento de pinça. Com dez meses, permanece de pé sozinho. É a fase do encantamento pelo próprio corpo. O bebê fica fascinado com a possibilidade de caminhar sozinho, realiza diversas tentativas, experimenta diferentes posições e busca o equilíbrio para, primeiro, ficar de pé sozinho, depois, caminhar. Aos onze meses, caminha com ajuda. É uma fase de descoberta e de muita alegria para a criança, pois vai aprendendo a se locomover de uma maneira diferente. Aos poucos, tenta caminhar sozinho e se realiza ao dar um passinho.²⁶ Entre os doze e quatorze meses, caminha sozinho. Geralmente no fim do primeiro ano de vida, o bebê começa a andar, ocorrendo uma grande conquista para seu desenvolvimento psicomotor. Nessa idade, é capaz de rodar uma bola e de segurar um cubo numa mão, enquanto tenta pegar outro para empilhar, mas dificilmente consegue fazer torres, pois ainda não possui toda destreza necessária para fazer isso.²⁷

Com um ano e meio (18 meses), a criança já é capaz de caminhar mais rapidamente, com maior desenvoltura e, com ajuda, consegue subir e descer (muitas vezes engatinhando) escadas. Consegue empilhar até 3 cubos. Tem habilidade para jogar uma bola. Consegue folhear livros, às vezes, porém, pula algumas páginas.²⁸

Aos dois anos, a criança já possui muitas habilidades motoras, realiza, principalmente, atividades motoras grossas. É capaz de correr; subir e descer escadas sem ajuda, porém, ainda, necessita colocar os dois pés em cada degrau; saltar do último degrau da escada, correr e chutar uma bola. Agora, ela já consegue folhear uma página por vez quando está “lendo” um livro. Constrói torres de até seis cubos. “Tem tendência a expressar suas emoções de alegria dançando, saltando, aplaudindo, gritando ou rindo”. Ela é muito ativa e espontânea, expressa seus sentimentos com facilidade. Permanece sentada por um período maior de tempo.²⁹ Goldschmied e Jackson afirmam:

Nos primeiros dois anos, a criança passa de uma situação de dependência quase total para uma de relativa independência, de quatro maneiras, em termos gerais: por meio do movimento e da habilidade da manipulação, ao alimentar-se sozinha, no desenvolvimento da linguagem pré-verbal precoce até a fala propriamente dita, bem como no cuidado corporal que leva ao controle dos esfíncteres.³⁰

²⁶ ARRIBAS, 2004, p. 38,39.

²⁷ GOMES, In: OLIVEIRA, BOSSA, 1994, p. 139,140.

²⁸ GOMES, In: OLIVEIRA, BOSSA, 1994, p. 139,140.

²⁹ GOMES, In: OLIVEIRA, BOSSA, 1994, p. 140,141.

³⁰ GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. *Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche*. Tradução de Marlon Xavier. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 131.

Do segundo ao quinto ano de vida, a criança desenvolve habilidades de locomoção e deslocamento, tais como: caminhar, correr, saltar, rodar, pular, baixar, levantar, etc; habilidades de equilíbrio e estabilidade, como por exemplo: balançar-se, inclinar-se, girar, dobrar-se, agachar-se, etc. e; ainda, habilidades de projeção-recepção e manipulação, dentre elas: atividades com bolas, capacidade de costurar, recortar, perfurar, pintar, etc.³¹

A tabela a seguir demonstra os principais marcos do desenvolvimento físico da criança até os 4 anos. Bee e Boyd classificam como “habilidades motoras grosseiras: engatinhar, caminhar, correr e andar de bicicleta” e “habilidades motoras finas, agarrar ou pegar objetos, segurar um lápis ou enfiar linha em uma agulha”.³²

Idade	Habilidades locomotoras (motoras grosseiras)	Habilidades manipulativas (motoras finas)
1-3 meses	Reflexo do passo; levanta a cabeça, senta com apoio	Segura objetos se colocados na mão; começa a golpear objetos.
4-6 meses	Rola sobre o corpo; senta com autoapoio aos 6 meses; rasteja.	Estende a mão e segura objetos, usando uma mão.
7-9 meses	Senta-se sem apoio.	Transfere objetos de uma mão para a outra; pode segurar com polegar e indicador (“agarrar de pinça”) aos 9 meses.
10-12 meses	Dá impulso para levantar; caminha agarrando a mobília, então caminha sem ajuda; agacha-se e inclina-se.	Segura uma colher atravessada na palma da mão, mas tem pouca pontaria para colocar a comida na boca.
13-18 meses	Caminha para frente e para trás; corre (14-20 meses).	Empilha dois blocos; coloca objetos em pequenos recipientes e os despeja fora
2-4 anos	Corre facilmente, sobe escadas usando um pé por degrau; salta com os dois pés; pedala e dirige um triciclo.	Pega objetos pequenos (sucrilhos); segura o lápis com os dedos (2-3 anos), então entre o polegar e os dois primeiros dedos (3-4 anos); corta papel com tesoura. ³³

Como pode-se observar na tabela acima, o desenvolvimento da criança no período de 0 a 2 anos é notável e muito maior do que dos 2 aos 4 anos. E é por isso que é essencial que os bebês sejam estimulados à desenvolverem todas suas capacidades e potencialidades.

1.2 Desenvolvimento Cognitivo

O desenvolvimento cognitivo está intimamente ligado ao raciocínio e ao pensamento, que, por sua vez, estão ligados à utilização da linguagem verbal. Segundo Bassedas, Huguet e Solé,

³¹ BASSEDAS, HUGUET, SOLÉ, 1999, p. 33,34.

³² BEE, BOYD, 2011, p. 120.

³³ BEE, BOYD, 2011, p. 121.

A possibilidade de comunicar-nos através do uso da linguagem verbal e de possuir um raciocínio lógico é próprio e exclusivo dos seres humanos. O processo que conduz ao máximo desenvolvimento dessas capacidades é longo e inicia-se justamente no momento em que o recém-nascido começa a ter vida própria.³⁴

Inicialmente, o conhecimento dos bebês dá-se através de suas percepções externas e internas. Os bebês nascem dotados de algumas habilidades perceptivas que se mostram, primeiro, através dos reflexos e que vão sendo aperfeiçoadas à medida que o tempo passa e de acordo com as estimulações que eles recebem.

Na percepção visual, é importante salientar que os bebês veem desde que nascem, no entanto não como os adultos. Aos poucos, sua visão vai sendo aperfeiçoada. A percepção auditiva já começa quando o bebê ainda está no útero da mãe e, logo que nasce, o bebê demonstra muito interesse pela voz humana, reconhecendo diferentes vozes.

É necessário destacar que todos os sistemas sensoriais se desenvolvem antes do nascimento: tato, equilíbrio, olfato, paladar e audição, com exceção da visão, que atingirá sua maturidade somente após o nascimento.³⁵ Vauclair afirma:

Os cinco sentidos (visão, audição, tacto, paladar e olfacto) estão funcionais à nascença na criança cuja gravidez chegou ao termo. Aliás, essa capacidade funcional já existe desde o final do segundo semestre da vida pré-natal, à exceção da visão que conhece um desenvolvimento mais tardio. As crianças vêm ao mundo com um equipamento notavelmente funcional no plano perceptivo, que lhes permite organizar e tratar as principais informações necessárias à percepção do seu meio.³⁶

Aos poucos, o bebê começa a perceber que, quando sente algum mal-estar interno (fome, por exemplo), se ele chorar, receberá algo (leite, no caso) que acabará com aquele mal-estar. E, assim, o conhecimento do bebê vai se ampliando à medida que ele entra em contato com diferentes sensações e experiências.

O bebê descobre o mundo através da ação que efetua sobre as coisas, quer seja tocando um objeto, ouvindo o barulho produzido por um objeto ou “experimentando” um objeto, pois, nessa fase, tudo o que ele pega, coloca na boca. Através dessas experiências, ele começa a assimilar e compreender o mundo em que vive. Nesse sentido, Lins destaca que:

O desenvolvimento cognitivo da criança nestes dois primeiros anos de vida está inteiramente ligado aos aspectos não só sensoriais como da própria evolução motora. A cada nova conquista da inteligência corresponde uma capacidade motora também nova e vice-versa. [...] As ações do bebê

³⁴ BASSEDAS, HUGUET, SOLÉ, 1999, p. 36.

³⁵ VAUCLAIR, 2004. p. 59.

³⁶ VAUCLAIR, 2004, p. 83.

acontecerão num conjunto sensório-motor, onde tanto o aspecto sensorial como o motor têm o seu papel a ser exercido. Quando o bebê nasce traz consigo uma organização sensorial indispensável que vai lhe permitir a descoberta do mundo. É através dos sentidos que a criança conhece, explorando o seu meio ambiente e percebendo assim os objetos e diferenciando-os.³⁷

É possível afirmar então que, com relação ao desenvolvimento cognitivo, a criança primeiramente aprende através de suas percepções e ações que realiza sobre os objetos, e, depois, com o acesso à função simbólica, aprende na interação com tudo e com todos os que a cercam.

Piaget, que foi um dos grandes estudiosos do desenvolvimento humano e de como o conhecimento é adquirido e mudado de acordo com a idade, defendeu a ideia de que a criança aprende através das relações que estabelece com o meio e com as pessoas.³⁸ Para Piaget, “a inteligência vai se aprimorando na medida em que a criança estabelece contato com o mundo, experimentando-o ativamente”.³⁹ Arribas destaca que, para Piaget, o desenvolvimento vem antes da aprendizagem.⁴⁰

De acordo com Piaget, todo processo de aprendizagem passa por dois processos básicos: Adaptação e Organização. O primeiro refere-se a capacidade de adaptar-se ao ambiente e divide-se em: Assimilação, processo em que o indivíduo usa as estruturas mentais que já possui para realizar determinada atividade, e Acomodação, processo no qual o indivíduo cria novas estruturas, pois as que possui não são suficientes para realizar determinada atividade. O segundo, a organização, é a capacidade de articular os processos de assimilação e acomodação e reorganizar o conjunto de estruturas mentais já existentes no indivíduo.⁴¹

Piaget dividiu as fases do desenvolvimento humano em quatro estágios: sensório-motor (0-24 meses); pré-operacional (2-7 anos); operacional concreto (7-11,12 anos) e operacional formal (12 anos em diante).⁴² As crianças de 0 a 2 anos estão no estágio sensório-motor que

Representa a conquista, através da percepção e dos movimentos, de todo o universo prático que cerca a criança. [...] O período de bebê é, sem dúvida, bastante complexo do ponto de vista do desenvolvimento, pois nele irá

³⁷ LINS, M. J. S. D. C. *A estruturação da inteligência do pré-escolar segundo Piaget*. Rio de Janeiro: Anima, 1984. p. 78.

³⁸ FELIPE, J. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. (Orgs.) *Educação Infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 30.

³⁹ FELIPE, J. In: CRAIDY, KAERCHER, 2001, p. 30.

⁴⁰ ARRIBAS, 2004, p. 44.

⁴¹ BIAGGIO, Â. M. B. *Psicologia do desenvolvimento*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 60.

⁴² RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. D. R.; DAVIS, C. *Psicologia do desenvolvimento: teorias do desenvolvimento, conceitos fundamentais*. São Paulo: EPU, 1981. p. 66-74.

ocorrer a organização psicológica básica em todos os aspectos (perceptivo, motor, intelectual, afetivo, social). Do ponto de vista do autoconhecimento, o bebê irá explorar seu próprio corpo, conhecer os seus vários componentes, sentir emoções, estimular o ambiente social e ser por ele estimulado, e assim irá desenvolver a base do seu autoconceito.⁴³

A característica principal deste estágio é que o desenvolvimento cognitivo é puramente sensorial e motor. De acordo com Biaggio: “A criança percebe o ambiente e age sobre ele”.⁴⁴ Isso quer dizer que, nessa fase, a inteligência é prática, sem representação ou pensamento. Aos poucos ela vai passando da fase em que seus movimentos são somente reflexos para uma fase em que seus movimentos são planejados, quando quer pegar um objeto intencionalmente, por exemplo.

O estágio sensório-motor divide-se em 6 subestágios:

- Reflexos (Nascimento-1 mês) – Nesse estágio, o bebê reage apenas através dos reflexos; essas reações são respostas predeterminadas e ainda não podem ser chamadas de ações inteligentes.⁴⁵

- Reações circulares primárias (1-4 meses) – Nessa etapa, o bebê apresenta alguns movimentos aleatórios que repete várias vezes.⁴⁶ Quando, casualmente, a criança faz alguma coisa que traz um resultado satisfatório para ela, ela tem a tendência de repeti-lo. Demonstra curiosidade e imitação. Nesse estágio, o bebê ainda não conserva objetos, isto é, quando algum objeto, ou mesmo uma pessoa, sai do seu campo visual, para o bebê ela não existe mais.⁴⁷

- Reações circulares secundárias (4-8 meses) - Nesse estágio, o bebê inicia a manipulação de objetos. No estágio anterior, repetia coisas relacionadas a seu corpo, nesse, porém, repete atitudes relacionadas a outros objetos. Já consegue encontrar objetos escondidos.⁴⁸ Nesse estágio, surgem duas novas formas de atividades: a imitação e o jogo.⁴⁹

- Coordenação de esquemas secundários (8-12 meses) – Nessa etapa, além de manipular objetos, o bebê utiliza meios diversos para alcançá-los. É capaz de imitar comportamentos que já existem em seu conhecimento.⁵⁰ Lins destaca que

⁴³ RAPPAPORT, FIORI, DAVIS, 1981, p. 66,67.

⁴⁴ BIAGGIO, 1988, p. 62.

⁴⁵ LINS, 1984, p. 84.

⁴⁶ LINS, 1984, p. 87.

⁴⁷ BIAGGIO, 1988, p. 62.

⁴⁸ BIAGGIO, 1988, p. 62.

⁴⁹ LINS, 1984, p. 91.

⁵⁰ BIAGGIO, 1988, p. 62.

“É somente nesta quarta etapa que a criança conseguirá plenamente fazer a nítida distinção entre os ‘meios’ e os ‘fins’”.⁵¹

- Reações circulares terciárias (12-18 meses) – Nesse estágio, “a criança procura novos meios e os aplica sobre situações já construídas. A criança age sobre o mundo interessada nos possíveis efeitos de sua própria ação”.⁵² Passa a imitar ações completamente novas. O bebê cria novas formas de brincar com os objetos.⁵³

- Início do pensamento representativo (18-24 meses) – Este é o estágio de transição e nele acontece uma grande conquista para o bebê: o início da linguagem. O pensamento já está presente na criança e ela inicia nessa fase o uso de símbolos mentais e palavras para referir-se a objetos que não estão presentes.⁵⁴ Sobre essa etapa, Lins afirma:

Após a “aplicação dos meios conhecidos a situações novas”, característica típica da quarta etapa, e da “descoberta de novos meios por experimentação ativa” que identifica a quinta etapa, segue-se, como evolução da construção da inteligência, a “invenção de novos meios por combinação mental” o que irá determinar uma nova etapa. Com a chegada à sexta e última etapa do desenvolvimento sensório-motor, a criança se apresenta bem diferente do bebê recém-nascido, guiado pelos reflexos e incapaz de uma ação inteligente propriamente dita.⁵⁵

Faz-se necessário destacar que é no estágio sensório-motor que a construção básica da inteligência é realizada. Por isso, é importante que as crianças dessa idade sejam estimuladas e tenham um espaço adequado para se desenvolver. Lins ressalta:

Fazer as coisas que a criança já pode, ou que pretende experimentar, em vez de deixá-la tentar, é impedir que ela tenha a oportunidade da descoberta. Antecipar situações leva à ausência da inventividade e não deixa margem para a combinação de meios e o uso de recursos novos tão importantes para a construção da inteligência. Resolver os pequenos problemas da vida da criança, tais como, apanhar objetos que ela mesmo poderia fazê-lo não ajuda em nada ao seu desenvolvimento, muito pelo contrário, cerceia a atividade intrínseca, essencial e indispensável.⁵⁶

Outro fator de grande importância para o desenvolvimento cognitivo da criança é a linguagem. Desde seu nascimento até por volta de um mês de idade o único som produzido pelo bebê é o choro. Bee e Boyd destacam que:

A função básica do choro de um bebê, obviamente, é sinalizar uma necessidade. Visto que os bebês não podem se mover para perto de alguém, eles têm que trazer alguém até eles, e o choro, nesse caso, é a principal

⁵¹ LINS, 1984, p. 94.

⁵² LINS, 1984, p. 94.

⁵³ BIAGGIO, 1988, p. 62.

⁵⁴ BIAGGIO, 1988, p. 62.

⁵⁵ LINS, 1984, p. 95,96.

⁵⁶ LINS, 1984, p. 98,99.

forma para atrair atenção. De fato, os bebês têm todo um repertório de sons de choro, com choros diferentes para dor, raiva ou fome.⁵⁷

A partir de um mês, o bebê produz alguns sons que são chamados de gorjeios (normalmente a vogal u). Dos seis meses em diante, o bebê produz sons que são chamados de balbucios. A maioria dos bebês não fala suas primeiras palavras antes dos onze ou doze meses.⁵⁸ Dos doze aos dezoito meses, ele já consegue unir duas ou mais palavras. Dos dezoito aos vinte e quatro meses, melhora e amplia muito sua linguagem. “A partir dos dois anos, a linguagem acompanha todas as suas ações. Aos poucos, vão interiorizando-a e será cada vez mais um instrumento de pensamento, além de uma ferramenta de comunicação”.⁵⁹

A compreensão do significado de determinadas palavras faladas para o bebê se evidencia em torno dos 9 ou 10 meses. Bee e Boyd salientam:

Visto que bebês de 9 a 13 meses geralmente falam poucas palavras individuais, se falarem, achados como esses tornam claro que a linguagem receptiva vem antes da linguagem expressiva. As crianças entendem antes de poderem falar. Bebês de 9 ou 10 meses já estão aprendendo ativamente a língua à qual está escutando.⁶⁰

O quadro a seguir apresenta um calendário de desenvolvimento da produção das primeiras vocalizações às primeiras palavras:⁶¹

Idade	Capacidade
Nascimento	Choros, grunhidos, suspiros, pequenos gritos
Entre 1 e 2 meses	Aparecimento do gorjeio: vocalizações sobretudo de vogais, depois de consoantes
Entre 3 e 6 meses	Emergência do palrar: combinações simples consoante-vogal Palrar duplicado: repetição da mesma combinação consoante-vogal
Entre 9 e 10 meses	Palrar diversificado: combinações complexas consoantes-vogais
Por volta dos 12 meses	Produção das primeiras palavras
Entre 12 e 20 meses	Produção de palavras únicas, a palavra designa uma ideia: holofrase

Como pode-se observar, os bebês se comunicam desde que nascem, principalmente através do choro. Porém, aos poucos vão ampliando sua linguagem e aos 2 anos já podem falar pequenas frases. Sendo assim, a estimulação é necessária e importante para que os bebês ampliem sua linguagem e, conseqüentemente, se desenvolvam cognitivamente.

⁵⁷ BEE, BOYD, 2011, p. 96.

⁵⁸ BEE, 1984, p. 146-149.

⁵⁹ BASSEDAS, HUGUET, SOLÉ, 1999, p. 42.

⁶⁰ BEE, BOYD, 2011, p. 230.

⁶¹ VAUCLAIR, 2004, p. 237.

1.3 Desenvolvimento Afetivo

Desde que nasce, a criança necessita de muitos cuidados; é totalmente dependente daqueles que a cuidam. Ela precisa, então, estabelecer relações com aqueles que estão perto dela. E é nessa interação que ela desenvolve sua personalidade, sua identidade e suas potencialidades. Bee e Boyd afirmam:

O bebê sinaliza suas necessidades chorando ou sorrindo; ele olha para seus pais quando eles olham para ele. Os pais, por sua vez, entram nessa dança interativa com seu próprio repertório de comportamentos de cuidados. Eles pegam o bebê no colo quando ele chora, aguardam e respondem a seus sinais de fome ou de alguma outra necessidade, e assim por diante. [...] Uma das coisas mais intrigantes sobre esse processo é que todos os seres humanos parecem saber como fazer essa dança particular – e a fazem de formas muito semelhantes. Na presença de um bebezinho, a maioria dos adultos automaticamente exibe um padrão característico de comportamentos interativos, incluindo sorrir, erguer as sobrancelhas e arregalar os olhos.⁶²

A partir do nascimento até os dois anos, a criança é, geralmente, envolvida por um ambiente afetivo, de proteção, segurança e carinho. É nesse ambiente que ela desenvolve seu físico, seu cognitivo e sua personalidade. Conforme Bassedas, Huguet e Solé, “Inicia-se um processo de socialização que permitirá a construção progressiva de elementos que lhe permitem atuar e ver como pessoa em um determinado ambiente social”.⁶³

A criança estabelece vínculos afetivos com quem cuida dela. Bassedas, Huguet e Solé destacam que “A vinculação afetiva desenvolve-se através da repetição das situações de cuidados dispensados ao bebê e nas situações repetitivas de sua alimentação”.⁶⁴ Aos três meses, o bebê já começa a conhecer as pessoas que estão sempre ao redor dele e é com elas que ele cria seus primeiros vínculos afetivos. Até um ano e meio de idade, aproximadamente, ele só sente segurança e proteção com essas pessoas. Aos poucos, ele vai percebendo que, mesmo na ausência da pessoa, pode contar com ela, se precisar, e vai se tornando mais autônomo e independente.

As autoras afirmam que, aos dois anos, a criança começa a se tornar mais autônoma, já se reconhece no espelho, sabe o nome das pessoas que a rodeiam, entende que tem coisas que ela pode fazer e outras que não pode, identifica as coisas que são suas, passa a formar uma maneira de ser e manifestar seu caráter. É a fase de início da autonomia e, por isso, de muitos conflitos que devem ser superados com o auxílio das pessoas que cercam a criança. Por isso, é fundamental que as pessoas

⁶² BEE, BOYD, 2011, p. 309.

⁶³ BASSEDAS, HUGUET, SOLÉ, 1999, p. 43.

⁶⁴ BASSEDAS, HUGUET, SOLÉ, 1999, p. 44.

que cuidam da criança demonstrem muito carinho, amor e cuidado, além de dar limites, ensinar o que se pode e o que não se pode fazer, para que a criança construa seu caráter de forma equilibrada e não venha a ter desvios de caráter no futuro.⁶⁵

Conforme Bassedas, Huguet e Solé, importante também para a aquisição da autonomia na criança é o gradativo controle das necessidades fisiológicas e a capacidade de alimentar-se sozinha. Até os cinco anos de vida, a criança conseguirá realizar de maneira eficaz essas duas aptidões.⁶⁶

As experiências que a criança vivencia em todos os ambientes, ao longo dos anos, fazem com que ela produza uma imagem e um conhecimento de si mesma, e isso vai influenciar na sua autoestima. De acordo com Bassedas, Huguet e Solé,

Uma das características propostas pela criação e educação é que a criança desenvolva uma auto-estima adequada (adaptada às próprias características, com importantes doses de valorização positiva, de confiança nas próprias possibilidades, com conhecimento das dificuldades, etc.), já que essa dimensão da identidade pessoal facilita a saúde mental, o êxito escolar e a possibilidade de estabelecer relações sócioconstrutivas.⁶⁷

Portanto, é fundamental que a criança tenha uma boa imagem de si mesma e que confie nas suas possibilidades; para isso, é importantíssimo que os pais e mães parabenizem a criança por suas atitudes corretas e a auxiliem e incentivem nas atitudes em que tem dificuldade.

A vida é repleta de emoções e sentimentos, e as crianças também se expressam e demonstram o que estão sentindo. As emoções são vivências de afeto que chegam de repente, geralmente nas crises. Segundo Arribas, “Tanto as emoções agradáveis como as desagradáveis são necessárias para o desenvolvimento equilibrado da personalidade infantil”.⁶⁸ Os sentimentos são vivências de afeto duráveis, estáveis e complexas. Podem ser divididos em: sentimentos ligados ao “eu” e dirigidos a um objeto.

É interessante observar que as crianças passam a mostrar interesse por outros bebês por volta dos 6 meses. Já dos 14 aos 18 meses, as crianças podem brincar juntas, lado a lado, com diferentes brinquedos. A partir dos 18 meses é que elas demonstram brincadeiras coordenadas, como perseguir ou imitar o que a outra fez com o brinquedo.⁶⁹ Goldschmied e Jackson afirmam:

⁶⁵ BASSEDAS, HUGUET, SOLÉ, 1999, p. 44.

⁶⁶ BASSEDAS, HUGUET, SOLÉ, 1999, p. 45.

⁶⁷ BASSEDAS, HUGUET, SOLÉ, 1999, p. 45.

⁶⁸ ARRIBAS, 2004, p. 46.

⁶⁹ BEE, BOYD, 2011, p. 321.

A opinião de que os bebês não estão interessados uns nos outros talvez seja originária da nossa própria dificuldade de reconhecer que, mesmo nessa tenra idade, os bebês podem criar para si, por curtos períodos, um pequeno ambiente social uns com os outros, no qual nós, como adultos, temos um papel apenas marginal.⁷⁰

Erikson, ao estudar o desenvolvimento humano, identificou oito estágios psicossociais, são eles: confiança básica, autonomia, iniciativa, diligência, identidade, intimidade, generatividade e integridade do ego.

Os estágios que Erikson propôs, chamados estágios psicossociais, são influenciados muito menos pelo amadurecimento e muito mais por demandas culturais comuns para crianças de uma determinada idade. [...] Na visão de Erikson, toda criança passa por uma sequência fixa de tarefas, cada uma centrada no desenvolvimento de uma determinada faceta da identidade.⁷¹

Os bebês, do nascimento até o primeiro ano de vida, encontram-se no primeiro estágio, “confiança básica x desconfiança básica”. Nesse estágio, precisam “desenvolver confiança na mãe ou cuidador central e na própria capacidade de fazer as coisas acontecerem, um elemento chave em um apego seguro precoce”.⁷² No segundo estágio, “autonomia x vergonha e dúvida”, estão as crianças de 2 e 3 anos, que precisam “desenvolver habilidades de andar, agarrar e outras habilidades físicas que levam à livre escolha; completar o treinamento da toalete, a criança aprende controle, mas pode desenvolver vergonha se não manejado adequadamente”.⁷³

É importante que a criança viva num ambiente agradável, seguro e tranquilo, em que ela se sinta protegida, amada e segura. É fundamental que ela interaja com todos que a cercam para que construa sua identidade e desenvolva suas potencialidades. É imprescindível que ela seja estimulada para que consiga ampliar seu conhecimento e demonstrar suas capacidades e habilidades.

1.4 Desenvolvimento Espiritual

Quando nasce a fé? A partir de que momento a fé é identificada na vida de um bebê? Quais sinais indicam que o bebê tem fé? Esses são questionamentos que ainda não têm respostas definitivas, somente algumas possibilidades e caminhos através de estudos e pesquisas. Antes de referir-se especificamente ao desenvolvimento da fé nos bebês, faz-se necessário apresentar algumas definições

⁷⁰ GOLDSCHMIED; JACKSON, 2008, p. 120.

⁷¹ BEE, BOYD, 2011, p. 36.

⁷² BEE, BOYD, 2011, p. 271.

⁷³ BEE, BOYD, 2011, p. 271.

importantes sobre a fé. O dicionário Michaelis traz os seguintes significados para a palavra fé:

1. Convicção da existência de algum fato ou da veracidade de alguma asserção; credulidade, crença. 2. Conjunto de ideias e crenças de determinada religião ou doutrina. 3. A primeira das três virtudes teológicas. 4. Fidelidade a compromissos e promessas; confiança, crédito: Homem de fé. 5. Confirmação de algum fato; comprovação, corroboração, validação. 6. JUR Credibilidade que se deve atribuir ao fato (ou ao documento) em que se fundamenta, daí resultando a veracidade mesma do fato; verdade afirmada.⁷⁴

Como pode-se perceber, fé é uma palavra que tem vários sentidos dependendo do contexto em que é utilizada. O site InfoEscola apresenta a seguinte explicação:

Ter fé é crer firmemente em algo, sem ter em mãos nenhuma evidência de que seja verdadeiro ou real o objeto da crença. Este termo vem do grego *pistis*, traduzido por confiança, firme convencimento. Assim, a palavra fé pode ser entendida como acreditar, confiar. A fé não demanda provas materiais, pode surgir sem nenhum motivo aparente, estar ligada a razões ideológicas, emocionais, religiosas, ou a outra razão qualquer.⁷⁵

Analisando essas definições, pode-se afirmar de uma forma bem simples e sucinta que fé é crer/confiar em algo ou alguém, mesmo que não se tenha provas visíveis e palpáveis de sua existência. Convém ressaltar que, mesmo no cristianismo, se pode diferenciar a fé, utilizando uma explicação simplificada, entre fé comum, que é crer que Deus existe, e fé salvífica, que é crer na obra redentora de Jesus. Esse trabalho não se refere à fé salvífica, mas sim à fé no sentido de crer em algo ou alguém, nesse caso, Deus.

James W. Fowler (1940-2015), que foi professor de teologia e desenvolvimento humano nos EUA, é importante referência nas pesquisas com relação ao desenvolvimento da fé, tendo construído uma teoria dos *Estágios da Fé*, a qual está baseada nos estudos das teorias de Jean Piaget (1896-1980), Erik Erikson (1902-1994) e Lawrence Kohlberg (1927-1987). Em seu livro *Estágios da Fé*, ele apresenta vários aspectos e características da fé, entre eles, destaca-se:

[...] a fé é uma resposta à ação e ao ser que precede e transcende a nós e a nossa espécie; a fé é a formação de imagens de, e relação com, aquilo que exerce em nossa vida iniciativas que são qualitativamente diferentes daquelas que ocorrem em relações estritamente humanas.⁷⁶

⁷⁴ MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Online*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

⁷⁵ SANTANA, A. L. O que é fé? *Infoescola*, 2007. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/religiao/o-que-e-fe/>>. Acesso em: 17 Jul. 2016.

⁷⁶ FOWLER, J. W. *Estágios da Fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. Tradução de Júlio Paulo Tavares Zabatiero. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 39.

Indo ao encontro deste conceito, Amatuzzi, em um artigo sobre o desenvolvimento religioso, diferencia fé humana de fé religiosa:

O termo **fé**, em geral, ou **fé humana**, [...] refere-se àquilo que, para a pessoa, na prática, lhe dá o sentido último de viver, seja lá o que for; seja alguma coisa que realmente mereça fé, seja alguma coisa que não o mereça. [...] É nossa confiança básica, aquilo pelo que vivemos. Seu oposto seria uma forma básica de não confiar, e conseqüentemente de fechar-se. [...] A fé se torna **fé religiosa** quando passa a ter um objeto transcendente, um pólo objetivo absoluto incondicionado, afirmado implicitamente no interior do próprio dinamismo de confiança que a constitui.⁷⁷

Interessante relacionar a “primeira idade” da teoria das “Oito Idades do Homem” proposta por Erik Erikson a essa definição de fé humana apresentada por Amatuzzi, pois ela denomina-se “Confiança Básica *versus* Desconfiança Básica”. De acordo com Erikson, “A primeira demonstração de confiança social da criança pequena é a facilidade de sua alimentação, a profundidade de seu sono e a relaxação de seus intestinos”.⁷⁸ Ele afirma que a mutualidade criada entre o bebê e seus pais ou cuidadores é decisiva para a confiança não somente neles, mas também em si mesmo futuramente. Criando um paralelo com a fé humana apresentada por Amatuzzi, pode-se entender que, possivelmente, a pessoa desenvolverá sua fé se nos primeiros anos de sua vida tiver passado por essa primeira idade de conflito entre confiança básica *versus* desconfiança básica, tendo preponderado em suas relações com seus provedores o sentimento de confiança básica.

Por isso a importância da qualidade da relação materna com o bebê. A respeito disso, Erikson destaca “[...] a soma de confiança derivada das primeiras experiências infantis não parece depender de quantidades absolutas de alimento ou de demonstrações de amor, mas antes da qualidade da relação materna”.⁷⁹ Essas experiências criam um sentimento de confiança através do cuidado sensível e do sentimento de fidedignidade pessoal que criará na criança a base para uma formação de sua identidade e, posteriormente, da sua fé. Sendo assim, Fowler ressalta que:

A qualidade da primeira mutualidade da criança provavelmente exercerá um poder paradigmático ou padronizador em suas formas de enfrentar futuros relacionamentos. Quando a proporção entre confiança e desconfiança é favorável, surge aquela virtude ou força do ego que chamamos de *esperança*.⁸⁰

⁷⁷ AMATUZZI, M. M. Esboço da teoria do desenvolvimento religioso. In: PAIVA, G. J. D. (Org.) *Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 30.

⁷⁸ ERIKSON, E. *Infância e sociedade*. Tradução de Gildásio Amado. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971. p. 227.

⁷⁹ ERIKSON, 1971, p. 229.

⁸⁰ FOWLER, 1992, p. 55.

Iris Serbena, em seu livro *Fé e vida crescem juntas*, ressalta: “A infância é tempo de abrir caminhos, é tempo de semear a fé”.⁸¹ Está comprovado pela ciência que as primeiras impressões, sejam elas positivas ou negativas, recebidas pelos bebês, perdurarão para toda a vida. O desenvolvimento da fé nessa fase ainda é um assunto pouco explorado, pois trata-se de uma fase em que a linguagem está em formação. No entanto, faz-se necessário destacar que,

A fé é um universal humano. Ao nascer, somos dotados com capacidades inatas para a fé. A maneira pela qual essas capacidades são ativadas e crescem depende grandemente de como somos recebidos no mundo e do tipo de ambiente em que crescemos. A fé é interativa e social, requer comunidade, linguagem, ritual e alimentação. A fé também é moldada por iniciativas que vêm de além de nós e de outras pessoas, iniciativas de espírito ou graça. A maneira pela qual essas iniciativas são reconhecidas e expressas em imagens, ou despercebidas e ignoradas, afeta poderosamente a configuração da fé em nossas vidas.⁸²

Os primeiros contatos com a fé na primeira infância têm tanta importância que influenciam a fé para a vida toda. Fowler salienta que as primeiras experiências de fé e fidelidade na vida das pessoas começam com o nascimento: o grau de fidelidade pela qual os adultos recebem e acolhem os bebês produz, nestes, as primeiras intuições acerca de como é o mundo, de como eles o consideram e se podem se “sentir em casa” nele.⁸³

Esse senso de fidedignidade e confiabilidade que os pais ou provedores transmitem ao bebê ocorre mais pela qualidade e consistência de seus cuidados do que pela quantidade de alimentos que proporcionam. Fowler afirma que, segundo Erikson,

O estabelecimento de uma mutualidade confiável entre os provedores e o bebê, expressa e renovada diariamente em rituais de cuidado e interação, proporciona um fundamento que capacita o infante a manter confiança face às separações e à diluída atenção maternal da segunda metade do primeiro ano.⁸⁴

Os bebês experimentam o mundo através de suas ações. Os estímulos que eles recebem dos adultos que os cercam são importantes para seu desenvolvimento saudável. Fowler destaca que, para os bebês, “Ainda não há “eu” e “outro”. Por todo o primeiro ano, e até os 18 meses, a criança está envolvida na gradual

⁸¹ SERBENA, I. M. B. *Fé e vida crescem juntas*: para pais e educadores. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 27.

⁸² FOWLER, 1992, p. 10, 11.

⁸³ FOWLER, 1992, p. 25.

⁸⁴ FOWLER, 1992, p. 54.

descentralização do eu”.⁸⁵ Com o processo de crescimento, aos poucos, a criança irá perceber que o “outro” existe e não é uma prolongação de si mesmo. Segundo Fowler,

Aos quatro meses, tipicamente, eles não procuram os objetos ocultos. “Longe dos olhos, longe da mente”. Na idade de sete ou oito meses, podemos inferir que a criança desenvolveu estruturas de pensamento que a capacitam a construir e reter uma imagem mental do objeto colocado fora do lugar.⁸⁶

Fowler destaca que, segundo Piaget, o pensamento das crianças, nessa idade, é puramente sensório-motor, mas já possuem a capacidade de “construção de esquemas rudimentares de espaço, tempo, causalidade e da permanência de objetos. [...] A inteligência sensório-motora, porém, é pré-linguística e pré-simbólica”.⁸⁷ Nesse sentido, Serbena destaca que

A linguagem do corpo, dos sentidos, dos gestos e das experiências é anterior à palavra. O corpo é a primeira camada que a fé penetra antes de atingir a inteligência. Mas no coração desembarca para ficar, crescer, viver e se expressar.⁸⁸

Quando a linguagem surge e se aperfeiçoa, a criança está pronta para o próximo estágio de desenvolvimento cognitivo. De acordo com Fowler, a fé na vida do ser humano passa por 6 estágios. Cada estágio começa com uma crise / um conflito entre as possibilidades abertas pelas novas capacidades e sua possível não-integração na vida da pessoa. As crianças em fase de lactância classificam-se no pré-estágio que ele chama de “Fé Indiferenciada”.

Fowler indica que todas as pessoas começam a “peregrinação da fé” ainda quando bebês, pois nessa fase, através das relações de mutualidade, são lançadas na vida do bebê sementes de confiança, coragem, esperança e amor. Em contrapartida, o bebê sente ameaças de abandono e contradições no ambiente em que está.⁸⁹ As experiências vividas no primeiro ano de vida são determinantes para todo desenvolvimento biopsicossocial e espiritual de um bebê. Se forem positivas, contribuirão para o desenvolvimento da fé, mas, se forem negativas, prejudicarão tudo que virá, posteriormente, no desenvolvimento da fé. De acordo com Fowler,

A força da fé que surge neste estágio é o fundo de confiança básica e a experiência relacional de mutualidade com a(s) pessoa(s) que dispensa(m) os cuidados e amor primários. O perigo ou deficiência neste estágio é uma falha de mutualidade em qualquer das duas direções. Ou pode surgir um narcisismo excessivo, no qual a experiência de ser “central” continua a dominar e distorcer a mutualidade, ou experiências de negligência ou

⁸⁵ FOWLER, 1992, p. 53.

⁸⁶ FOWLER, 1992, p. 53.

⁸⁷ FOWLER, 1992, p. 53.

⁸⁸ SERBENA, 1986, p. 34.

⁸⁹ FOWLER, 1992, p. 106.

inconsistências podem encerrar o bebê em padrões de isolamento e mutualidade falha.⁹⁰

Fowler afirma que as “primeiras pré-imagens de Deus” se originam neste pré-estágio. Nesse sentido, Serbena destaca que “A criança encontra Deus e a fé no próprio ambiente em que vive”.⁹¹ Ela enfatiza que as atitudes de fé dos pais são determinantes para uma progressiva compreensão de Deus.⁹² A confiança básica é criada pelos pais através dos seus exemplos:

O conhecimento de Deus é, antes, um encontro com os pais. A criança constrói, aos poucos, a imagem de Deus com os elementos recebidos dos adultos. [...] A criança percebe-se unida a Deus quando ligada aos pais. [...] A fé que deposita nos pais projeta-se para Deus. [...] A fé que a criança tem nos pais define o tipo de fé adulta para com Deus.⁹³

O primeiro estágio, chamado por Fowler de “Fé Intuitivo-Projetiva”, abrange as crianças de 2 até 6 ou 7 anos e é descrito, por ele, como sendo uma “fase fantasiosa e imitativa na qual a criança pode ser influenciada de modo poderoso e permanente por exemplos, temperamentos, ações e histórias da fé visível dos adultos com os quais ela mantém relacionamentos primários”.⁹⁴

Nessa fase, as crianças utilizam as novas habilidades da fala e da representação simbólica para organizar as suas experiências, fazendo com que elas tenham sentido para sua vida. Fowler salienta a grande responsabilidade que os educadores (pais, professores, cuidadores) precisam ter com a qualidade das imagens e histórias que contam como “dons e guias para a fértil imaginação das crianças”.⁹⁵

Nesse sentido, Serbena afirma: “Antes dos 4 anos, Deus é assimilado pela criança, principalmente, pela maneira – certa ou errada – como os pais lhe falam dele, colocando-o em sua vida”.⁹⁶ A autora adverte da seriedade que é falar de Deus para as crianças antes dos 3 ou 4 anos. Ela salienta que o perigo é colocar na criança imagens distorcidas de Deus. A maneira inadequada de falar pode causar deformações do rosto de Deus. Ela cita exemplos como Deus vingador, Deus “vaivém”, Deus “dedo-duro” e Deus “enciclopédia” e recomenda que essas imagens de Deus não sejam colocadas no coração das crianças, e, sim, “o Deus que ama, que

⁹⁰ FOWLER, 1992, p. 106,107.

⁹¹ SERBENA, 1986, p. 34.

⁹² SERBENA, 1986, p. 35.

⁹³ SERBENA, 1986, p. 36, 37.

⁹⁴ FOWLER, 1992, p. 116.

⁹⁵ FOWLER, 1992, p. 108, 116.

⁹⁶ SERBENA, 1986, p. 14.

está sempre presente, que liberta, que se oferece, aguarda e espera sempre seus filhos no amor sem fim, na plena confiança”.⁹⁷ Segundo Fowler,

O dom ou força emergente deste estágio é o nascimento da imaginação, a capacidade de unificar e captar o mundo da experiência em poderosas imagens e conforme ele é apresentado em histórias que registram as compreensões e sentimentos intuitivos da criança no tocante às condições últimas da existência. Os perigos deste estágio surgem da possível “possessão” da imaginação da criança por imagens irrestritas de terror e destrutividade, ou da exploração, consciente ou não, de sua imaginação ao se reforçarem tabus e expectativas morais ou doutrinárias.⁹⁸

Analisando tudo isso, pode-se inferir que a fé já está presente na vida dos bebês de 0 a 2 anos. AmatuZZi destaca:

No primeiro ano de vida, contudo, não tem sentido falar de uma religião pessoal, a não ser enquanto confundida com essa experiência geral de confiar. E também não tem sentido falar de algum sistema religioso a não ser em termos de religião da família, que estaria sendo passada nas entrelinhas de todos os gestos de cuidado.⁹⁹

Indo ao encontro de Fowler, AmatuZZi destaca que, a partir do primeiro ano de vida do bebê, a fé religiosa se apresenta implícita à fé religiosa das pessoas significativas, da família.¹⁰⁰ Ele ressalta que “O religioso não é algo que se acrescenta ao humano como um elemento estranho. Pelo contrário, ele aparece na linha do próprio desenvolvimento, como uma exigência quase natural”.¹⁰¹ Serbena salienta:

Mais valem os exemplos, o modo de ser dos adultos, do que propriamente as palavras. A criança compreende a “linguagem de carne e sangue” observando gestos, ações, decisões e reações das pessoas. Antes de qualquer palavra, a maneira de ser e viver dos pais ajuda ou atrapalha a caminhada de fé dos filhos.¹⁰²

AmatuZZi, analisando as teorias de Erikson e de Fowler, descreveu o que ocorre com os bebês em termos de desenvolvimento religioso:

BEBÊ: primeiro ano de vida
 Desafio central: passar do sonho à realidade.
 Descoberta-aceitação: de um mundo independente do eu.
 Experiência básica: experiência de confiar.
 Deficiência na experiência básica: levando a uma referência operativa autocentrada.
 Consequência religiosa posterior dessa deficiência: impossibilidade de uma forma religiosa que afirme o objeto religioso autenticamente (a não ser que haja uma reconstrução da experiência básica).
 Fé: confiança básica realizando-se na aceitação do mundo. Ou desconfiança, concretizando-se numa negação total ou prática do mundo, ou em tentativas de controle autocentrado.

⁹⁷ SERBENA, 1986, p. 39-41.

⁹⁸ FOWLER, 1992, p. 117.

⁹⁹ AMATUZZI, In: PAIVA, 2001, p. 38.

¹⁰⁰ AMATUZZI, In: PAIVA, 2001, p. 41.

¹⁰¹ AMATUZZI, In: PAIVA, 2001, p. 49,50.

¹⁰² SERBENA, 1986, p. 33.

Fé religiosa: não tem sentido ainda falar da explicitação de um objeto transcendente absoluto da confiança básica, a não ser como possibilidade futura.

Forma religiosa: também ainda não tem sentido falar de uma concretização do senso religioso, a não ser como totalmente implícita na confiança básica.

Sistema religioso: religião de família, ou sistema de interpretação global do mundo, passando através dos gestos de cuidado.¹⁰³

Como pode-se perceber, a importância dos pais ou provedores, no primeiro ano de vida, é essencial para que a criança possa se desenvolver em todas as áreas, inclusive a fé. É por isso que, em muitas religiões, os pais batizam seus filhos quando bebês. A respeito disso, Serbena afirma:

Os pais querem suprir a incapacidade provisória de a criança responder, escolher e assumir tudo isso na fé. Por isso, ela é batizada na fé dos pais, amigos e parentes e de toda a comunidade. Daí, a responsabilidade imposta aos pais e à comunidade de dar à criança testemunho, experiência e convívio; enfim, condições que ela mais tarde assuma pessoalmente esse compromisso de fé.¹⁰⁴

Amatuzzi, resumindo o desenvolvimento religioso da criança no primeiro estágio, fé intuitivo-projetiva (primeira infância: 1 até 6 ou 7 anos) afirma que “a partir da entrada no mundo da linguagem, a criança consegue simbolizar suas imaginações. Cria símbolos e imagens arcaicas de Deus, ligadas a sentimentos de medo, culpa e amor”.¹⁰⁵

Essas pré-imagens de Deus, construídas na primeira infância, terão efeito sobre a vida toda. Antes mesmo de pronunciar o nome de Deus, “a criança terá sentido na pele e respirado o oxigênio da atmosfera de Deus”.¹⁰⁶ Jacobsen ressalta que com dois anos o bebê

[...] está conseguindo usar todos os sentidos físicos. Usa bem as mãos; anda. Sua vida emocional é variada; está começando a aprender como se expressar e como se controlar com as pessoas. Seu senso de ser amado e aceito está bem estabelecido. Estes dois anos lançaram os fundamentos de todo o seu desenvolvimento mental. Ele imita, lembra, imagina, e escolhe os meios para obter o que deseja. Começou a falar e está pronto para progredir rapidamente em sua fala. E seu rostinho já pode ser voltado na direção de Deus.¹⁰⁷

“Voltar o rostinho na direção de Deus” é ajudar a criança a desenvolver a sua fé. É oferecer caminhos da criança para Deus. É familiarizar a criança com a fé. De acordo com Serbena,

¹⁰³ AMATUZZI, In: PAIVA, 2001, p. 39.

¹⁰⁴ SERBENA, 1986, p. 26.

¹⁰⁵ AMATUZZI, In: PAIVA, 2001, p. 35.

¹⁰⁶ SERBENA, 1986, p. 33.

¹⁰⁷ JACOBSEN, M. B. *A criança no lar cristão*. Tradução de Wanda de Assumpção. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1989, p. 37.

Familiarizar a criança com a fé não é apenas falar de Deus a toda hora, rezar com ela, levá-la à igreja e ao culto, narrar-lhe os fatos bíblicos, transmitir-lhe por palavras os conceitos do catecismo. É também encaminhá-la para Deus, ensinar-lhe como deve levar a vida e responder às perguntas que a própria vida lhe faz; é dar-lhe condições de situar-se na vida com um bom objetivo.¹⁰⁸

Pohier destaca: “Para progredir, pois, a fé necessita de um contato cada vez mais íntimo e vivo com a Palavra Reveladora, isto é, no Cristianismo, com a própria pessoa de Cristo, Palavra de Deus encarnada e expressão da substância de Deus”.¹⁰⁹ Indo ao encontro disso, Serbena indica algumas maneiras para que a fé das crianças seja desenvolvida e assim elas conheçam a Deus:

1. **Deus é percebido mais pelo afeto que pelo intelecto** - Os momentos de doçura, paz, segurança, diálogo e alegria vividos com a criança fazem com que ela se sinta amada e aceita. “É sempre num momento marcado pelo afeto, pela confiança, pelo respeito, pelo silêncio ou por um fato significativo que a criança vive, fala e percebe Deus”.¹¹⁰

2. **A experiência antes do conceito** - No relato apresentado pelos autores dos evangelhos sinóticos (Mateus 19.13-15, Marcos 10.13-16, Lucas 18.15-17), algumas pessoas levaram as crianças para serem abençoadas por Jesus e os discípulos não queriam deixar (pois talvez considerassem que as crianças não eram importantes ou dignas da atenção do Mestre). Os evangelistas relatam que Jesus ficou indignado com eles, os repreendeu e abençoou aquelas crianças, demonstrando todo seu amor e deixando clara a importância que elas têm em seu reino. Nesse relato, Jesus não faz uma pregação para as crianças, mas usa a linguagem dos gestos: toca-as, abraça-as, abençoa-as. Serbena salienta que é “a linguagem da experiência que deve estar presente antes da linguagem das palavras e dos conceitos”.¹¹¹ E são as experiências que farão a criança perceber a presença de Deus.

3. **Responder naturalmente e com sinceridade** - A partir do momento em que começam a falar, as crianças iniciam um processo de questionamentos sobre tudo que está ao seu redor e sobre tudo o que ouvem. Essas perguntas precisam “ser respondidas de maneira compreensível, natural e sincera. Respostas sensatas e

¹⁰⁸ SERBENA, 1986, p. 14.

¹⁰⁹ POHIER, J. M. *Psicologia da inteligência e psicologia da fé: o sistema de Piaget aplicado à fé*. Tradução de Francisco A. C. Catão. São Paulo: Herder, 1971.

¹¹⁰ SERBENA, 1986, p. 44.

¹¹¹ SERBENA, 1986, p. 45.

responsáveis evitam que a criança forme a ideia de um Deus imaginário, irreal, fantasioso; um Deus mito”.¹¹²

4. **Os gestos são mais eloquentes do que as palavras** - Os exemplos dados pelos pais ou provedores ensinam mais do que as palavras que eles dizem. Serbena adverte que,

A maneira como tratamos a criança constitui a linguagem mais convincente através da qual ela vai formar sua primeira ideia de Deus. “A criança aprende aquilo que vive” e vive aquilo que vê. Ela aceita e acredita nos valores humanos e religiosos não tanto por aquilo que lhe falamos, mas por aquilo que fazemos. É importante *fazer* e não só *dizer*, pois o gesto é mais forte e verdadeiro do que a palavra.¹¹³

5. **Propor e predispor, nunca impor** - Serbena aconselha que se oportunize momentos em família em que assuntos variados sejam conversados, discutidos e avaliados. Esses momentos podem ter uma pergunta norteadora, para qual as respostas serão as mais variadas de acordo com as idades dos integrantes da família. “Na família, proporcionar ocasiões e predispor o ambiente para refletir sobre as coisas da vida é aproximar a criança de Deus, o qual não se impõe, mas se oferece”.¹¹⁴

6. **A educação da fé é contínua** - Proporcionar o desenvolvimento da fé é uma tarefa que começa cedo, porém nunca tem fim. A fé “abre um caminho através do qual a criança aprende a interpretar suas experiências de vida, ultrapassá-las e dar-lhes um verdadeiro sentido”.¹¹⁵

Esses conselhos apresentados por Serbena são muito úteis para pais ou pessoas que desejam auxiliar os bebês a desenvolverem sua fé. É claro que é preciso adaptar a cada realidade e buscar novas ideias para que isso aconteça, mas nem por isso eles deixam de ter validade. A autora afirma que:

A aprendizagem se faz com experiência e participação. A fé, na criança, floresce por um processo semelhante, à medida que ela é levada a participar dos eventos e a manter contatos com pessoas, objetos e ambientes. [...] A fé deve evoluir na criança como a vida. Nasce informe e pequena, como o feto no ventre materno; cresce silenciosamente na obscuridade de sua pequenez, para, aos poucos, amadurecer, aparecer, resplandecer como adulto, no seio da sociedade.¹¹⁶

Sendo assim, observa-se que, além de ensinar para os bebês sobre a fé, os adultos precisam viver a fé. Suas ações precisam demonstrar a fé que professam com

¹¹² SERBENA, 1986, p. 45, 46.

¹¹³ SERBENA, 1986, p. 46.

¹¹⁴ SERBENA, 1986, p. 47.

¹¹⁵ SERBENA, 1986, p. 48.

¹¹⁶ SERBENA, 1986, p. 49.

suas bocas. Os pequeninos tudo observam e, principalmente nessa fase, tudo imitam, sejam exemplos bons ou ruins.

Na Bíblia, o ensino da fé e sobre Deus é muito importante. O povo de Israel tinha a incumbência de ensinar aos seus filhos os mandamentos de Deus. George destaca que:

[...] desde o começo da Bíblia existe uma preocupação com o processo educativo. E os educadores são os pais. [...] instruções são dadas aos pais, porque eles eram responsáveis pela educação dos filhos. [...] A participação ativa e mesmo intuitiva da criança no culto, como a instrução dos pais quanto à educação de seus filhos, são imprescindíveis.¹¹⁷

O maior exemplo de vida para os cristãos, o próprio Jesus, também passou por todas as fases do desenvolvimento infantil e foi ensinado na fé de seus pais terrenos, Maria e José. Em Lucas 2.40, após Jesus ser apresentado no templo, pode-se ver que ele crescia não somente fisicamente, mas também em sabedoria e graça. Isso quer dizer que, desde pequenino, Jesus estava crescendo, não só física e cognitivamente, mas espiritualmente também. Referindo-se a esse texto bíblico, Morris afirma que “a infância de Jesus está descrita de modo breve, em termos de desenvolvimento. Havia crescimento físico, mental e espiritual”.¹¹⁸

No mesmo sentido, Davidson completa: “Ele cresceu em corpo, mente e espírito desde a infância (40), por toda a meninice e em Sua mocidade (52). Sua natureza humana era perfeita e completa em cada fase de seu desenvolvimento”.¹¹⁹ Interessante observar que os dois autores reconhecem que Jesus passou por todas as fases do desenvolvimento: físico, cognitivo e também espiritual. Se Jesus, que era Deus, foi instruído desde pequeno através das Escrituras, muito mais hoje as crianças precisam ser ensinadas através da Bíblia.

Outro grande exemplo apresentado no Novo Testamento é Eunice e sua mãe Lóide, que ensinaram Timóteo nos caminhos do Senhor desde pequeno. Spurgeon, falando sobre o texto de 2ª Timóteo 3.15, afirma que:

A expressão “desde a infância” é melhor entendida como sendo “desde criancinha”. Não significa uma criança crescida, ou jovem, mas sim uma criança bem pequenina. Desde criancinha Timóteo conheceu os escritos sagrados. Esta expressão é usada, sem dúvida, para mostrar que nunca é cedo demais para começar a preencher a mente de nossos filhos com conhecimento bíblico. Os bebês recebem impressões muito antes de

¹¹⁷ GEORGE, S. K. *Igreja ensinadora: fundamentos bíblico-teológicos e pedagógicos da educação cristã*. São Paulo: Luz para o caminho, 1993. p. 48.

¹¹⁸ MORRIS, L. L. *Lucas: introdução e comentário*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Mundo Cristão, 1986. p. 86.

¹¹⁹ DAVIDSON, F. *O novo comentário da Bíblia*. Tradução de Russel P. Shedd. São Paulo: Vida Nova, v. 2, 1987. p. 1032.

ficarmos cientes do fato. Durante os primeiros meses da vida de uma criança, ela aprende mais do que imaginamos. Aprende bem cedo o amor de sua mãe, e sua própria dependência. E se a mãe for sábia, aprende o que significa obediência, e a necessidade de ceder sua vontade a uma vontade superior.¹²⁰

Além disso, no relato em que Jesus abençoa as crianças (Mateus 19.13-15, Marcos 10.13-16, Lucas 18.15-17) fica claro que elas foram levadas por suas mães, sendo assim, eram ainda crianças de colo ou que estavam na primeira infância. Spurgeon, falando sobre a reação dos discípulos neste episódio, afirma:

É até óbvio que os discípulos pensassem que as crianças eram insignificantes demais para ocuparem o tempo do Senhor. [...] Se tivesse sido uma pessoa comum como eles, não os teriam impedido com repreensões. Mas meras crianças! Bebês nem desmamados e criancinhas! Ficava mal estarem se intrometendo com o grande Mestre. [...] “Sim”, dizem eles, “mas se deixássemos as crianças chegarem a Cristo, e se ele as abençoasse, elas logo se esqueceriam disso. Por mais amoroso que fosse o olhar dele e espirituais as suas palavras, voltariam a ser brincadeiras, e suas fracas memórias não guardariam traço nenhum disso”. [...] Mas será que os pequenos esquecem? [...] As vozes da infância ecoam durante toda a vida. O que foi aprendido primeiro é, em geral, a última coisa a ser esquecida. Aquelas crianças teriam o rosto de Jesus gravado em seu coração, e nunca se esqueceriam de seu sorriso bondoso e terno.¹²¹

Como pode-se perceber, Spurgeon dá grande ênfase à capacidade das pessoas de terem em seu coração, em sua memória, o que aprenderam quando eram criancinhas. Não se pode duvidar das experiências de fé que uma criança pode ter e das marcas que elas deixarão para toda a sua vida. Rêgo e Smith afirmam:

Existem pessoas que dizem que a Bíblia é somente para adultos e não há nada que as crianças possam entender dela, e por isso, não adianta ensinar nada a elas. [...] Mas a Bíblia é a Palavra de Deus. Assim, é um rico tesouro para nossas crianças também. [...] A tarefa das pessoas que trabalham com crianças é descobrir como comunicar as verdades que as crianças podem entender e de um modo que elas podem entender. As crianças precisam aprender de Deus e até encontrar Deus em sua Palavra.¹²²

É claro que alguns conceitos bíblicos não podem ser ensinados para os bebês em virtude de sua difícil compreensão, mas isso não dá base para se dizer que os bebês não podem aprender nada da Bíblia e sobre Deus. Muito menos que a Bíblia é só para os adultos ou que os bebês não podem desenvolver sua fé. A Bíblia é para todos, Deus pode ser conhecido por todos e a fé pode ser desenvolvida por todos, independentemente da idade.

¹²⁰ SPURGEON, C. H. *Pescadores de crianças: orientação prática para falar de Jesus às crianças*. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2004. p. 106, 107.

¹²¹ SPURGEON, 2004, p. 42-47.

¹²² RÉGO, S. C. B. D.; SMITH, P. J. *A criança de 0 a 3: orientação para o ensino*. Rio de Janeiro: UFMBB, 1991. p. 16.

O desenvolvimento integral da criança inclui o desenvolvimento da fé. Nesse sentido, Jacobsen afirma:

O desenvolvimento da criança não é uma série de eventos dispersos, mas sim um processo complexo, relacionado e importante em direção à meta de crescer. Pais cristãos vigiarão o lento desenrolar da personalidade de seu filho com interesse e reverência, pois verão nisso a prova sutil do plano e propósito de Deus.¹²³

Sendo assim, pais cristãos irão criar seus filhos de acordo com a fé que professam, buscando desenvolver sua fé, aproximando-os de Deus e ensinando-lhes, através da Bíblia, o caminho que devem seguir.

Todos esses exemplos deixam claro que a fé está presente desde que o bebê nasce, através da fé dos pais. Além disso, que é possível, e que é preciso desenvolver a espiritualidade e a fé nas crianças. Silva afirma “que é desde bebê que as sementes de fé, confiança e amor são plantadas na vida delas, por meio do cuidado que recebem e da segurança que lhes é proporcionada”.¹²⁴

Portanto, a fé pode ser desenvolvida nos bebês através das relações estabelecidas primeiramente com sua família e também com as outras pessoas ao seu redor. A fé professada pela família será aprendida pelo bebê por meio dos exemplos observados e dos diálogos promovidos, seja em casa ou na Igreja. Cabe aos adultos próximos ao bebê a tarefa de desenvolver a sua fé, com muita seriedade, responsabilidade e sabedoria, sabendo que as marcas deixadas na infância provavelmente permanecerão por toda a vida.

Nesse sentido, Spurgeon afirmou que os ensinamentos da “infância deixam impressões definidas e distintas na mente, que permanecem depois que setenta anos já passaram”. E complementa que é preciso cuidar para “que tais impressões sejam feitas para os mais altos propósitos”.¹²⁵

Estudar o desenvolvimento infantil é fantástico, pois é possível entrar no maravilhoso “mundo” em que os bebês vivem e desvendar como eles se desenvolvem, pensam, aprendem e descobrem o mundo.

Pode-se perceber que o processo de desenvolvimento do bebê desde o nascimento até os 2 anos, seja fisicamente, cognitivamente, afetivamente ou espiritualmente, é bastante complexo e cheio de detalhes. Um ser completamente

¹²³ JACOBSEN, 1989, p. 21.

¹²⁴ SILVA, D. E. G. S. D. *Eu sou assim*: programa de ensino bíblico para crianças de 0 a 3 anos. Rio de Janeiro: UFMBB, 2005. p. 5.

¹²⁵ SPURGEON, 2004, p. 108.

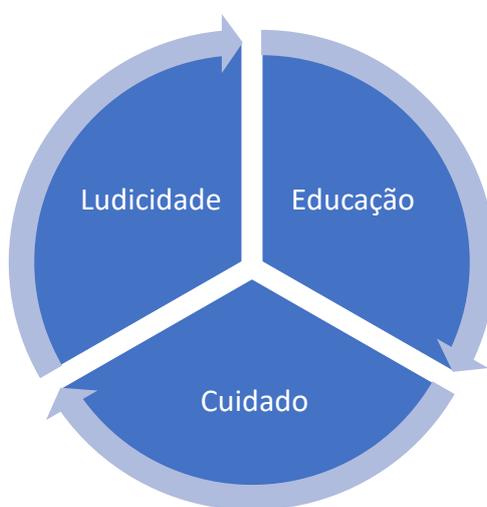
indefeso e dependente ao nascer se transforma em uma criança autônoma, curiosa e cheia de energia quando atinge os dois anos de idade.

Para que o desenvolvimento biopsicossocial e espiritual das crianças de 0 a 2 anos ocorra de forma integral e saudável, é preciso proporcionar condições, situações e ambientes que favoreçam que isso aconteça. Os bebês precisam ser incentivados e desafiados a ampliar seu conhecimento em cada fase de seu desenvolvimento.

Sendo assim, cabe aos/às pais/mães, aos/às professores/professoras e aos/às berçaristas auxiliarem esses pequeninos e pequeninas em seu desenvolvimento biopsicossocial e também espiritual, lembrando da responsabilidade de deixar marcas positivas em suas vidas e do desafio de que os exemplos falam mais do que as palavras.

2 TRÊS EIXOS ESSENCIAIS PARA UM BERÇÁRIO EFICAZ

As Igrejas Batistas que têm como prioridade investir nos bebês poderão basear-se em três eixos que auxiliarão a nortear o trabalho realizado no berçário. Pode-se pensar que somente um ou dois desses eixos sejam suficientes, que não é necessário buscar a realização dos três, porém, sempre que um deles for deixado de lado, o trabalho não será completo e algo ficará faltando. Pois esses três eixos não são independentes, não acontecem somente em momentos definidos, são, na verdade, interdependentes, podendo inclusive ocorrer os três ao mesmo tempo. Eis os três eixos para um berçário eficaz:



Esses três eixos precisam estar integrados em todas as ações no berçário: educar cuidando e cuidar educando, educar e cuidar ludicamente. Segundo Gonzalez-Mena e Eyer, “as relações são o pilar dos cuidados e da educação de bebês e crianças. Elas se desenvolvem a partir das interações, especialmente das interações três Rs – isto é, respeitosas, positivamente reativas e recíprocas”.¹²⁶

Sendo assim, pode-se inferir que as relações e as interações permeiam, facilitam e auxiliam para que educação, cuidado e ludicidade aconteçam no berçário. Relações e interações que se dão tanto com os/as berçaristas como com os outros bebês que frequentam o berçário. É necessário ressaltar que educação, cuidado e ludicidade acontecem simultaneamente e são indissociáveis. Segundo Bujes,

As crianças dessa faixa etária, como sabemos, têm a necessidade de atenção, carinho, segurança, sem as quais elas dificilmente poderiam sobreviver. Simultaneamente, nessa etapa, as crianças tomam contato com o mundo que as cercam, por meio das experiências diretas com as pessoas e as coisas deste mundo e com as formas de expressão que nele ocorrem. Esta inserção das crianças no mundo não seria possível sem que as

¹²⁶ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 19.

atividades voltadas, simultaneamente para cuidar e educar, estivessem presentes. O que se tem verificado, na prática, é que tanto os cuidados como a educação, têm sido entendidos de forma mais estreita.¹²⁷

Nos dias atuais, ainda existe uma compreensão errônea dos termos cuidar e educar, pensa-se que o cuidar relaciona-se apenas com as atividades de higiene, alimentação e bem-estar das crianças e que educar refere-se às atividades pedagógicas e de ensino propriamente ditas. No entanto, cuidar e educar são atividades inseparáveis que acontecem ao mesmo tempo. Enquanto cuida, educa, e assim reciprocamente.

Apesar de, no âmbito educacional, se falar muito nessa dicotomia existente entre cuidar e educar, optou-se por atribuir igual importância a cada um dos 3 eixos, incluindo a ludicidade como um deles, para que nos berçários das Igrejas Batistas seja realizado um bom trabalho de cuidado, educação e ludicidade, que busque o pleno desenvolvimento dos bebês a exemplo do próprio Jesus. Portanto, buscar a implantação e a efetiva realização desses três eixos torna-se um caminho para a construção de um berçário eficaz e que se preocupa com o desenvolvimento integral das crianças de 0 a 2 anos.

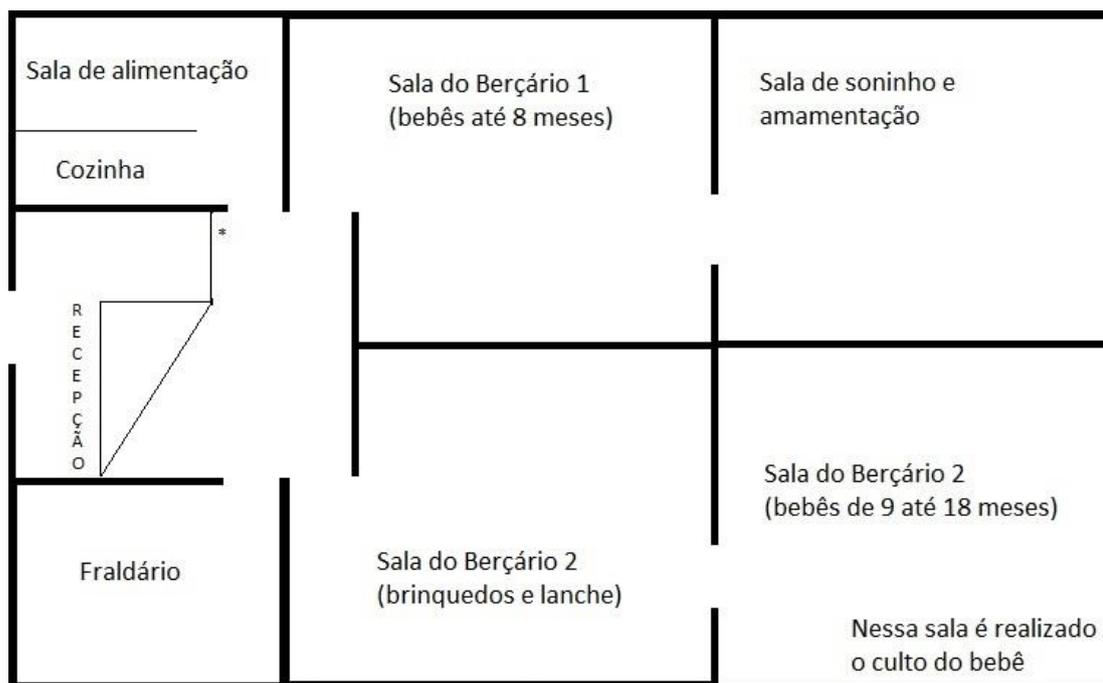
Educar e cuidar, juntamente com a ludicidade, compõem os três eixos básicos do berçário. Para que eles aconteçam, é importante que todas as ações no berçário ocorram de maneira adequada sempre favorecendo seu foco principal: o bebê; promovendo e proporcionando momentos de interação, aprendizagem e socialização em que o educar, o cuidar e a ludicidade estejam integrados em benefício da criança e de seu desenvolvimento em todas as áreas de sua vida.

Antes dos três eixos serem abordados especificamente, será feita a descrição do berçário da Primeira Igreja Batista (PIB) de Curitiba, que foi alvo do estudo de caso dessa pesquisa.

2.1 Descrição do berçário da Primeira Igreja Batista de Curitiba

Na PIB de Curitiba, o berçário recebe os bebês de 4 até 18 meses. As crianças com idade entre 19 e 35 meses são encaminhadas para o Maternal. A estrutura do berçário está demonstrada na figura abaixo:

¹²⁷ BUJES, M. I. Escola infantil: pra que te quero? In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. (Orgs.) *Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 16.



* portinhola móvel - a partir dela entrada permitida somente com o uso de sapatilhas

Elaborada pela autora desse trabalho

Na entrada do berçário, há um balcão de recepção, onde fica uma voluntária que imprime etiquetas identificadoras: uma que é colada nas costas da criança, uma que é colada num armário onde fica a bolsa da criança e uma que é entregue ao responsável para que, no final do culto, apresente a etiqueta para buscar a criança. A entrada a partir da recepção só é permitida mediante o uso de sapatilhas.

Entrando na recepção à esquerda há duas portas: uma que leva à cozinha e sala de alimentação e outra que leva à sala do berçário 1 e sala de soninho e amamentação. A cozinha é equipada com micro-ondas, pia e armário. Na sala de alimentação há cadeirões e puffs para as mães ou papais que quiserem alimentar seus bebês. Nessa sala, há também uma televisão onde o culto é transmitido simultaneamente. A sala do berçário 1 tem um armário para guardar as bolsas dos bebês, um baú onde ficam guardados os brinquedos, uma estante com uma televisão onde o culto é transmitido simultaneamente, duas poltronas baixinhas para os pais ou mães que ficam junto com seus bebês, dois colchonetes e tatame de E.V.A. A sala de soninho e amamentação possui seis poltronas de balanço para amamentação e oito berços para que os bebês possam dormir num ambiente tranquilo e silencioso.

À direita também há duas portas: uma que leva ao fraldário e outra que leva à sala do berçário 2, que é dividida em dois ambientes. O fraldário possui uma pia equipada com sabonete líquido, papel toalha e uma lixeira para fraldas e outra para

outros tipos de lixo. Há uma bancada onde é possível trocar três crianças ao mesmo tempo, embaixo dela há gavetas onde são disponibilizadas fraldas e lenços umedecidos caso algum bebê precise, em algumas gavetas são guardados os coletes usados pelas pessoas que atuam no berçário, há também portas para que os/as voluntários/voluntárias guardem seus itens pessoais.

A sala do berçário 2 é dividida em dois ambientes. O primeiro tem um armário para guardar as bolsas dos bebês, um baú onde ficam guardados os brinquedos, quatro mesinhas de plástico com quatro cadeirinhas de plástico cada uma. Nessas mesas, as crianças brincam com alguns brinquedos de encaixe e, antes ou depois do culto do bebê, ganham um lanchinho, que é composto por suco e bolachinhas e é oferecido somente para as crianças cujos pais autorizam. O segundo tem dois colchonetes dispostos em L e tatames de E.V.A. em frente. É nessa sala que é realizado o culto do bebê. Por isso ela é equipada com uma televisão, DVD, aparelho de som, CD's com músicas cristãs infantis, diversos instrumentos musicais apropriados para a idade, fantoches, ursinhos de pelúcia e outros materiais que ficam guardados em armários embutidos abaixo e entre as janelas.

A coordenadora do berçário informou que a PIB de Curitiba tem 3 cultos por domingo: às 9h, às 11h e às 19h. Em cada um desses cultos, há uma coordenadora responsável, uma voluntária recepcionista, uma monitora e cinco ou seis voluntários e voluntárias que são chamados de "Tios e Tias de Primeira", em alusão ao próprio nome da Igreja, além de uma professora que vai especialmente para ministrar o culto do bebê. A mesma rotina se repete nos 3 cultos como pode-se ver na tabela abaixo:

Culto 9h		Culto 11h		Culto 19h	
9h	Recepção	11h	Recepção	19h	Recepção
9h15	Brincadeira Livre	11h15	Brincadeira Livre	19h15	Brincadeira Livre
9h30	Lanche	11h30	Lanche	19h30	Lanche
9h45	Culto do bebê	11h45	Culto do bebê	19h45	Culto do bebê
10h15	Brincadeira dirigida	12h15	Brincadeira dirigida ou vídeo	20h15	Brincadeira dirigida ou vídeo
10h25	Preparar para a saída	12h25	Preparar para a saída	20h25	Preparar para a saída.

Em cada culto, passam pelo berçário cerca de 20 bebês. Como a Igreja tem muitos membros e por uma questão de segurança, foi criado um sistema de cadastros de cada criança que participa do ministério infantil, desde o berçário até os doze anos de idade. Cada família preenche esse cadastro no site da Igreja e, automaticamente, é gerado um número para a criança. Este número é utilizado para fazer o check-in e check-out da criança em todo o ministério infantil.

Assim, quando o pai e a mãe chegam para deixar seu bebê no berçário, falam o número de seu/sua filho/filha para a recepcionista, que imprime as etiquetas identificadoras. Dessa maneira, somente quem está com a etiqueta poderá buscar o bebê no berçário. Esse procedimento transmite segurança e tranquilidade aos pais e mães que deixam seus filhos e filhas em todo o ministério infantil da PIB de Curitiba. Na chegada, se alguma criança chorar, a mãe ou o pai pode permanecer no berçário para que ela se sinta segura e possa brincar e participar das atividades propostas.

2.2 Educar

Antes de se referir aos berçários das Igrejas Batistas, é importante apresentar alguns conceitos sobre educação e educar. O teólogo Champlin traz a seguinte definição: “A educação é o desenvolvimento e o cultivo sistemático das capacidades naturais, por meio do ensino, do exemplo e da prática. Inclui tanto o conhecimento teórico quanto a experiência prática, no desenvolvimento de habilidades diversas”.¹²⁸

Na etapa da Educação Infantil, educar é desenvolver na criança suas potencialidades e habilidades, implicando em movimento e conhecimento.¹²⁹ Nesse sentido, de acordo com Tristão,

Educar alguém vai muito além do repasse de conteúdos, ou de uma preocupação exclusiva com o intelecto, já que deve englobar os diversos elementos presentes na cultura e contemplar aspectos referentes, além do cognitivo, ao corpo e à moral [...] concordo com Sonia Kramer (2003) quando afirma que o educar necessariamente inclui o cuidar.¹³⁰

Percebe-se, então, que educar constitui-se em um processo em que todas as áreas do ser humano precisam ser contempladas. Indo ao encontro dessa concepção, Lopes afirma que é preciso educar com uma visão de totalidade. Ela destaca que,

Educar pessoas inteiras, que integrem todas as dimensões: corpo, mente, sentimentos, espírito, psiquismo, a dimensão pessoal, a grupal e a social, que tentem encontrar as pontes, as relações entre as partes e o todo, entre o sensorial e o racional, o concreto e o abstrato, o individual e o social.¹³¹

Essa visão holística do ser humano precisa ser observada no processo de educar. É importante ver as crianças como um todo, educando-as para que se

¹²⁸ CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Candeia, 1995. p. 268.

¹²⁹ SOARES, I. A. S. et al. A organização do trabalho pedagógico na creche. In: CARVALHO, A., et al. *Desenvolvimento e aprendizagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 102.

¹³⁰ TRISTÃO, F. C. D. *Ser professora de bebês: um estudo de caso em uma creche conveniada*. Florianópolis: UFSC, 2004. Dissertação (mestrado). p. 171.

¹³¹ LOPES, M. R. C. Descompasso: da formação à prática. In: KRAMER, S., et al. *Infância e educação infantil*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2007. p. 122.

desenvolvam em todas as suas possibilidades. Nesse sentido, Tristão complementa que,

Na concepção de Charlot (2000) a educação é o processo pelo qual a criança, que não nasce pronta, constrói-se como ser humano, singular e social, que ingressará em uma história que é individual, de cada um, enquanto representantes únicos da espécie, e também coletiva, dos humanos. Isso só pode acontecer pela mediação do outro, no âmago das relações sociais - só há a educação onde há troca entre as pessoas e o mundo. Este mundo só pode ser apreendido pela criança por meio da cultura, ou seja, de tudo o que já foi produzido pela espécie humana. Nessa perspectiva, educação é a inserção da criança pequena dentro de uma cultura.¹³²

Dessa maneira, pode-se inferir que educar é auxiliar, facilitar, mediar e ensinar. Auxiliar as crianças em seu desenvolvimento, facilitar e propiciar interações entre elas, mediar a construção do conhecimento que elas estão adquirindo e ensiná-las, principalmente através de exemplos. É também criar e proporcionar ambientes que possam contribuir em todo o processo educativo.

No cenário educacional brasileiro, há uma busca pela verdadeira identidade da Educação Infantil, que compreende as idades de zero a cinco anos. Há algum tempo, ela tinha um caráter assistencialista, isto é, as crianças frequentavam a Educação Infantil para serem cuidadas e terem suas necessidades básicas (higiene, alimentação, sono) sanadas. A respeito disso, Macêdo e Dias destacam que,

Observando-se a trajetória da educação infantil no Brasil, podemos constatar que a prática hegemônica configura-se em uma cristalização entre as dimensões do cuidado e da educação. Enquanto as creches, em sua origem, eram de caráter filantrópico/assistencialista, cuja finalidade era a guarda dos filhos das mães trabalhadoras, em contrapartida, as pré-escolas surgem com caráter educativo/pedagógico tendo como finalidade preparar as crianças para o ingresso na vida escolar.¹³³

Hoje, porém, as escolas de Educação Infantil não servem somente para cuidar das crianças e suprir suas necessidades básicas, mas também para educá-las através de momentos de interação e do brincar, utilizando a ludicidade e a criatividade. Macêdo e Dias apresentam o termo “pedagogia da infância”, que foi cunhado por Rocha, para que se pudesse ter uma pedagogia diretamente relacionada à Educação Infantil e que se dedicasse somente a essa faixa etária. Elas destacam que “uma pedagogia da infância configuraria-se, sobretudo, como processos que

¹³² TRISTÃO, Fernanda C. D. 2004, p. 172.

¹³³ MACÊDO, L. C.; DIAS, A. A. *O cuidado e a educação enquanto práticas indissociáveis na educação infantil*. Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT07-1824--Int.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2017. p. 6.

contemplam o cuidado e a inserção social da criança, tendo em vista suas singularidades/peculiaridades e diferenças inerentes à faixa etária de 0 a 6 anos”.¹³⁴

No momento dessa proposta de Rocha, as crianças de 6 anos ainda faziam parte da Educação Infantil, foi a partir de uma mudança na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) em 2005 que se definiu que a etapa da Educação Infantil compreende as crianças de 0 a 5 anos de idade. Segundo Macêdo e Dias, essas instituições têm o desafio de assegurar as funções de cuidar/educar com o objetivo de que a criança se desenvolva integralmente. Elas complementam,

Neste desafio, se encontra a amplitude das ações, que não têm como se concretizar se não por meio da integração destas práticas que estão implicitamente ligadas. Tanto nas creches como nas pré-escolas ou instituições equivalentes, a criança tem necessidades e direitos de ser cuidada e educada como um todo. Não se concebe uma educação infantil em que não estejam presentes os cuidados com o seu corpo, sua alimentação, sua saúde, seu crescimento e seu desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo. É importante ressaltar que qualquer atividade que tenha como referência a criança, seja na família ou na instituição, é multireferencial, implica em ações educativas e de cuidado.¹³⁵

Sendo assim, os berçários das Igrejas Batistas que têm a criança por referência também precisam apresentar ações educativas e de cuidado. No entanto, a realidade no berçário da maioria das Igrejas Batistas pode ser comparada à visão assistencialista da Educação Infantil, pois geralmente só é proporcionada uma sala para que os bebês fiquem com suas mães/pais ou com as/os berçaristas, e assim não “atrapalhem” o culto dos adultos. A maioria das Igrejas não se preocupa em oferecer um ambiente de educação, cuidado e ludicidade aos bebês que frequentam seus berçários. Porém, como pode-se perceber, as crianças de 0-2 anos já podem ter suas capacidades e habilidades desenvolvidas através da educação. Para que isso aconteça, é preciso investir nos berçários como ambientes de educação, cuidado e ludicidade. Segundo o RCNEI,

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeira e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.¹³⁶

Basicamente, segundo essa definição, educar é cuidar, brincar e orientar as aprendizagens para que as crianças, através das relações e interações, se

¹³⁴ MACÊDO; DIAS. Acesso em: 03 jun. 2017. p. 5,6.

¹³⁵ MACÊDO; DIAS. Acesso em: 03 jun. 2017. p. 5,6.

¹³⁶ *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Vol 1, 2001, p. 23.

desenvolvam plenamente. Nesse sentido, Gonzalez-Mena e Eyer destacam: “Crianças aprendem com outras crianças. Por meio da interação com seus pares, bebês e crianças aprendem muito sobre o mundo, sobre o poder que têm sobre ele e sobre o efeito que elas mesmas têm sobre os outros”.¹³⁷

É através das relações e interações com os adultos e com outras crianças que os bebês crescem e se desenvolvem. No berçário, momentos de interações podem ser planejados com o objetivo de que os bebês possam ampliar os laços afetivos, sentindo-se seguros e amados nesse ambiente, proporcionando o desenvolvimento de sua autoestima e autoimagem. Nesse sentido, Gonzalez-Mena e Eyer afirmam: “Quando um bebê tem suas necessidades atendidas e ele desenvolve uma relação de apego, o autoconceito dele é positivo e confiante. [...] À medida que um bebê explora e interage com o mundo, sua autoimagem se desenvolve”.¹³⁸

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que está em fase de implantação na educação brasileira, complementa essa ideia ao declarar:

Considerando que, na Educação Infantil, as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e as brincadeiras, assegurando-lhes os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, a organização curricular da Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco campos de experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Os campos de experiência constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte de patrimônio cultural.¹³⁹

Os cinco campos de experiências são os seguintes: o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; oralidade e escrita; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.¹⁴⁰ Pode-se perceber que, nessa nova proposta para a educação infantil, estão implícitos tanto o educar como o cuidar, quanto a ludicidade. Por isso, os berçários das Igrejas Batistas podem buscar na BNCC suportes teóricos, bem como os objetivos que podem ser estabelecidos para facilitar o desenvolvimento dos bebês.

Gonzalez-Mena e Eyer advertem que, para muitas pessoas, quando se trata de bebês, estimulação é sinônimo de educação. Porém “quando a estimulação se dá sem considerar a iniciativa ou a reação do bebê, o bebê está sendo tratado como um

¹³⁷ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 76.

¹³⁸ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 245.

¹³⁹ BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2017. p. 36

¹⁴⁰ BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*, p. 36-38.

objeto”.¹⁴¹ É por isso que é importante considerar a maneira como o bebê está reagindo, se está demonstrando alegria ou tristeza, conforto ou desconforto, curiosidade ou falta de interesse, entre outras reações e sensações. Gonzalez-Mena e Eyer destacam que,

A visão contrária à da estimulação da criança como educação infantil é aquela que sustenta que tudo que você precisa fazer pelos bebês é cuidar deles e mantê-los seguros; eles se desenvolverão por si mesmos. De acordo com esse ponto de vista, bebês são como botões de rosa que apenas precisam de água, ar, solo adequado, alimento vegetal e sol para despertarem todo o seu potencial.¹⁴²

Os bebês precisam ser estimulados, participar de interações, usar suas percepções e habilidades para que possam se desenvolver. O estímulo é importante para que os bebês se descubram como seres humanos, explorem o ambiente em que estão e os objetos que nele estão, e encontrem nas relações com os adultos ou outras crianças a importância de conviver.

Nesse sentido, Vygotsky tem muito a contribuir, pois sua teoria do desenvolvimento humano é conhecida como sócio-interacionista, ou seja, as pessoas se desenvolvem através das relações sociais que estabelecem com seus pares e das experiências que vivenciam. Segundo Gonzalez-Mena e Eyer:

O foco de Vygotsky está na ideia de que a interação social é um pré-requisito para que as crianças desenvolvam habilidades ligadas à resolução de problemas e na experiência precoce com a linguagem como crucial para esse processo. Vygotsky acredita que as crianças, por meio do aprendizado assistido, estão constantemente aprendendo com os outros e que depois elas internalizam esse aprendizado sozinhas, por meio da brincadeira. [...] A linguagem, de acordo com Vygotsky, desempenha um papel central na cognição. A linguagem é o primeiro tipo de comunicação entre bebês e adultos. Experiências com cuidadores oferecem oportunidades para que bebês e adultos experimentem possibilidades de comunicação. Gradualmente, durante a infância, todos os gestos, palavras e símbolos de interação social que uma criança pequena experimenta se tornam internalizados.¹⁴³

De acordo com Vygotsky, internalizar significa reconstruir internamente uma operação que foi realizada externamente.¹⁴⁴ Sendo assim, para Vygotsky, o aprendizado é co-construído, isto é, as crianças aprendem e se desenvolvem com a ajuda de pessoas mais experientes que ela, por meio das relações sociais estabelecidas e das experiências compartilhadas entre elas.¹⁴⁵

¹⁴¹ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 24.

¹⁴² GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 25.

¹⁴³ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 164.

¹⁴⁴ VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. Tradução de José Cipolla Neto e Solange Castro Afeche Luis Silveira Menna Barreto. 4. ed. São Paulo: Martins-Fontes, 1991. p. 40.

¹⁴⁵ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 163, 164.

Para Vygotsky, o desenvolvimento das crianças pode ser classificado em dois níveis: “O primeiro nível pode ser chamado de nível de desenvolvimento real, isto é, o nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já completados”.¹⁴⁶ Esse nível se refere às habilidades e capacidades já demonstradas e realizadas pelas crianças sem a ajuda de algum adulto. Em outras palavras, o que elas já aprenderam e não precisam da interferência de outras pessoas para fazer.

No segundo nível, estão as potencialidades que podem ser realizadas pelas crianças, porém, através de estímulos e da interferência de adultos, pois ainda estão em processo de desenvolvimento. De acordo com Vygotsky, “A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário”.¹⁴⁷

Felipe explica, de forma clara e resumida, o que significam a zona de desenvolvimento real, potencial e proximal segundo Vygotsky, ao afirmar que,

Vygotsky observa que a criança apresenta em seu processo de desenvolvimento um nível que ele chamou de real e outro potencial. O nível de desenvolvimento real refere-se a etapas já alcançadas pela criança, isto é, a coisas que ela já consegue fazer sozinha, sem a ajuda de outras pessoas. Já o nível de desenvolvimento potencial diz respeito à capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda de outros. Há atividades que a criança não é capaz de realizar sozinha, mas poderá conseguir caso alguém lhe dê explicações, demonstrando como fazer. Essa possibilidade de alteração no desempenho de uma pessoa pela interferência da outra é fundamental em Vygotsky. Para este autor, a zona de desenvolvimento proximal ou potencial consiste na distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial.¹⁴⁸

Sabendo disso, pais/mães e berçaristas podem proporcionar atividades que estimulem o desenvolvimento potencial dos bebês. Para isso, é preciso observar quais habilidades e capacidades eles já apresentam e também quais as suas potencialidades. É nessas últimas que se podem auxiliá-los e estimulá-los. Segundo Felipe, outros autores além de Vygotsky, como Piaget e Wallon, afirmaram que o aprendizado ocorre através das relações e das experiências. Por isso, é importante compreender o desenvolvimento infantil como um,

[...] processo dinâmico, pois as crianças não são passivas, meras receptoras das informações que estão à sua volta. Através do contato com seu próprio corpo, com as coisas do seu ambiente, bem como através da interação com outras crianças e adultos, as crianças vão desenvolvendo a capacidade

¹⁴⁶ VYGOTSKY, L. S. 1991, p. 57.

¹⁴⁷ VYGOTSKY, L. S. 1991, P. 58.

¹⁴⁸ FELIPE, Jane. In: CRAIDY, KAERCHER, 2001, p. 29, 30.

afetiva, a sensibilidade e a autoestima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem.¹⁴⁹

Pode-se perceber que o educar é muito importante para o desenvolvimento dos bebês. Nos berçários das Igrejas Batistas, educar envolve também a educação na fé, que pode permear todas as ações de cuidado e educação que ocorrem neles. Educar na fé é proporcionar vivências que possibilitem aos bebês o desenvolvimento espiritual, através de histórias bíblicas, da musicalização, de teatros, de experiências sensoriais. Também é ter atitudes exemplares, que proporcionem a criação de apego e confiança. Confiança esta que, posteriormente, será colocada em Deus.

Nas entrevistas realizadas no berçário da PIB de Curitiba, todas as mães responderam que consideram importante que haja educação na fé e ensino bíblico no berçário. Uma das mães afirmou que o ensino bíblico é importante “porque é de pequeno que se começa a ensinar, ensinar o caminho desde cedo para quando crescer não se desviar dele”.¹⁵⁰

Durante as observações no berçário da PIB de Curitiba, pôde-se perceber que o ambiente é preparado para educar as crianças, pois os móveis e brinquedos estão dispostos de maneira que cooperem para o desenvolvimento dos bebês. Além disso, nota-se nas/nos berçaristas uma preocupação em estar auxiliando as crianças a se desenvolverem. A educação na fé também está presente, pois em algumas das paredes há imagens de histórias bíblicas pintadas e há também livros com histórias bíblicas. Além disso, o momento do “culto do bebê” é o período em que músicas com princípios bíblicos são cantadas, orações são realizadas e histórias bíblicas são contadas para as crianças.

Na entrevista com a coordenadora do berçário da PIB de Curitiba, falando sobre se pode perceber os resultados desse trabalho de ensino bíblico, ela afirmou que “os pais/mães dos bebês maiores fazem relatos que durante a semana eles repetem o que foi feito no culto do bebê”.¹⁵¹

Ao fazer o mesmo questionamento para as mães entrevistadas, as respostas foram diversas: “Ainda não, minha bebê tem 6 meses e está em fase de adaptação”.¹⁵² “Sim, quando eu canto em casa a música, ele fica prestando atenção”.¹⁵³ “Sempre, a

¹⁴⁹ FELIPE, Jane. In: CRAIDY, KAERCHER, 2001, p. 27.

¹⁵⁰ Entrevista da mãe 3.

¹⁵¹ Entrevista com a coordenadora do berçário da PIB de Curitiba.

¹⁵² Entrevista da mãe 2.

¹⁵³ Entrevista da mãe 5.

cada dia aprendem algo novo, mudando os comportamentos para melhor, super inteligentes e cada vez mais conhecedores da Palavra de Deus”.¹⁵⁴ “Sim, nossos filhos gostam. Fico feliz por ter pessoas qualificadas para cuidarem deles, além de ser uma diversão na Igreja aprendendo a brincar e buscar Jesus”.¹⁵⁵ “Sim”.¹⁵⁶

Através dessas respostas, pode-se inferir que a avaliação dos resultados do processo de educar nos berçários das Igrejas Batistas é muito subjetivo, pois envolve as reações, sentimentos e expressões dos bebês, tais como: demonstrar alegria ao chegar no berçário através de sorrisos e gestos corporais; sentir segurança e tranquilidade no ambiente longe do pai e da mãe; participar do “culto do bebê”, interagindo com a professora e com as outras crianças, manifestando alegria e diversão através de palmas, pulos, sorrisos; entre outros. Em casa os bebês maiores poderão repetir gestos e expressões que vivenciaram no berçário.

Além disso, para avaliar se os bebês estão aprendendo e se desenvolvendo, as/os berçaristas podem também utilizar um caderno de observação e registro, onde farão anotações referentes aos avanços de cada criança. Nesse sentido, Bassedas, Huguet e Solé destacam que: “É preciso recolher dados, observar, obter informações sobre o que as crianças são capazes de fazer”.¹⁵⁷

A avaliação é importante para que se possa perceber se o processo de ensino-aprendizagem tem sido eficaz ou se há alterações que precisam ser feitas na metodologia, no currículo ou no processo educativo. Segundo Bassedas, Huguet e Solé, “a avaliação deve servir basicamente para intervir, modificar e melhorar a nossa prática, a evolução e a aprendizagem dos alunos”.¹⁵⁸ Por isso é importante que nos berçários das Igrejas Batistas, as/os berçaristas façam essa avaliação contínua tanto de sua atuação com os bebês e como eles estão progredindo em seu desenvolvimento.

2.3 Cuidar

A definição de cuidar apresentada por Boff é a seguinte: “Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação,

¹⁵⁴ Entrevista da mãe 4.

¹⁵⁵ Entrevista da mãe 3.

¹⁵⁶ Entrevista da mãe 1.

¹⁵⁷ BASSEDAS, HUGUET, SOLÉ, 1999, p. 178.

¹⁵⁸ BASSEDAS, HUGUET, SOLÉ, 1999, p. 174.

de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro”.¹⁵⁹ Ao diferenciar ato de atitude, Boff deixa claro que o cuidado não acontece só em determinado momento ou situação, mas ele permeia toda a vida humana. Boff complementa afirmando que:

[...] o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. E, se fizer, ela sempre vem acompanhada de cuidado e imbuída de cuidado. Significa reconhecer o cuidado como um *modo-de-ser* essencial, sempre presente e irreduzível a outra realidade anterior.¹⁶⁰

Complementando essa afirmação, Nörnberg salienta que:

O termo *cuidado* é entendido como o próprio ser da existência na sua capacidade de projetar-se a si mesmo e de poder-ser. [...] Palavras como precaução, diligência, carinho, zelo, responsabilidade, servem como descrição adjetivada para uma compreensão ôntica do termo. O termo *dedicação* lembra a qualidade de quem se dedica com abnegação, renunciando aos seus próprios interesse, inclusive os egoísticos. [...] A partir do cuidado, é possível aproximar-se de uma compreensão acerca do modo como se organiza e vive o ser humano.¹⁶¹

Sendo assim, através do cuidar atinge-se o ápice da existência humana. Cuidando, o ser humano se torna de fato humano. Montenegro, ao apresentar a origem etimológica das palavras cuidar e cuidado, descobre que as palavras cuidar e pensar têm a mesma raiz: *cogitare*. Ela destaca:

[...] O verbo *cogitare* tem sua origem em *co-agitare* e passou a designar a *agitação do pensamento, revolver no espírito ou tornar a pensar em alguma coisa*. É curioso notar como este verbo passou a significar unicamente a atividade do pensamento, como observou Santo Agostinho em suas *Confissões*: “a inteligência reivindicou como próprio este verbo (*cogito*), de tal maneira que só ao ato de coligir (*cogere*) no espírito, e não em qualquer parte, é que propriamente se chama pensar (*cogitare*)”.¹⁶²

Ela destaca que, antes do século XIII, as palavras *cogitare* e *cuidare* tinham o mesmo significado, dizendo respeito à inteligência e à vontade, bem como ao pensar e ao sentir. Aos poucos, a palavra *cogitare* foi substituída por *pensare*. Ela também afirma que, nas línguas neolatinas, o verbo cuidar tem dois significados: um que diz respeito ao zelo para com o outro e um que se reporta ao pensamento. Ela ressalta,

a conotação emocional que esta palavra passou a adquirir, e que se evidencia também em sua sinonímia – como carinho, angústia, ansiedade, paixão, preocupação -, advém de seu sentido primitivo de “agitar pensamentos”. A inserção paulatina do componente emocional ao termo, ao meu ver, parece conferir significação ao movimento atribuído ao pensamento em sua acepção

¹⁵⁹ BOFF, L. Cuidado: o ethos do humano. In: FERREIRA, G.; FÔNSECA, P. *Conversando em casa*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p. 73.

¹⁶⁰ BOFF, Leonardo. 2000, p. 74.

¹⁶¹ NÖRNBERG, M. O lugar do cuidado na formação de professores. *Diálogo*, Canoas, 11, jul./dez. 2007. p. 213.

¹⁶² MONTENEGRO, T. *O cuidado e a formação moral na educação infantil*. São Paulo: EDUC, 2001. p. 72.

original (*agitare*), pois é muito provável que o que estaria proporcionando tal movimento fossem, precisamente, emoções.¹⁶³

Sendo assim, cuidar também pode se tornar em um ato de reflexão e de valorização da vida. Nesse sentido, o cuidar, na Educação Infantil, não se limita aos cuidados das necessidades básicas da criança, o cuidar engloba todas as áreas de seu desenvolvimento. O RCNEI afirma que,

A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. [...] O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados.¹⁶⁴

Portanto, o cuidar, na Educação Infantil, não é simplesmente “cuidar da criança na ausência dos pais”, mas é favorecer e propiciar o desenvolvimento de todas as suas habilidades e capacidades, observando e percebendo quais as suas principais necessidades e dificuldades. Nesse sentido, de acordo com Macêdo,

[...] o cuidado implica em cuidar do outro em toda sua dimensão humana, o que implica dizer que as ações de cuidar, diferentemente do que pensa a grande maioria das professoras, não significa apenas atender às necessidades básicas de sobrevivência humana. Contrapondo-se a esse pensamento simplista, o cuidar do ponto de vista da filosofia supõe ações racionais, de reflexão, como também significa desvelo, solicitude, vigilância.¹⁶⁵

Nos berçários das Igrejas Batistas, essa também deve ser a perspectiva do cuidado com os bebês. É importante que as/os berçaristas estejam atentas/atentos às necessidades de cada criança, e possam supri-las com atenção e carinho. Além disso, as/os berçaristas precisam construir relações afetivas com os bebês e saber compreendê-los e auxiliá-los naquilo que estão com dificuldades. Sobre isso, o RCNEI afirma que,

O cuidado precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. [...] Para cuidar, é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado.¹⁶⁶

¹⁶³ MONTENEGRO, T. 2001, p. 76.

¹⁶⁴ *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Vol 1, 2001. p. 24.

¹⁶⁵ MACÊDO; DIAS. Acesso em: 03 jun. 2017, p. 11.

¹⁶⁶ *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Vol 1, 2001. p. 25.

Nesse sentido, Gonzalez-Mena e Eyer afirmam que essas relações afetivas, nomeadas por elas de apego, são uma das mais importantes partes do currículo nos berçários. Elas destacam que,

Por meio de interações de cuidado sensíveis, o apego cresce, especialmente quando ele é consistente e, com o tempo, a criança passa a conhecer as pessoas que lhe oferecem cuidados. Desenvolvimento, aprendizado e apego estão vitalmente relacionados. Do apego surgem sentimentos de confiança e segurança.¹⁶⁷

“Desenvolvimento, aprendizado e apego estão vitalmente relacionados”, assim pode-se inferir que, se houver apego, há probabilidade de haver desenvolvimento e aprendizado e vice-versa. Tal é a importância do apego para o desenvolvimento integral dos bebês. Os principais momentos onde o apego e as relações afetivas podem ser ampliados são durante a alimentação, a troca de fraldas ou de roupas e o sono. Segundo Gonzalez-Mena e Eyer: “Se os adultos consideram as tarefas de cuidados como experiências vitais ao aprendizado, eles estão mais propícios a realizá-las com paciência e atenção”.¹⁶⁸

Por isso, enquanto usa-se a mamadeira, fruta ou papinha, a/o berçarista pode olhar nos olhos do bebê e dizer o quanto ele/ela é importante, especial e amado/amada. Esse momento de alimentação é precioso na construção do apego e também um importante componente da educação e do desenvolvimento do bebê.

Durante a troca de fraldas ou de roupas, o/a berçarista pode evitar usar palavras rudes e que agridam ao bebê, antes sua atitude deve ser explicativa e atenciosa. Maranhão e Zurawski afirmam que,

Durante os cuidados de higiene pessoal, ao despir o bebê, imergi-lo na água, ensaboar sua pele, depois enxaguá-la, secá-la e vesti-lo novamente, o bebê percebe seu corpo em contato com diferentes texturas, em diferentes posições, e constrói uma consciência gradativa dos limites de seu corpo em relação ao meio físico e social. Esse conhecimento é básico para a construção da noção de eu em contraposição ao outro e, portanto, para a socialização.¹⁶⁹

Nesse sentido, o papel do/da berçarista é ampliado e visto de forma holística, na medida em que caracteriza o educar ao cuidado da criança. Segundo Dias, “esse desenvolvimento holístico da criança implica que a educadora de infância

¹⁶⁷ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 48.

¹⁶⁸ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 63.

¹⁶⁹ MARANHÃO, G. D.; ZURAWSKI, M. P. V. Cuidado e aprendizagem na educação infantil. *Pátio*, 41, n. 12, Out. 2014.

desempenhe uma enorme diversidade de tarefas e tenha um papel abrangente com fronteiras pouco definidas”.¹⁷⁰ Nesse sentido, Macêdo destaca que,

[...] os aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais devem ser tratados prioritariamente como dimensões do desenvolvimento e não como áreas separadas. Sendo assim, pode-se inferir que a compreensão do cuidar/educar passa, sobretudo, pelo entendimento de que a criança é um ser integral, portanto, toda e qualquer prática na creche deve ser entendida como multireferencial.¹⁷¹

Por isso é importante que os/as berçaristas preocupem-se com o bebê como um todo, não apenas com seu corpo para ser alimentado e higienizado, nem apenas com sua mente para ser desenvolvida, mas que, através de um olhar holístico, possam proporcionar ambientes ricos em educação, cuidado e ludicidade.

Dessa maneira, é desnecessário diferenciar educar e cuidar, pois ambos têm igual importância para o desenvolvimento dos bebês. Segundo Didonet, “não há um ‘ensino’, seja um conhecimento ou um hábito, que utilize uma via diferente da atenção afetuosa, alegre, disponível e promotora de progressiva autonomia da criança”.¹⁷² Nesse sentido, Macêdo e Dias destacam que,

[...] é possível afirmar que o desenvolvimento integral da criança só pode se materializar a partir da superação da dicotomia cuidar/educar e, conseqüentemente, por meio da integração destes dois processos. Não se concebe mais uma educação que divide, parte o ser humano, privilegiando apenas o aspecto cognitivo em detrimento do afetivo e também do social e do motor.¹⁷³

Nesses momentos de cuidar/educar, Gonzalez-Mena e Eyer recomendam que a/o berçarista determine os níveis de estresse da criança; atenda às suas necessidades de atenção; sempre dê um retorno às suas ações e seja um exemplo de comportamento para elas.¹⁷⁴ As autoras salientam que,

Quando bebês e crianças são tratados com respeito e os cuidados são prestados de acordo com uma abordagem de equipe, as relações evoluem – relações que ajudam as crianças a aprenderem mais sobre si mesmas e sobre o mundo. Elas passam a prever o que acontecerá com elas e, assim, percebem que o mundo é de certa forma previsível. Elas aprendem que têm algum poder e influência sobre o mundo e as pessoas que o habitam.¹⁷⁵

¹⁷⁰ DIAS, D. *O educuidar na creche e jardim de infância*. 2012. Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4316/1/Projecto%20educuidar_Daniela%20Dias.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2017. p. 15.

¹⁷¹ MACÊDO; DIAS. Acesso em: 03 jun. 2017, p. 12.

¹⁷² DIDONET, V. Não há educação sem cuidado. *Pátio Educação Infantil*, Porto Alegre, 1, n. 1, abr/jul 2003. p. 9.

¹⁷³ MACÊDO; DIAS. Acesso em: 03 jun. 2017, p. 4.

¹⁷⁴ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 33.

¹⁷⁵ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 66.

Dias apresenta um novo termo utilizado para unir educação e cuidado nos berçários: educuidar. Esse termo é a tradução em português do conceito *educare*, cunhado por Bettye Caldwell. Dias, citando Caldwell, explica o significado desse novo termo ao dizer que,

[...] em três curtas sílabas, a ideia de que todos os programas de educação da primeira infância devem oferecer componentes dos dois serviços anteriormente conceptualizados como sendo separados e distintos. Não se pode educar sem prestar cuidados e protecção, e não se pode prestar cuidados correctos e protecção durante os importantíssimos primeiros anos de vida – ou mesmo durante todos os anos – sem, ao mesmo tempo, educar.¹⁷⁶

Educuidar significa, portanto, a fusão e indissociação desses dois importantíssimos eixos que norteiam o trabalho nos berçários. Sendo assim, educuidar pode-se explicar como educar e cuidar em todos os momentos e ambientes. Nesse sentido, Gonzalez-Mena e Eyer afirmam que,

Todas as crianças pequenas têm o direito de serem educadas e cuidadas, sem hierarquias, pois as duas dimensões são essenciais para a possibilidade de viver infâncias voltadas para a emancipação. Assim, contar uma historinha e trocar as fraldas de um bebê não são atividades incompatíveis ou de valor diferenciado, mas complementares, em uma perspectiva de criança inteira, completa.¹⁷⁷

No berçário, todos os momentos desde a chegada do bebê, passando pela alimentação, troca de fraldas, sono, brincadeiras e interações, até a sua saída são fundamentais para a prática do educuidar. Gonzalez-Mena e Eyer destacam que,

Todas as formas de cuidado são essenciais para a criança pequena, já que é através do outro, daquele que dela cuida, que tomará contato com suas primeiras impressões sobre o mundo, experimentando sensações agradáveis ou desagradáveis. Desse modo, é importante que sejam tocadas, acariciadas e respeitadas. A base do cuidado refere-se ao respeito à criança como ser único e especial. Aprender a ver cada criança na sua concretude e especificidade, como um ser íntegro, faz parte do cuidar, o empenho em ajudá-la a se desenvolver como ser humano também.¹⁷⁸

Ver cada criança como um ser humano completo e capaz de desenvolver suas habilidades e capacidades é o desafio para todos e todas que atuam com os bebês. Oferecer condições para que eles se desenvolvam e tornar-se uma âncora emocional para que eles possam sentir-se seguros, confiantes e amados são missões importantíssimas a cumprir nesse ambiente de educuidar. Complementando essa ideia, Oliveira afirma que,

O professor educa e cuida quando acolhe a criança nas situações difíceis, quando a orienta nos momentos necessários e apresenta-lhe pontos que

¹⁷⁶ DIAS, 2012, p. 14.

¹⁷⁷ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 159.

¹⁷⁸ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 158.

considera significativos do mundo da cultura, da natureza, das artes, das relações sociais, conforme a leva a passear, brincar, observar a natureza, ouvir e ler histórias, ouvir música, conforme a ajuda a comer e dormir, sentir-se limpa, confortável e segura.¹⁷⁹

Nas entrevistas realizadas com as mães no berçário da PIB de Curitiba, todas responderam que seus filhos são bem cuidados e que elas consideram as/os berçaristas muito atenciosas/os e capacitadas/os para cuidar e ensinar seus filhos. Nas observações realizadas, pode-se constatar que o educuidar se faz presente em todo o tempo que os bebês permanecem no berçário. As/os berçaristas são muito atenciosas/os e carinhosas/os com os bebês e zelam pelo seu bem-estar o tempo todo. Exemplo disso é que, no momento do “culto do bebê”, alguns dos bebês estavam chorando, demonstrando algum desconforto. As/os berçaristas prontamente pegaram esses bebês no colo e tentaram os acalmar. Alguns logo se acalmaram, porém, como um deles estava chorando muito, o pai/mãe dele foi chamada/o para vir ao berçário. Além disso, no momento em que os bebês estavam brincando livremente pela sala, pôde-se observar que as/os berçaristas interagiam com eles, estimulando-os a brincar, a engatinhar, a caminhar, a falar, demonstrando uma preocupação com o desenvolvimento dos bebês.

2.4 Ludicidade

A ludicidade envolve as mais variadas formas de ensino-aprendizagem que utilizam criatividade, brincadeiras, jogos e atividades que sejam divertidas, atraentes e prazerosas para as crianças. Segundo Feijó, “o lúdico é uma necessidade básica da personalidade, do corpo e da mente, fazendo parte das atividades essenciais da dinâmica humana caracterizada por ser espontânea, funcional e satisfatória”.¹⁸⁰ Já para Luckesi, o conceito de ludicidade é mais amplo, ele afirma que ela “é representada por atividades que propiciam experiência de plenitude e envolvimento por inteiro, dentro de padrões flexíveis e saudáveis”.¹⁸¹

No âmbito da educação infantil, mais especificamente dos berçários, a ludicidade acontece principalmente por meio do brincar e de atividades lúdicas que

¹⁷⁹ OLIVEIRA, Z. D. M. R. Diretrizes para a formação de professores de educação infantil. *Revista Pátio Educação Infantil*, Porto Alegre, Ano 1, n. 2, ago./nov. 2003. p. 8.

¹⁸⁰ FEIJÓ, O. G. *Corpo e Movimento: Uma Psicologia para o Esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 1992, p. 2.

¹⁸¹ LUCKESI, C. Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese. In: LUCKESI, C. C. (Org.) *Ludopedagogia – ensaios*. Salvador: Gepel, v. 1, 2000. Série educação e ludicidade. p. 97.

as/os professoras/professores propõem. Também nos berçários das Igrejas Batistas, a ludicidade pode ser amplamente valorizada. Os encontros nos berçários das Igrejas Batistas são constituídos basicamente pelo brincar.

Brincadeiras livres, brincadeiras dirigidas, brincadeiras criadas, fazem parte do universo das crianças, o que é fundamental para o seu desenvolvimento saudável. É através do brincar que elas adquirem informações sobre o mundo em que vivem, aprendem a se socializar e viver em grupo, desenvolvem sua identidade e autonomia e realizam grandes aprendizagens e conquistas cognitivas. Conforme o RCNEI,

Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.¹⁸²

Segundo Smith, o brincar é uma característica própria das crianças. É nessa fase de encantamento, descoberta, fantasia e imaginação que as crianças mais brincam. Brincam para descobrir o mundo. Seu trabalho é brincar. Muitos pensam que brincar é só brincar, passar o tempo, afinal “criança tem que brincar”. Porém é através do brincar que elas se tornam capazes de viver, conviver e (realmente) trabalhar.

Smith afirma: “O comportamento de brincar é uma maneira útil de a criança adquirir habilidades desenvolvimentais – sociais, intelectuais, criativas e físicas”.¹⁸³ Então, pode-se perceber o quanto o brincar é importante nos berçários, pois ele é um comportamento espontâneo da criança e também um meio de aprendizagem.

Segundo Gonzalez-Mena e Eyer, “Brincadeira e exploração são partes fundamentais do currículo, além de serem importantes formas por meio das quais bebês e crianças se desenvolvem e aprendem”.¹⁸⁴ Elas complementam dizendo que, para os bebês, as brincadeiras envolvem movimentos livres no ambiente em que estão. Explorando o ambiente e os objetos que nele estão, os bebês estarão descobrindo o mundo e, conseqüentemente, aprendendo e se desenvolvendo. Gonzalez-Mena e Eyer destacam que,

Um dos ingredientes principais de um programa direcionado a bebês e crianças pequenas deve ser o que chamamos de “brincadeira e a exploração”. Bebês e crianças pequenas brincam mais usando a exploração do que crianças de três anos ou mais, que brincam de maneira diferente. [...] Educadores e pesquisadores especializados na primeira infância já reconheceram há muito tempo que a brincadeira é essencial ao crescimento e ao desenvolvimento. Brincar é natural para as crianças pequenas e deve

¹⁸² *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Vol 2, 2001. p. 22.

¹⁸³ SMITH, P. K. O brincar e os usos do brincar. In: MOYLES, J. R. *A excelência do brincar*. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 26.

¹⁸⁴ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 87.

ser reconhecido como um uso importante do tempo delas, e não como algo secundário ou opcional.¹⁸⁵

Brincadeiras livres referem-se às atividades escolhidas pelas próprias crianças, sem a intervenção ou o controle dos adultos. Exploração diz respeito às atitudes de descoberta e exame de tudo que está ao redor da criança, e é realizada por meio dos sentidos: do toque, do paladar, do olfato, da visão e da audição.¹⁸⁶

Tudo o que a criança vivencia no seu dia a dia poderá ser transformado em brincadeira, conforme o RCNEI: “Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada”.¹⁸⁷ Sendo assim, através das brincadeiras das crianças pode-se perceber o que elas estão vivendo, se há algo errado com elas ou não, pode-se perceber os valores que elas estão aprendendo e interiorizando. Por isso, o papel dos/as berçaristas é fundamental, eles/elas devem estar atentos/atentas às brincadeiras das crianças e agir, quando necessário, para ajudar alguma criança que esteja com problemas em seu ambiente familiar ou social. Segundo o RCNEI, é através do brincar que,

[...] os professores podem observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular, registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como de suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais que dispõem.¹⁸⁸

É importante que os pais/mães e berçaristas proporcionem momentos de brincadeiras livres, com brinquedos, sem brinquedos, com jogos, brincadeiras de faz de conta etc. para que a criança tenha oportunidade de experimentar os diversos tipos de brincar e aumente o seu potencial criativo e imaginativo. O RCNEI informa que,

A intervenção intencional baseada na observação das brincadeiras das crianças, oferecendo-lhes material adequado, assim como um espaço estruturado para brincar, permite o enriquecimento das competências imaginativas, criativas e organizacionais infantis.¹⁸⁹

Além disso, os/as berçaristas devem participar das brincadeiras com a criança, pois seu comportamento é formado a partir dos exemplos que está tendo. É imprescindível que pais/mães e berçaristas brinquem com as crianças, dando sempre bons exemplos em todos os momentos. Sobre isso, o RCNEI complementa dizendo que: “Propiciando a brincadeira, portanto, cria-se um espaço no qual as crianças

¹⁸⁵ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 72.

¹⁸⁶ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 73,75.

¹⁸⁷ *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Vol 1, 2001. p. 27.

¹⁸⁸ *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Vol 1, 2001. p. 28.

¹⁸⁹ *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Vol 1, 2001. p. 29.

podem experimentar o mundo e internalizar uma compreensão particular sobre as pessoas, os sentimentos e os diversos conhecimentos”.¹⁹⁰

Isso porque é através das brincadeiras que a criança aprende, constrói esquemas cognitivos e assimila ideias. Pode-se até inferir que, no berçário, toda aprendizagem surge de uma brincadeira. O RCNEI afirma que “a brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o ‘não-brincar’”.¹⁹¹ Consequentemente, as brincadeiras das crianças refletem o que estão vivenciando, o que já vivenciaram e sua maneira de ver o mundo. Geralmente fazem isso usando um mecanismo muito importante e eficiente: o faz de conta. Conforme o RCNEI,

Ao brincar de faz de conta, as crianças buscam imitar, imaginar, representar e comunicar de uma forma específica que uma coisa pode ser outra, que uma pessoa pode ser uma personagem, que uma criança pode ser um objeto ou animal, que um lugar ‘faz de conta’ que é outro.¹⁹²

O uso do faz de conta pelas crianças faz com que elas experimentem diversas formas de ser e pensar, aumentando assim o seu conhecimento sobre os diferentes modos de pensar das pessoas e os diferentes modos de ser de tudo que existe. No faz de conta, as crianças podem ser objetos, móveis, animais, algo da natureza e pessoas (que têm diferentes pontos de vista, portanto, no faz de conta, suas representações são diferentes).

De acordo com Vygotsky, citado por Gonzalez-Mena e Eyer, “O início do envolvimento com a brincadeira de faz de conta é um passo importante no desenvolvimento do pensamento da criança e, em geral, está ligado ao início do uso da linguagem”.¹⁹³ É por isso que, com os bebês em torno de 2 anos de idade, os/as berçaristas podem investir nesse aspecto do brincar e da ludicidade.

O RCNEI ressalta que quando as crianças utilizam o faz de conta, elas “[...] podem experimentar outras formas de ser e pensar, ampliando suas concepções sobre as coisas e pessoas ao desempenhar vários papéis sociais ou personagens”.¹⁹⁴ Quando a criança faz de conta que é um objeto, terá uma percepção e fará uma concepção do que é aquele objeto, porém, se ela representa um móvel, ou um animal, ou ainda algo da natureza, terá percepções e concepções diferentes. Quando faz de

¹⁹⁰ *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Vol 1, 2001. p. 28.

¹⁹¹ *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Vol 1, 2001. p. 27.

¹⁹² *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Vol 2, 2001. p. 22.

¹⁹³ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 167.

¹⁹⁴ *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Vol 2, 2001. p. 23.

conta que é uma pessoa, terá não só uma concepção, mas várias, porque todas as pessoas são diferentes e têm diferentes pensamentos e atitudes.

É importante ressaltar que, de acordo com o RCNEI, o faz de conta é considerado como uma modalidade do brincar. As outras duas são: “brincar com materiais de construção e brincar com regras”.¹⁹⁵ É claro que não há nenhuma mais importante do que a outra, as três são importantes e fundamentais para o bom desenvolvimento da criança. Através do faz de conta, ela faz concepções sobre tudo o que há no mundo, através do brincar com materiais de construção ela constrói (e destrói), o que já internalizou das concepções feitas anteriormente e através do brincar com regras, ela aprende a interagir com os outros e a viver numa sociedade regida por regras. O RCNEI complementa, ressaltando que,

Brincar é, assim, um espaço no qual se pode observar a coordenação das experiências prévias das crianças e aquilo que os objetos manipulados sugerem ou provocam no momento presente. [...] Na brincadeira, vivenciam concretamente a elaboração e negociação de regras de convivência, assim como a elaboração de um sistema de representação dos diversos sentimentos, das emoções e das construções humanas.¹⁹⁶

Assim, percebe-se que o brincar é fundamental para o desenvolvimento das crianças. Porém os pais/mães e berçaristas devem ter o cuidado de proporcionar não somente o brincar livre, sem orientações, mas também o brincar dirigido, com instruções e regras. Em casa, geralmente, as brincadeiras das crianças são somente livres, porém no berçário o enfoque pode ser maior para as brincadeiras dirigidas em que há um objetivo a ser alcançado. Conforme Moyles,

Por meio do brincar livre, exploratório, as crianças aprendem alguma coisa sobre situações, pessoas, atitudes e respostas, materiais, propriedades, texturas, estruturas, atributos visuais, auditivos e cinestésicos. Por meio do brincar dirigido, elas têm uma outra dimensão e uma nova variedade de possibilidades estendendo-se a um relativo domínio dentro daquela área ou atividade.¹⁹⁷

Dessa forma, pode-se observar que as brincadeiras dirigidas têm a função de fazer a criança aprender determinados conceitos que o/a berçarista deseja passar. Brincar é uma arte que a criança desenvolve através da sua imaginação. Os/As pais/mães e os/as berçaristas não devem permitir que a imaginação e a criatividade das crianças morram porque elas não tiveram a oportunidade de “fazer arte” através

¹⁹⁵ *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Vol 1, 2001. p. 28.

¹⁹⁶ *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Vol 2, 2001. p. 23.

¹⁹⁷ MOYLES, J. R. *Só Brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Tradução de Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 33.

do brincar. Por isso é essencial a oferta de locais, materiais e brinquedos diversos, além da estimulação realizada pelo adulto, que faz toda a diferença na vida da criança.

Portanto, pode-se perceber a importância do brincar nos berçários. Nas palavras de Dornelles constata-se que,

Através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro. Ela cria e recria, a cada nova brincadeira, o mundo que a cerca. O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro, com o mundo.¹⁹⁸

Nesse sentido, Kuhlmann Jr. complementa que para a criança,

[...] conhecer o mundo envolve o afeto, o prazer e o desprazer, a fantasia, o brincar e o movimento, a poesia, as ciências, as artes plásticas e dramáticas, a linguagem, a música e a matemática. Que para ela, a brincadeira é uma forma de linguagem, assim como a linguagem é uma forma de brincadeira.¹⁹⁹

Gonzalez-Mena e Eyer afirmam que, para que os bebês fiquem satisfeitos, é preciso proporcionar espaço para que eles se movam e objetos para que possam explorar e manusear. Elas também destacam que muitas pessoas têm a tendência de restringir os movimentos das crianças em vez de estimulá-los.²⁰⁰ No entanto, as brincadeiras para os bebês precisam envolver movimento, pois, se eles puderem se movimentar, desenvolverão as capacidades motoras e também cognitivas. Gonzalez-Mena e Eyer destacam que “na infância e na primeira infância, movimento físico significa aprendizado – não apenas do uso do corpo como também do cérebro”.²⁰¹

Os encontros nos berçários devem ser permeados por brincadeiras que envolvam a manipulação de objetos (brinquedos ou não) que possibilitem que os bebês explorem e descubram o mundo. Essa exploração acontecerá por meios dos sentidos dos bebês. Nesse sentido, Goldschmied e Jackson salientam que,

[...] os cérebros dos bebês estão crescendo mais rapidamente do que em qualquer outro período de suas vidas, e que se desenvolvem ao responder a fluxos de informações advindas das cercanias, pelos sentidos do tato, olfato, paladar, audição, visão e movimento corporal.²⁰²

Pode-se perceber, então, que é principalmente através dos sentidos que os bebês aprendem e se desenvolvem. É por isso que as brincadeiras no berçário

¹⁹⁸ DORNELLES, L. V. Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. (Orgs.) *Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 104.

¹⁹⁹ KUHLMANN JR., M. Educação Infantil e currículo. In: FARIA, A. L. G.; PALHARES, M. S. (Orgs.) *Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios*. 6. ed. Campinas; São Paulo: Autores Associados, 2007. p. 65.

²⁰⁰ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 72,73,74.

²⁰¹ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 73.

²⁰² GOLDSCHMIED; JACKSON, 2008, p. 114.

precisam envolver o uso de um ou mais sentidos dos bebês. Segundo Goldschmied e Jackson,

Por meio das atividades de sugar, pôr na boca e manusear, os bebês estão descobrindo coisas a respeito de peso, tamanho, formatos, texturas, sons e cheiros, e, quando escolhem um objeto, podemos imaginar que estejam dizendo: “O que é isso?”. Mais tarde, quando eles são capazes de se movimentar pelo ambiente, parecem dizer: “O que posso fazer com isto?” (Hutt, 1979). Então, outros horizontes emocionantes abrir-se-ão para eles, se lhes oferecermos as ferramentas de que precisam.²⁰³

Kaercher complementa dizendo que as pessoas que trabalham com crianças pequenas, de até dois anos, precisam saber que elas aprendem “através dos sentidos, e das informações apreendidas através deles, que ela irá compreender o mundo que a cerca [...]. Assim, tudo que puder ser cheirado, ouvido, visto, tocado ou saboreado terá uma grande importância”.²⁰⁴

Goldschmied e Jackson destacam que os/as pais/mães e os/as berçaristas têm um papel fundamental nessas atividades de exploração e brincadeiras dos bebês: um papel nem sempre ativo, interferindo diretamente no que o bebê está fazendo, mas um papel passivo, servindo de âncora emocional, pois, através de sua presença ao lado da criança, ela se sente confiante para brincar e aprender.²⁰⁵ Sendo assim, novamente as relações afetivas e apego têm importância no desenvolvimento e aprendizagem do bebê.

Gonzalez-Mena e Eyer apresentam sete fatores que apoiam a brincadeira e a exploração dos bebês:

1. Participação ativa na rotina das crianças.
2. Observação sensível e entendimento das necessidades das crianças.
3. Consistência, o que inclui limites claramente definidos.
4. Confiança básica no bebê como alguém que inicia atividades, explora e aprende por si mesmo.
5. Ambientes seguros, cognitivamente desafiadores e emocionalmente nutritivos.
6. Não interromper a brincadeira quando os bebês estão brincando sozinhos.
7. Liberdade para explorar e interagir com objetos e outros bebês.²⁰⁶

Esses fatores podem ser observados pelos pais/mães e berçaristas, para que possam estimular o desenvolvimento e aprendizado dos bebês, sempre com uma atitude de auxiliador e facilitador da brincadeira. Gonzalez-Mena e Eyer afirmam que,

Os benefícios da brincadeira são enormes e vão muito além do tipo de coisas sobre as quais podemos falar com maior facilidade, como o desenvolvimento de habilidades e o aprendizado de conceitos. A brincadeira pode ser uma via

²⁰³ GOLDSCHMIED; JACKSON, 2008, p. 115,116.

²⁰⁴ KAERCHER, G. E. *E por falar em literatura...* In: CRAIDY, KAERCHER, 2001, p. 84.

²⁰⁵ GOLDSCHMIED; JACKSON, 2008, p. 119.

²⁰⁶ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 73.

de acesso às primeiras habilidades linguísticas, por exemplo. [...] O modo como reagimos aos bebês e crianças enquanto brincam, dando-lhes liberdade, ajudando-os a perseguir seus principais interesses e oferecendo recursos para tal, pode resultar em crianças adquirindo modelos de pensamento que durarão uma vida toda.²⁰⁷

Tanto nas escolas de Educação Infantil como nos berçários da Igrejas Batistas, todas as ações devem estar integradas ao desenvolvimento infantil, fazendo com que ele ocorra da melhor maneira possível. O pleno desenvolvimento da criança deve ser o foco principal dessas instituições. Para isso, é necessário, conforme o RCNEI, que sejam oferecidas “condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos”.²⁰⁸

Na observação realizada no berçário da PIB de Curitiba, pôde-se observar que, com exceção do momento do “culto do bebê”, não houve brincadeira dirigida, ou seja, as crianças brincaram livremente com os brinquedos nas suas salas. Porém, no “culto do bebê” todas as brincadeiras eram dirigidas. Em algumas delas não foram todas as crianças que participaram, pois algumas estavam chorando, uma caminhando pela sala e uma sentada no colchonete. As brincadeiras propostas eram todas musicais, onde eram feitos gestos e expressões corporais ou utilizados instrumentos musicais infantis coloridos. Pôde-se notar a alegria e o divertimento da maioria das crianças, demonstrados através de sorrisos, palmas e pulinhos. Enfim, pôde-se comprovar a importância do brincar e da ludicidade para o desenvolvimento e aprendizado das crianças.

Nas entrevistas realizadas a respeito da importância do berçário nas Igrejas Batistas, a coordenadora respondeu que: “Desde bebês eles já estão aprendendo o que é rotina e também as coisas da palavra de Deus”.²⁰⁹ Já as respostas das mães entrevistadas foram diversas: “Proporcionar comodidade aos pais para serem ministrados e ministrarem as crianças”.²¹⁰ “O berçário é muito importante, porque eles ficam aqui, aprendendo a orar, brincar, aprendendo as coisas da Palavra, enquanto nós, pais, podemos buscar também”.²¹¹ “Para desde bebê já aprenderem os ensinamentos bíblicos e os caminhos certos”.²¹² “Extrema importância, quanto antes

²⁰⁷ GONZALEZ-MENA, J; EYER, D. W. 2014, p. 72.

²⁰⁸ *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Vol 1. p. 23.

²⁰⁹ Entrevista com a coordenadora do berçário da PIB de Curitiba.

²¹⁰ Entrevista da mãe 1.

²¹¹ Entrevista da mãe 3.

²¹² Entrevista da mãe 4.

o bebê for ministrado e tiver contato com a Bíblia e outras crianças, melhor”.²¹³ “Para os pais prestarem mais atenção no culto”.²¹⁴

Através dessas respostas, pôde-se inferir que a maioria delas consideram o berçário importante para o desenvolvimento de seus filhos, principalmente na fé. Apenas na última resposta pôde-se perceber que, para esta mãe, o berçário tem somente a missão de cuidar do bebê para que os pais/mães “prestem mais atenção no culto”, e não para auxiliar no desenvolvimento de seus filhos/filhas.

Com isso, pode-se concluir que é necessário explicar a todos/todas os membros da Igreja que o berçário tem como objetivo proporcionar o desenvolvimento integral dos bebês, através de atitudes de cuidado, educação e ludicidade. Assim, todos/todas poderão compreender a importância que o berçário tem nas Igrejas Batistas e não mais terão a visão de que ele existe somente para que os pais possam “prestar mais atenção no culto”.

Quando perguntada sobre qual seria a principal função do berçário, a coordenadora respondeu que “a principal função é acolher não só o bebê, mas toda a família, amando, cuidando e realmente mostrando aos pais que o berçário é um lugar para abençoar os bebês”.²¹⁵ As mães entrevistadas responderam que: “É iniciar a apresentação de Jesus às crianças”.²¹⁶ “É ensinar que nosso Senhor Jesus cuida e ama a cada um”.²¹⁷ “É ensinar a Palavra, o caminho de luz que é Jesus”.²¹⁸ “É ministrar na vida dos bebês”.²¹⁹ “Ensinar as crianças nos caminhos do Senhor”.²²⁰

Ensinar, de acordo com o dicionário internacional de Teologia do NT, vem da palavra grega *didasko*, que,

Provém de di-dak-sko (raiz *dek-*, “aceitar”, “estender a mão para”). A raiz reduplicada e o sufixo incoativo transmitem a ideia de estender a mão repetidas vezes para aceitar algo; a palavra, portanto, sugere a ideia de fazer alguém aceitar alguma coisa. Ocorre frequentemente no gr. de Homero em diante, e, no at., significa “ensinar”, “informar”, “instruir”, “demonstrar”, “receitar” [...] O que se ensina pode ser conhecimento, opiniões ou fatos [...] O alvo de todo o ensinamento é comunicar o conhecimento e a perícia tendo em vista o desenvolvimento da capacidade do aluno.²²¹

²¹³ Entrevista da mãe 2.

²¹⁴ Entrevista da mãe 5.

²¹⁵ Entrevista com a coordenadora do berçário da PIB de Curitiba.

²¹⁶ Entrevista com a mãe 2.

²¹⁷ Entrevista com a mãe 4.

²¹⁸ Entrevista com a mãe 3.

²¹⁹ Entrevista com a mãe 1.

²²⁰ Entrevista com a mãe 5.

²²¹ BROWN, C.; COENEN, L. (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 633, 634.

Percebe-se, com essa definição e através das respostas das mães, que elas consideram como função principal esse ato de ensinar, transmitir a Palavra de Deus para seus filhos e, assim, proporcionar o desenvolvimento da fé de seus bebês. Apenas a coordenadora salientou, além do ensino, outras características importantes relativas à função do berçário, como o cuidado e a afetividade.

Por isso, é importante que o berçário seja apresentado como um ambiente em que o desenvolvimento integral do bebê é estimulado através do educar, do cuidar e da ludicidade, pois pode-se perceber que esses três eixos são essenciais para a realização de um bom trabalho nos berçários.

3 O AMBIENTE DO BERÇÁRIO

Para realizar um bom trabalho de cuidado, educação na fé e ludicidade com os bebês, vale a pena investir na estrutura física do berçário, capacitar e valorizar a equipe que irá trabalhar/servir e ainda elaborar um currículo e uma metodologia adequados a essa faixa etária. Não há como trabalhar com excelência com os bebês em uma sala inadequada, com pessoas incapacitadas e sem um currículo e uma metodologia previamente organizados. Silva destaca que:

O espaço para o trabalho com as crianças deverá ser um local especialmente elaborado para que as crianças tenham ricas experiências de aprendizagem. Alcançar esse ideal deve ser a meta de todos os que desejam o melhor para suas crianças.²²²

Por isso, é necessário conhecer as principais características que a estrutura física do berçário pode ter, identificar as características fundamentais que a equipe pode apresentar e destacar a importância da elaboração de um bom currículo e metodologia para melhor atender aos bebês que frequentam os berçários das Igrejas Batistas.

Antes, é preciso deixar claro que, por se tratar de um trabalho que possui como *locus* teológico o contexto eclesiástico batista, será feito o uso do vocabulário corrente nesse meio. Para tanto, é importante clarificar alguns pressupostos que dão sentido a esse vocabulário.

Os Batistas são, como a ênfase de seu nome já define, credo-batistas, isto é, praticam o batismo a partir da confissão de fé. Nesse sentido, a datação da conversão é um elemento fundamental para a prática do batismo, pois é necessário o reconhecimento de um momento que sirva como marco para mudança de sentido na vida individual. Também é importante registrar que, para a soteriologia batista, não basta racionalmente compreender-se salvo, é preciso sentir e manifestar em atos de santidade essa mesma salvação. Daí que no seu vocabulário eclesiástico surjam expressões como conversão, convertido/convertida, fé em Jesus, experiência pessoal de fé, expressões diretamente ligadas ao momento da conversão e ao posterior testemunho de fé. Além dessas expressões derivadas da soteriologia Batista, há outras geradas no contexto do exercício ministerial. Falar de “visão ministerial”, por exemplo, diz respeito à valorizada capacidade missionária de compreender a direção divina na atuação ministerial. Desde William Carey, um dos principais fundadores da

²²² SILVA, 2005, p. 14.

Sociedade Batista Missionária de Londres e ícone do moderno movimento de Missão Batista, essa é uma característica ministerial fundamental, e cobrada de pastores/pastoras, ministros/ministras de música e professores/professoras de ensino bíblico.

Sendo um vocabulário rico em sentido, definidor desse *locus* teológico, optou-se por apresentá-los aqui e usá-los no texto, seguindo o modo de fala e escrita batista, de forma que o leitor veja esses termos em seu contexto de uso.

3.1 Características da estrutura física

É imprescindível que o ambiente do berçário seja um lugar acolhedor, atrativo, estimulador e seguro. Rêgo e Smith recomendam que a sala-ambiente para o trabalho com as crianças seja um local planejado para que as crianças possam ter ótimas experiências de aprendizagem.²²³ As autoras salientam que “É através delas (experiências) que as crianças experimentam crescimento físico, mental, motor, social, e espiritual, culminando num desenvolvimento integral e harmonioso”.²²⁴ Nesse sentido, Goldschmied e Jackson afirmam que:

Os bebês precisam tanto de coisas interessantes e de variedade em suas vidas quanto as crianças mais velhas, e devemos pensar cuidadosamente sobre os ambientes nos quais eles passam o dia e os brinquedos que oferecemos a eles.²²⁵

Complementando essa afirmação, Barbosa enfatiza:

O espaço físico é o lugar do desenvolvimento de múltiplas habilidades e sensações e, a partir da sua riqueza e diversidade, ele desafia permanentemente aqueles que o ocupam. Esse desafio constrói-se pelos símbolos e pelas linguagens que o transformam e o recriam continuamente.²²⁶

De acordo com Rêgo e Smith, vários aspectos podem ser levados em consideração no ambiente do berçário. Em primeiro lugar, a localização do berçário: preferencialmente será no andar térreo ou com acessibilidade; com boa ventilação natural e com boa exposição ao sol (para eliminar a formação de umidade e mofo, que prejudicam a saúde das crianças).²²⁷

²²³ RÊGO, SMITH, 1991, p. 93.

²²⁴ RÊGO, SMITH, 1991, p. 93.

²²⁵ GOLDSCHMIED; JACKSON, 2008, p. 112.

²²⁶ BARBOSA, M. C. S. *Por amor e por força: rotinas na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 120.

²²⁷ RÊGO, SMITH, 1991, p. 93,94.

Esse aspecto é levado em consideração pela PIB de Curitiba, pois o berçário, assim como o templo, encontra-se no andar térreo. As demais salas do ministério infantil ficam localizadas no primeiro e quarto andares. O fato do berçário ficar no mesmo andar do templo facilita que as famílias tenham acesso mais rápido e prático a ele, até mesmo em casos de desconforto do bebê, a mãe e o pai podem chegar até ele com mais facilidade e agilidade.

Em segundo lugar, com relação aos aspectos físicos, sugere-se que o melhor formato para o berçário seja o retangular, para que o espaço seja melhor aproveitado; que as paredes sejam pintadas com cores claras e neutras; que o piso seja lavável e de rápida secagem, “nem muito frio nem muito quente” e que tenha cores neutras e não escuras; que a iluminação seja feita preferencialmente com lâmpadas frias; e que as portas e janelas sejam grandes.²²⁸

Em terceiro lugar, o mobiliário precisa ser forte e durável; não pode ter quinas nem pregos ou parafusos expostos, para que acidentes sejam evitados.²²⁹ Recomenda-se que o berçário não seja abarrotado de móveis, porque os bebês precisam de espaço livre para engatinhar, caminhar e brincar. Num berçário pequeno, o ideal é que se tenha 1 ou 2 berços; um sofá ou cadeira de amamentação; armário suspenso para guardar lençóis e outros materiais; uma bancada ou trocador; uma estante para os brinquedos e uma área para estimulação (onde serão realizadas as atividades) com tapete/colchonete, almofadas, barra de locomoção e espelho horizontal.²³⁰ No berçário da PIB de Curitiba, com exceção da barra de locomoção e do espelho horizontal, pode-se encontrar todos esses itens e outros não listados aqui. Barbosa e Horn salientam, “Ao pensarmos no espaço para as crianças, devemos levar em consideração que o ambiente é composto por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida”.²³¹

Goldschmied e Jackson enfatizam que,

Uma sala para bebês precisa combinar uma sensação de espaço amplo com intimidade, permitindo movimentos livres para as crianças que se movimentam e uma área mais tranquila para os bebês que ainda não possuem essa capacidade.²³²

²²⁸ RÉGO, SMITH, 1991, p. 94,95.

²²⁹ RÉGO, SMITH, 1991, p. 95.

²³⁰ RÉGO, SMITH, 1991, p. 100,101.

²³¹ BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. D. G. S. *Organização do espaço e do tempo na escola infantil*. In: CRAIDY, KAERCHER, 2001, p. 73.

²³² GOLDSCHMIED; JACKSON, 2008, p. 42.

Nesse sentido, Rêgo e Smith afirmam que o ideal é que o berçário contenha “duas áreas, uma reservada aos bebês que ficam nos berços [...] e outra para os bebês que já sentam, ficam em pé com apoio ou engatinham; a chamada área de estimulação”.²³³ As autoras ressaltam que, nos berços, é importante colocar móveis e brinquedos sonoros, para que os bebês possam desenvolver experiências de percepção.

Além disso, a barra de locomoção na área de estimulação é importantíssima para auxiliar as crianças que já estão ficando de pé ou dando seus primeiros passinhos. Da mesma maneira, o espelho é importante para que as crianças brinquem e possam observar seus movimentos, favorecendo a construção da sua autoimagem.²³⁴

A respeito dos brinquedos disponibilizados no berçário, Rêgo e Smith salientam: “É bom lembrar que os brinquedos a serem oferecidos às crianças dessa idade não devem ser miniaturas, nem ter botões, alfinetes ou outros detalhes, facilmente retirados e engolidos pelas crianças, que nessa fase levam tudo à boca”.²³⁵

Todas essas questões, exceto a barra de locomoção e espelho horizontal, foram observadas na construção do berçário da PIB de Curitiba, demonstrando uma preocupação em proporcionar um ambiente favorável ao pleno desenvolvimento e segurança dos bebês. Percebe-se que os diversos ambientes: cozinha, sala de alimentação, sala de bebês que não caminham, sala do soninho e amamentação, fraldário, sala de bebês que já caminham e sala de cultos, foram preparados cuidadosamente para que os bebês cresçam e se desenvolvam de maneira saudável e integral.

Além disso, o ideal é que haja um banheiro dentro ou próximo do berçário, para que aquelas crianças que já estão deixando de usar fraldas possam ter acesso fácil ao banheiro. É importantíssimo que o banheiro seja adequado e apropriado ao tamanho das crianças. Rêgo e Smith destacam que “o mais importante é que as crianças tenham o seu banheiro privativo e não façam uso do banheiro dos adultos, e vice-versa”.²³⁶ Isso nem sempre é possível nas Igrejas, mas pode ser alvo de investimento e melhorias constantes.

²³³ RÊGO, SMITH, 1991, p. 101.

²³⁴ RÊGO, SMITH, 1991, p. 101.

²³⁵ RÊGO, SMITH, 1991, p. 101.

²³⁶ RÊGO, SMITH, 1991, p. 100.

Na PIB de Curitiba, não há banheiro dentro do berçário, até porque os bebês que o frequentam são de até 1 ano e meio de idade e normalmente ainda estão usando fraldas. Já no primeiro andar, onde ficam as crianças do maternal (1 ano e meio até 2 anos e 11 meses), há banheiros específicos para adultos e para crianças, inclusive com vaso sanitário e pia apropriados ao tamanho delas.

A figura abaixo²³⁷ mostra um modelo de berçário. É claro que nas Igrejas é difícil de ter três salas individualizadas, porém é possível adaptar essa sala à realidade de cada local: unindo o local de repouso com o de troca e higiene e priorizando um espaço para as atividades (área de estimulação). A figura exemplifica bem a importância do espelho, da barra de locomoção e do espaço amplo para que as atividades possam ser melhor desenvolvidas com os bebês.



Obviamente, nem todas estas características são facilmente encontradas nos berçários das Igrejas, pois cada uma tem sua realidade, e, às vezes, para realizar um trabalho com os bebês, adaptam alguma sala para funcionar como berçário. Porém, não é por isso que as Igrejas não podem buscar melhorar o ambiente do berçário, para que ele chegue mais perto possível do ideal, favorecendo uma melhor aprendizagem e desenvolvimento dos bebês. Segundo Barbosa,

Pensar no cenário onde as experiências físicas, sensoriais e relacionais acontecem é um importante ato para a construção de uma pedagogia da educação infantil. Refletir sobre a luz, a sombra, as cores, os materiais, o olfato, o sono e a temperatura é projetar um ambiente, interno e externo, que favoreça as relações entre as crianças, as crianças e os adultos e as crianças e a construção das estruturas de conhecimento.²³⁸

Pode-se observar que não somente estas características da estrutura física são encontradas no berçário da PIB de Curitiba, mas também há outros itens como

²³⁷ SOLVES, S. *Como fazer a gestão do espaço do berçário*. Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/572/como-fazer-a-gestao-do-espaco-do-bercario>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

²³⁸ BARBOSA, 2006, p. 122.

cozinha e salas divididas para bebês que já caminham e bebês que ainda não caminham. Isso reflete a importância que os bebês têm para essa Igreja, pois é assegurada uma estrutura cuidadosamente preparada para recebê-los.

Nas entrevistas realizadas com algumas mães que levam seus filhos e filhas ao berçário, evidenciou-se que todas elas consideram a estrutura do berçário adequada para receber os bebês. Uma mãe enfatizou que a estrutura é adequada “principalmente porque aqui podemos deixar nossos filhos seguros. Tem estrutura tanto na parte técnica como no cuidado, carinho, dedicação das tias que cuidam dos nossos bebês”.²³⁹ A coordenadora do berçário destacou que a estrutura “é adequada para até 40 bebês”²⁴⁰, demonstrando que o espaço disponível no berçário tem um limite na quantidade de bebês que pode receber.

3.2 Características da equipe

É fundamental que as pessoas que “trabalham”/servem no berçário apresentem e desenvolvam algumas características para que possam realizar um bom ministério com os bebês. Guimarães ressalta que “trabalhar com crianças requer a plena consciência de que estamos não só influenciando vidas, mas ajudando a formá-las”.²⁴¹

Sendo assim, a primeira característica do/da berçarista é ter Jesus como Senhor e Salvador de sua vida.²⁴² Como pode alguém não convertido ensinar aos pequeninos sobre a fé em Jesus? Isso não é possível, pois seria contraditório. Por isso, é imprescindível que os/as berçaristas tenham e demonstrem uma experiência pessoal de fé em Jesus. Com isso, eles/elas precisam também dar um bom testemunho e ter uma vida devocional comprometida com Deus. Pode-se resumir essa primeira característica em ter e demonstrar um relacionamento íntimo e pessoal com Jesus. O/a berçarista que faz disso seu estilo de vida está apto/apta a trabalhar com os bebês.

Em segundo lugar, é fundamental que o/a berçarista sinta o chamado de Deus para esta missão. Não é fácil trabalhar com crianças, é preciso ter convicção de que se foi designado por Deus para trabalhar nesta obra, além de ter muito amor, paciência

²³⁹ Entrevista da mãe 3.

²⁴⁰ Entrevista com a coordenadora do berçário.

²⁴¹ GUIMARÃES, C. *Pastoreando as crianças desta geração*. São Paulo: Vida, 2007. p. 21.

²⁴² RÉGO, SMITH, 1991, p. 117.

e dedicação. Em Efésios 4.11, Paulo diz: “E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres”.²⁴³ Por isso, quem tem o dom de ensino precisa colocá-lo em prática na obra do Senhor. Guimarães ressalta,

Exercer o ministério com crianças vai além da técnica e do conhecimento, embora ambos sejam fundamentais para o desenvolvimento de um trabalho eficaz. É preciso primeiramente chamado, muito amor, visão e unção de Deus.²⁴⁴

Outra característica importante é ter visão para o ministério do berçário. Não há como trabalhar no berçário sem ter a visão de Deus sobre ele. Guimarães ressalta que “a visão de Deus *para* o ministério consiste em olhar sob a ótica divina o serviço que o Senhor nos designou”.²⁴⁵ É preciso olhar para este ministério com os olhos de Deus, e buscar nele os objetivos e rumos a serem tomados.

Além disso, é fundamental que os/as berçaristas se preparem para trabalhar com as crianças. É praticamente impossível fazer um bom trabalho sem se preparar previamente para ele. Por isso, Guimarães destaca: “Chamado, visão e preparo são palavras-chaves para desenvolver com excelência o ministério infantil”.²⁴⁶ É imprescindível que os/as berçaristas preparem e planejem os momentos que estarão com os bebês. O planejamento é indispensável ao ensino. Guimarães enfatiza: “Quando o professor não planeja sua aula, não se prepara adequadamente, não se esmera na transmissão do ensino, ele está colocando empecilhos no caminho da criança”.²⁴⁷

Para que haja êxito no exercício do trabalho no berçário, destaca-se que é importante que os/as berçaristas conheçam os bebês que frequentam o berçário, é fundamental que eles saibam quais são as principais características do desenvolvimento dos bebês. Nesse sentido, Hendricks salienta:

Para ser um professor eficiente, não basta dominarmos o conteúdo a ser ministrado; precisamos conhecer também aqueles a quem ensinamos. Nosso interesse principal não deve ser só passar-lhes princípios; mas influenciá-los.²⁴⁸

²⁴³ SBI. *Bíblia de estudo NVI*, p. 2023.

²⁴⁴ GUIMARÃES, 2007, p. 21.

²⁴⁵ GUIMARÃES, 2007, p. 20.

²⁴⁶ GUIMARÃES, 2007, p. 23.

²⁴⁷ GUIMARÃES, 2007, p. 42.

²⁴⁸ HENDRICKS, H. *Ensinando para transformar vidas*. Tradução de Myrian Talitha Lins. Belo Horizonte: Betânia, 1991. p. 39.

A oração é outra característica fundamental que os/as berçaristas precisam desenvolver, orar tanto pelos momentos que viverão com os bebês no berçário como pela própria vida dos bebês. A respeito disso, Guimarães destaca:

O professor que não ora por seus alunos, não se interessa por eles além das dimensões da sala de aula e não ora por sua própria vida e ministério, para ministrar às crianças debaixo da unção de Deus, é um mero executor de ordens.²⁴⁹

Rêgo e Smith acrescentam que ser professor de crianças não é fácil, pois a exigência de um bom preparo é indispensável. As crianças precisam responder ao ambiente de trabalho, dessa forma o envolvimento do professor é diretamente proporcional ao interesse das crianças. Para tanto, fazer o planejamento com antecedência, estudar os textos bíblicos, ensaiar as músicas, orar pelos alunos e por suas próprias vidas, além de chegar cedo, arrumar a sala, são ações que ultrapassam os limites das paredes do berçário.

Tendo em mente tudo isso, é preciso ressaltar que, além de ser crente fiel a Deus, ser chamado, ter visão, preparar-se, conhecer os bebês e orar por eles, o/a berçarista também pode desenvolver atitudes de amor, atenção, paciência, dedicação, criatividade, dinamicidade, flexibilidade, pontualidade. Tais atitudes o ajudarão a conquistar os bebês facilmente e a ter uma maior eficácia em sua missão de cuidar e educar na fé.

Nas entrevistas, observou-se que as mães consideram as/os berçaristas da PIB de Curitiba responsáveis, atenciosas/atenciosos, simpáticas/simpáticos, esforçadas/esforçados, dedicadas/dedicados e capacitados/capacitadas para servir no berçário. Outra mãe destacou que elas/eles “fazem um excelente trabalho, com muito amor e cuidado com todos os bebês”.²⁵⁰

A respeito da equipe, a coordenadora explicou que só podem se tornar voluntárias/voluntários do berçário pessoas maiores de 18 anos. Todos/todas passam por uma capacitação inicial, onde são transmitidos a visão, a missão e os valores desse ministério, além de explanação sobre seu funcionamento e estrutura. Assim como todas as crianças possuem um número de identificação, toda a equipe também precisa estar cadastrada e ter um “passaporte”, que é um crachá de identificação. Além disso, os voluntários utilizam um colete laranja que também serve para identificar quem está “trabalhando”/servindo no berçário e em todo o ministério infantil em cada

²⁴⁹ GUIMARÃES, 2007, p. 42.

²⁵⁰ Entrevista da mãe 4.

culto. A coordenadora destacou que, periodicamente, são realizadas reuniões com toda a equipe para capacitação e planejamento, e que, mensalmente, é feita uma reunião chamada “café com oração”.²⁵¹

3.3 Currículo e metodologia

Estabelecer um currículo para o berçário é imprescindível para que sejam definidos quais os conteúdos que serão ensinados aos bebês. Da mesma forma, é fundamental determinar qual será a metodologia que os/as berçaristas utilizarão para ensinar esses conteúdos aos bebês. Porém, o que é currículo? De acordo com Pacheco:

O currículo, enquanto projeto educativo e projeto didático, encerra três ideias-chave: de um propósito educativo planejado no tempo e no espaço em função de finalidades; de um processo de ensino/aprendizagem, com referência a conteúdos e atividades; de um contexto específico – o da escola ou organização formativa.²⁵²

Nesse sentido, o currículo é um processo que possui objetivos e que ocorre em determinado contexto. De acordo com Veiga, o currículo diz respeito à estruturação do conhecimento escolar, ela destaca que o currículo é “uma construção social do conhecimento, [...] portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito”.²⁵³ Conforme Bassedas, Huguet e Solé:

[...] os currículos são o conjunto de saberes culturais que, em dado momento, os responsáveis políticos e os especialistas em educação – referendados pelos representantes da soberania popular (Parlamento) nas sociedades democráticas – concordam que seja preciso trabalhar na escola para formar pessoas que vivem em um contexto social e cultural. Podemos dizer, ainda, que, no currículo oficial do nosso país, pretende-se proporcionar informações concretas sobre o que, como e quando é preciso ensinar e avaliar.²⁵⁴

Sendo assim, o currículo compreende informações referentes a “o que, como e quando ensinar e avaliar”. Nesse sentido, Libâneo, Oliveira e Toschi enfatizam que o currículo “é tudo o que se espera seja aprendido e ensinado na escola”.²⁵⁵ Então, pode-se entender o currículo como um guia que norteia todo o processo educativo e

²⁵¹ Entrevista com a coordenadora do berçário.

²⁵² PACHECO, J. A. *Currículo: teoria e práxis*. Porto: Porto Editora, 1996. p. 16.

²⁵³ VEIGA, I. P. A. (Org.). *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. 24. ed. Campinas: Papirus, 2008. p. 26,27.

²⁵⁴ BASSEDAS, HUGUET, SOLÉ, 1999, p. 56.

²⁵⁵ LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. D.; TOSCHI, M. S. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p.489.

pedagógico. Segundo Moreira e Silva: “o currículo produz identidades individuais e sociais particulares”.²⁵⁶ Nesse sentido, Silva complementa que,

O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade.²⁵⁷

Sendo assim, o currículo é a representação da identidade da instituição. Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil afirmam que nessa etapa o currículo é o,

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.²⁵⁸

Portanto, o currículo, enquanto identidade da educação infantil, busca proporcionar o desenvolvimento integral das crianças de 0 a 5 anos de idade, através de experiências e de saberes. Essas definições apresentadas referem-se à educação escolar sim, mas podem ser aplicadas também ao contexto das Igrejas Batistas. Algumas perguntas podem ser feitas para a elaboração do currículo nos berçários das Igrejas Batistas, tais como: O que se deseja ensinar? Como e quando acontecerá esse ensino? De que maneira o ensino será avaliado?

Respondidas estas perguntas, o currículo será elaborado, o que é fundamental para que a identidade do berçário seja formada e conhecida por todos/todas os/as que estão envolvidos/envolvidas e comprometidos/comprometidas com o seu bom e eficaz funcionamento.

3.3.1 Importância do currículo no Berçário

É importante e necessário ter um bom currículo para trabalhar com os bebês. Trabalhar temas avulsos, histórias aleatórias, por exemplo: um domingo falando sobre Deus, no seguinte sobre Igreja, no próximo sobre família etc., acaba confundindo o pensamento das crianças. De acordo com Gonzalez-Mena e Eyer, “o currículo é o

²⁵⁶ MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. D. (Orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 8.

²⁵⁷ SILVA, T. T. D. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Belo Horizonte, 2010. p. 150.

²⁵⁸ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil* / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. p. 12.

fundamento da educação de bebês e crianças. O currículo pode ser pensado como um plano de aprendizado”.²⁵⁹

Por isso, é importante elaborar ou adotar um currículo que siga uma sequência nos temas que serão ensinados ao longo de um período de tempo, que pode ser bimestral, trimestral, quadrimestral ou até semestral. Choun Jr. afirma: “O ministério com crianças requer um currículo profissionalmente preparado. Há muitos currículos excelentes publicados”.²⁶⁰ Ele apresenta um modelo de currículo²⁶¹ para trabalhar com as crianças de zero a três anos:

DEUS	1. Ele me ama.
	2. Ele faz todas as coisas.
	3. Ele cuida de mim.
	4. Eu posso falar com Ele.
JESUS	1. Ele é o bebê do Natal.
	2. Ele é meu amigo.
	3. Ele cresceu para ser Homem.
	4. Ele é o Filho de Deus. Deus o enviou.
	5. Ele é Deus.
A BÍBLIA	1. É o Livro de Deus.
	2. É um livro especial para ser amado.
	3. Fala-nos como agradecer a Deus.
	4. Tem boas histórias.
NOSSA IGREJA	1. É a casa de Deus.
	2. É onde aprendemos sobre Deus.
	3. É o lugar onde encontro meus amigos.
	4. É minha Igreja, o lugar a que pertença.
	5. É um lugar onde me divirto.
MINHA VIDA	1. Quero agradecer a Deus.
	2. Quero compartilhar com outros.

Rêgo e Smith²⁶² também apresentam uma proposta de currículo para ser aplicado com as crianças de zero a três anos, como se pode ver na tabela abaixo. As autoras afirmam que são alguns assuntos de interesse para as crianças, acerca dos quais elas precisam aprender. Além disso, ressaltam que “os conceitos que seguem não são completos, mas são exemplos do que pode ser facilmente entendido pelas crianças”.²⁶³

DEUS	1. Deus nos ama.
	2. Deus nos fez.
	3. Deus fez o mundo.

²⁵⁹ GONZALEZ-MENA, J.; EYER, D. W. *O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche: um currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas*. Tradução de Gabriela Wondracek Linck. 9. ed. AMGH: Porto Alegre, 2014. p. 42.

²⁶⁰ CHOUN JR, R. J. Ensinando crianças. In: GANGEL, K. O.; HENDRICKS, H. G. *Manual de ensino para o educador cristão: compreendendo a natureza, as bases e o alcance do verdadeiro ensino cristão*. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p. 144.

²⁶¹ CHOUN JR. In: GANGEL; HENDRICKS, 1999, p. 134.

²⁶² RÊGO, SMITH, 1991, p. 16,17.

²⁶³ RÊGO, SMITH, 1991, p. 16.

	4. Deus cuida de mim.
	5. Deus faz o bem.
JESUS	1. Jesus me ama.
	2. Jesus era uma criança igual a mim.
	3. Jesus é um amigo.
	4. Jesus nasceu, cresceu e falou com outros sobre o amor e carinho de Deus.
A BÍBLIA	1. A Bíblia é um livro especial.
	2. A Bíblia fala sobre Deus e Jesus.
	3. A Bíblia é um bom livro.
O MUNDO NATURAL	1. O mundo é feito de árvores, flores, o céu, a lua, o sol e as estrelas.
	2. Deus fez o mundo para nós.
	3. O mundo é bonito.
A IGREJA	1. Igreja são as pessoas que amam Jesus e nos amam.
	2. Na Igreja aprendemos sobre Deus.
	3. A Igreja é um povo feliz, e nesse povo eu encontro meus amigos.
A FAMÍLIA	1. Deus me deu a minha família.
	2. Amo a minha família.
	3. Devo obedecer a meus pais.
	4. Minha família é importante.
OS OUTROS	1. Os outros são meus amigos.
	2. Deus fez os outros e os ama também.
	3. Gosto de estar com os outros.
	4. Os outros podem ser diferentes de mim.
A PRÓPRIA PESSOA	1. Deus me ama.
	2. Deus me fez.
	3. Sou importante.
	4. Há muitas coisas que eu posso fazer.
	5. Estou crescendo.

Além destes dois modelos de currículo, várias editoras de revistas para Escola Bíblica Dominical (EBD) e Culto Infantil oferecem currículos específicos para berçário. A União Feminina Missionária Batista Brasileira (UFMBB) publicou, em 2005, um programa de ensino bíblico para crianças de 0 a 3 anos intitulado “Eu sou assim”. Esse currículo é elaborado para um ano e é dividido em 4 trimestres: 1º Formação da criança e construção da sua identidade (Eu sou assim); 2º A criança e a família, a criança e os amigos; 3º A criança e os relacionamentos e atividades no templo; 4º A criança e a Bíblia.²⁶⁴

A proposta desse material é ensinar através de atividades lúdicas e de brincadeiras, tornando o ensino mais significativo para as crianças. Cada lição é dividida em sugestões de atividades para crianças de 0 a 1 ano e meio e sugestões de atividades para crianças de 1 ano e meio a 3 anos. Também há a opção de adquirir um CD intitulado “Três sementes”, que contém músicas relacionadas aos temas propostos em cada trimestre. Esse material possui propostas para ensinar com ludicidade e criatividade, de forma que os bebês possam participar das atividades

²⁶⁴ SILVA, 2005, p. 7,8.

propostas com alegria e satisfação. A dificuldade desse material é que ele não inclui material complementar com figuras e cartazes para contar as histórias. Ele traz somente um apêndice com figuras, que não são coloridas, para que sejam ampliadas e xerografadas.

Outra editora que disponibiliza currículo para o berçário é a Editora Convicção, que, atualmente, edita e distribui os materiais da antiga Editora JUERP. O título da revista é “Brincando” e é direcionada especificamente para crianças de 0 a 2 anos, num currículo que se repete de dois em dois anos, seguindo a ordem abaixo exposta²⁶⁵:

NATUREZA	Deus fez o mundo.
	O belo mundo de Deus.
INDIVÍDUO	Como Deus me fez.
	Deus me fez.
DEUS	Deus me ama.
	Deus me dá todas as coisas.
FAMÍLIA	Deus me dá uma família.
	Eu tenho uma família.
PRÓXIMO	Deus me dá amigos.
	Eu tenho amigos.
IGREJA	Eu gosto da Igreja.
	A Igreja é um lugar especial.
BÍBLIA	A Bíblia é o melhor livro.
	A Bíblia tem lindas histórias.
JESUS	Meu amigo Jesus.
	Jesus é o melhor amigo.

Esse material é composto por sugestões de diversas atividades para conduzir o ensino da lição. Como o próprio título da revista indica, a ideia é que os bebês aprendam brincando. A revista vem com um suplemento didático que é composto por figuras e cartazes para auxiliar na “contação” de algumas das histórias propostas. As dificuldades deste material são que o suplemento não traz figuras para todas as lições e que, em algumas das lições, são sugeridas figuras de suplementos didáticos de edições anteriores, impedindo o acesso às mesmas, caso não se tenha adquirido todas as edições desse material.

Outra editora que produz materiais para crianças de 0 a 3 anos é a Sociedade Cristã Evangélica de Publicações (SOCEP). O material é intitulado “Baby SOCEP”, são 8 volumes, cada um com 13 lições. Os títulos de cada volume são: Deus criou os animais; A natureza que Deus criou; Eu, minha família e Deus; Crianças que Deus

²⁶⁵ CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. *MATRIZ curricular da literatura Batista*. Disponível em: <<http://www.batistas.com/images/DER/MATRIZCURRICULAR.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

ajudou; Os milagres de Jesus; Amigos na Bíblia; Ensinaamentos de Jesus; Pessoas especiais para Deus.²⁶⁶

O diferencial desse material é que o kit do/da professor/professora inclui: revista para o/a professor/professora contendo as sugestões de ensino das 13 lições; bloco de recursos visuais composto por 16 figuras coloridas e 5 blocos de atividades para alunos/alunas composto por 16 atividades manuais referentes às lições. Há ainda a possibilidade de adquirir o CD do volume 1, 2 e 5 para complementar o ensino.

Além destas, há ainda a editora Cristã Evangélica, que disponibiliza um material específico para crianças de 0 a 2 anos intitulado “Bebês”. Esse currículo é para um ano e é composto por 2 volumes, cada um com 6 lições que são subdividas em 4 ou 5 encontros (de acordo com o mês). Os títulos de cada volume são: Deus ama e Jesus cuida do bebê.²⁶⁷

Esse material possui um kit básico que é composto por manual do/da professor/professora; livrinho com CD contendo músicas relacionadas aos temas das lições e tapete didático de E.V.A. com 12 peças para encaixar, com imagens referentes às histórias. Também é possível adquirir o kit adicional que, no volume 1, é composto por um painel decorativo feito em entretela para que sejam colocadas as figuras das lições; banner com o tema do semestre; varal de pano com imagens das lições para fixar no berço e luva com imagens das lições. O kit adicional do volume 2 inclui um painel decorativo feito em entretela para que sejam colocadas as figuras das lições; banner com o tema do semestre; 3 almofadinhas educativas e um dado educativo decorados com figuras referentes às lições.

As lições e histórias bíblicas propostas são adequadas à linguagem dos bebês e há várias indicações de atividades relacionadas a cada lição que servem para facilitar o ensino de uma forma lúdica e atraente. Além das sugestões apresentadas no manual do/da professor/professora e da utilização do tapete didático, pode-se obter o kit adicional e, assim, ter maiores possibilidades para fixar as lições. Levando em conta a ampla variedade de sugestões e de materiais disponibilizados, bem como da qualidade dos mesmos, pode-se considerar que esse currículo preocupa-se com o desenvolvimento integral do bebê, constituindo-se num dos melhores currículos que

²⁶⁶ SOCEP. *SOCEP baby*. Disponível em: <http://www.ky1.com.br/index.php?route=product/category&path=60_61_63>. Acesso em: 02 mai. 2017.

²⁶⁷ EVANGÉLICA, EDITORA CRISTÃ. Material por faixa etária. *Editora Cristã Evangélica*. Disponível em: <<http://www.editoracristaevangelica.com.br/material-por-faixaetaria/0a23meses/bebes.html>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

foram apresentados acima. Além disso, este é o currículo que foi adotado pelo berçário da Primeira Igreja Batista de Curitiba, sendo muito bem recomendado por sua coordenadora na entrevista.

Como se pode observar, os autores/autoras e as editoras desenvolvem seus currículos basicamente sobre os mesmos temas: Deus, Jesus, Bíblia, Natureza, Família, Amigos, Igreja e Própria criança (sua formação e identidade; autoestima e autoimagem). Quando se opta por escolher um currículo pronto de uma destas editoras, é importante adaptar à realidade do berçário de cada Igreja. Outra opção para os berçários é cada Igreja montar o seu currículo de acordo com as necessidades e características das crianças, delimitando os temas que serão trabalhados a cada ano.

3.3.2 Características da metodologia

Uma metodologia de ensino no berçário que é muito eficaz para conduzir todo o encontro, principalmente o momento do culto do bebê, é a musicalização. A música é uma ótima ferramenta de ensino que pode ser usada nos berçários, pois, além dos bebês serem musicalizados, tem-se a oportunidade de ensinar histórias e princípios bíblicos de uma forma lúdica e atraente. Barker defende que a música tem um importante papel na adoração da Igreja, mas também deveria ter essa importância no processo de ensino.²⁶⁸ A música é um excelente meio para ensinar às crianças tanto histórias como conceitos e verdades bíblicas. Spann destaca,

[...] o uso da música para ensinar verdades profundas é um método natural e agradável. [...] A música deve ser usada na educação cristã porque ajuda a fixar conceitos espirituais. Através da música, as verdades espirituais podem se tornar mais claras pela associação com a melodia, a harmonia e o ritmo.²⁶⁹

Muradas destaca que “por estimular a formação de hábitos, a música consiste num poderoso instrumento de evangelismo e ensino bíblico”.²⁷⁰ A música e o ensino são essenciais na Bíblia. Em alguns casos, o ensino era feito através da música. Karnopp afirma que,

[...] os profetas e outros grandes líderes bíblicos usaram a música como meio de proclamar a Palavra do Senhor, seja ensinando, registrando ou

²⁶⁸ BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. D. G. S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. (Orgs.) *Educação Infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 367.

²⁶⁹ SPANN, E. *Música e louvor*. São Paulo: IBETE, 1990.

²⁷⁰ MURADAS, A. *A música dentro e fora da igreja*. São Paulo: Vida, 2003. p. 74.

testemunhando. [...] Os hinos são uma forma de proclamar e ensinar a Palavra pela qual Deus age.²⁷¹

A música facilita e auxilia o ensino de histórias bíblicas, pois, por exemplo, um/uma professor/professora pode, ao ensinar a história de “Daniel na cova dos leões”, não apenas contar a história, mas também cantar uma música que fala sobre ela, como: “Daniel orava a Deus três vezes ao dia, quando em tempo de aflição Deus o socorria. Quando foi pelo rei, aos leões jogado; não temeu, mas confiou e foi libertado”.

Uma criança que apenas ouviu a história não a reterá tanto quanto uma criança que ouviu a história e também “cantou a história”, pois aprendendo e cantando a música, a criança saberá a história. Tal é a importância da música como instrumento de ensino no ministério infantil. Bromley, citada por Faustini, afirma que “Somente agora estamos aprendendo que a boa música e o canto ensinados às crianças, enquanto pequenas, têm o poder de modificar o destino de suas vidas”.²⁷² Muradas ressalta que:

[...] toda criança gosta de cantar. Quem trabalha com criança sabe que a música funciona, antes de tudo, como recurso didático. Por meio das verdades bíblicas inseridas nos cânticos, as crianças aprendem a adorar a Deus num ambiente alegre e de participação. Aonde forem, elas vão cantar e levar a mensagem bíblica.²⁷³

Aristóteles, citado por Faustini, destaca que “A música tem tanta relação com a formação do caráter, que é necessário ensiná-la às crianças”.²⁷⁴ Sendo assim, percebe-se a importância da música para o ensino das crianças dentro e fora da Igreja. Faustini destaca que,

A música aprendida pela criança influe (sic) poderosamente no desenvolvimento de sua personalidade religiosa e intelectual. [...] A inocência, a simplicidade e a fé inquestionável da criança permitem que ela cante a Deus com um coração puro.²⁷⁵

Sendo assim, percebe-se que a música é uma grande aliada que as equipes do ministério infantil e dos berçários nas Igrejas podem usar em seu ensino. Ichter salienta que,

[...] para quem trabalha com crianças, não há nada mais compensador do que ter uma criança sob a sua responsabilidade, tentar ensinar-lhe algo que será

²⁷¹ KARNOPP, D. *Música e igreja: aspectos relevantes da música sacra na história do povo de Deus*. Passo Fundo: Pe. Bertier, 1999. p. 15,16.

²⁷² FAUSTINI, J. W. *Música e Adoração*. São Paulo: Publicação Coral Religiosa “Evelina Harper” Imprensa Metodista, 1973. p. 31.

²⁷³ MURADAS, A., 2003, p. 74.

²⁷⁴ FAUSTINI, J. W., 1973, p. 31.

²⁷⁵ FAUSTINI, J. W., 1973, p. 34.

útil em sua vida, tratar com paciência e amor os problemas típicos de sua idade. Depois assistirá com prazer e alegria ao crescimento daquela pequena criatura até o momento de vê-la encontrar o seu lugar na sociedade e começar, através de sua vida, a irradiar aqueles conceitos básicos que lhe incutiu alguns anos passados. Feliz é o líder que tem a incumbência de ensinar música às crianças! Metade de sua batalha já está vencida, porque praticamente todas as crianças gostam de música.²⁷⁶

Além de socializar, divertir, entreter e cativar as crianças, a música ajuda a fixar ensinamentos e a formar atitudes corretas. Barker ressalta que “a música também é uma linguagem. Ela é capaz de comunicar substância bem como sentimento, atmosfera e emoção”.²⁷⁷ Conforme o RCNEI, “a linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social”.²⁷⁸ Por todos esses motivos, não há dúvida de que a música só tem a contribuir com o processo de ensino e aprendizagem nos berçários.

Barker adverte que, ao usar a música como ferramenta de ensino, faz-se necessário uma consciência naquilo que tange aos próprios preconceitos, na importância de examiná-los cuidadosamente para que não se desestimule nas crianças a possibilidade de desenvolverem seus talentos ao serviço de Deus.²⁷⁹

Spann destaca que a música pode ser usada no ministério infantil “não somente para educar, mas também para ajudar a criança a se expressar e a desenvolver sua criatividade, que é fator de grande importância no processo educacional”.²⁸⁰

Nos berçários, a musicalização pode visar mais que ensinar música, seu maior objetivo será ensinar a Palavra de Deus com alegria, criatividade, ludicidade e amor, pois cantando também se aprende. Nesse sentido:

A musicalização infantil é um processo que tem como objetivo tornar a criança sensível e receptiva ao mundo sonoro, despertando o prazer de fazer e ouvir música de forma lúdica. Sabe-se que brincar é, certamente, a maior atração para a criança, e musicalizar brincando torna-se um processo que completa o desenvolvimento da criança, pois vai ao encontro de seus interesses, proporcionando benefícios que ela própria não consegue avaliar, mas pode sentir e vivenciar.²⁸¹

²⁷⁶ ICHTER, B. H. *A música e seu uso nas igrejas*. Rio de Janeiro: JUERP, 1977. p. 61.

²⁷⁷ BARKER, J. W. In: BARKER, J. W. *Celebrai com júbilo*. In: LEFEVER, M. D. *Métodos criativos de ensino: como ser um professor eficaz*. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 371.

²⁷⁸ *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. 2001. p. 49.

²⁷⁹ BARKER, J. W. In: LEFEVER, M. D., 2003, p. 368.

²⁸⁰ SPANN, E., 1990, p. 77.

²⁸¹ SCHREIBER, A. C. R. et al. *Ciranda, Cirandinha: ferramentas*. São Paulo: Ciranda cultural, 2009, p. 78.

A musicalização infantil pode seguir uma rotina que também auxilia as crianças na aprendizagem. A repetição da rotina, além de transmitir segurança às crianças, favorece a construção das noções temporais. De acordo com Barbosa, “A repetição do dia-a-dia, nas rotinas da Educação Infantil, pode dar às experiências das crianças o sentido de continuidade, de ser a chave do tempo que comporta a ideia de concluir amanhã algo iniciado hoje[...]”.²⁸² Portanto, estabelecer rotinas, além de contribuir para o desenvolvimento biopsicossocial da criança, torna o berçário mais organizado.

Como modelo de rotina, pode ser utilizada a sugestão que se encontra no livro/cd “Meu primeiro louvor” (volume 2)²⁸³:

- **Canção de chegada** – no momento em que todas as crianças chegam, canta-se uma canção de chegada que servirá para todos sentirem-se acolhidos, amados e bem-vindos na Igreja e no berçário. Um exemplo de canção de chegada é: “Oi _____ (nome da criança), que bom que está aqui! Deus te criou foi com muito amor!”²⁸⁴

Essa canção foi cantada no culto do bebê no berçário da PIB de Curitiba no dia em que foi realizada a observação. A professora cantava o nome de cada criança, passando por cada uma fazendo um carinho no rosto. A maioria dos bebês estava esperando o momento em que a professora diria o seu nome. Nota-se, através disso, a importância que o afeto tem para o desenvolvimento da criança.

- **Hora da oração** – canta-se uma música que fale de oração, pois este é o momento da oração em que podem ser feitos pedidos e agradecimentos a Deus. Nesse momento, também pode ser ensinado o versículo alusivo à história do dia. Um bom exemplo de música para a hora da oração é: “Nesta hora de oração, vou falar com Deus, quero assim poder dizer: meu papai do céu! Muito eu quero lhe pedir e agradecer, sua paz também sentir e em amor viver”.²⁸⁵

Na observação realizada no berçário da PIB de Curitiba, a professora cantou essa música e depois fez uma pequena oração agradecendo a Deus pelos bebês e suas famílias. Nesse momento, algumas crianças estavam caminhando pela sala e duas estavam chorando, então uma voluntária levou-as para a outra sala para acalmá-

²⁸² BARBOSA, 2006, p. 149.

²⁸³ SCHREIBER, A. C. *Meu primeiro louvor*. Volume 2. Curitiba: Luz e Vida, 2005, p. 21-25.

²⁸⁴ SCHREIBER, A. C. *Meu primeiro louvor*. Volume 1. Curitiba: Luz e Vida, 2003, p. 2 (faixa 1).

²⁸⁵ SCHREIBER, A. C. *Meu primeiro louvor 1*, 2003, p. 3 (faixa 2).

las. Porém, a agitação de alguns bebês não impediu que o culto do bebê continuasse acontecendo.

- **Hora da socialização** – canta-se uma ou mais músicas que motivem a socialização entre as crianças. Uma ótima música de socialização é: “A bolinha/cachorrinho vou passar, meu amigo vai pegar, sempre assim eu vou brincar, Deus me ensina a partilhar!”²⁸⁶

No dia em que foi realizada a observação no berçário da PIB de Curitiba, a música cantada foi: “Onde está o nenê? Está aqui! Onde está o nenê? Apareceu! (2x) Cada um de nós foi Deus quem fez, não há outro igual, tão especial! Você é especial!” A professora, com o auxílio de uma mãe, pegou um TNT azul e, enquanto cantavam, balançavam o TNT para cima e para baixo, cobrindo e descobrindo as crianças, que gostaram muito desse momento e ficavam esperando o momento que o TNT as cobriria.

- **Hora da história** – canta-se uma música introduzindo a história para chamar a atenção das crianças. Uma boa música para cantar antes de contar a história é: “Vou ficar quietinho para escutar, uma historinha Deus quer me falar”.²⁸⁷ Em seguida, conta-se a história e depois, se houver alguma música que combine com a história, ela pode ser cantada e ensinada para as crianças para reforçar o ensino.

Recomenda-se que a história para os bebês seja contada de forma lúdica e criativa, utilizando recursos variados que possam atrair a atenção das crianças como, por exemplo, figuras grandes e coloridas, fantoches, livros grandes, personagens de sucata, entre outros. É importante usar palavras simples e objetivas e que a história seja breve para que os bebês possam prestar atenção e interagir com a professora nesse momento.

- **Hora da expressão corporal** – canta-se uma ou mais músicas em que as crianças possam se movimentar (marchando, dançando, pulando, correndo...). Um bom exemplo de música de expressão corporal é: “Saltitando, saltitando, para lá e pra cá! Saltitando, saltitando, vou agora balançar. Balançando, balançando, para lá e pra cá! Balançando, balançando, vou agora me abaixar. Abaixando, levantando, para lá e pra cá! Abaixando, levantando, vou agora terminar”.²⁸⁸

²⁸⁶ SCHREIBER, A. C. *Meu primeiro louvor 1*, 2003, p. 8 (faixa 7).

²⁸⁷ ARNDT, M. T. D. *Louvor dos pequeninos*. Curitiba: Espaço Musical, 2003. p. 14 (faixa 10).

²⁸⁸ SCHREIBER, A. C. *Meu primeiro louvor 2*, 2005, p. 9 (faixa 8).

Essa foi a música cantada no dia da observação no berçário da PIB de Curitiba. A professora pediu para que cada berçarista e algumas mães que estavam com seus bebês ficassem em pé e pegassem um bebê no colo e cantou uma música em que se movimentava o bebê, balançando-o de um lado para o outro suavemente e depois abaixando e levantando. Os bebês gostaram muito dessa música, pois eles expressaram sorrisos e gritos de felicidade, então a professora repetiu-a.

Em seguida, ela colocou outra música em que as mães e as berçaristas ficavam em círculo com os bebês no colo, interagindo de acordo com a letra da música, quando falava dentro, todas se inclinavam com o bebê para dentro do círculo, e quando falava fora, todas voltavam para a posição inicial. Foi um momento muito lúdico e divertido tanto para os bebês como para as mães e berçaristas que estavam com eles, pois todos estavam sorrindo e fazendo os movimentos que a música solicitava com muita empolgação e alegria.

- **Hora da prática instrumental** – canta-se uma ou mais músicas em que as crianças possam tocar um instrumento (chocalhos, pandeiros, tambores, reco-recos, clavas, guizos...). Um bom exemplo de música com instrumentos é: “Tum-tum-tum-tum, eu amo a Jesus! Tum-tum-tum-tum, eu já sei louvar! Tum-tum-tum-tum, igual meu coração, vou assim tocar: tum-tum-tum-tum-tum-tum-tum-tum”.²⁸⁹

No dia em que foi realizada a observação no berçário da PIB de Curitiba, a professora cantou duas músicas com instrumentos. Primeiro, ela pediu para que todos e todas sentassem novamente e distribuiu chocalhos em formato de coração para as crianças tocarem enquanto cantava uma música que fala sobre o coração. As mães e berçaristas que estavam com os bebês menores seguraram o chocalho para eles, e os bebês maiores seguraram e tocaram com muita alegria. Quando a música terminou, uma das berçaristas recolheu os chocalhos e colocou-os em um cesto separado para que, logo depois, fossem higienizados com álcool. Em seguida, a professora entregou ovinhos de percussão para cada bebê e colocou a música “A chuva cai”, o som desse instrumento imita o barulho da chuva e ela incentivou que todos balançassem o ovinho. Pôde-se perceber que esse foi um momento de muita interação e de alegria entre os bebês.

- **Relaxamento** – canta-se uma canção em que as crianças possam relaxar e ter um momento de calma. Uma boa música para relaxamento é: “É hora de

²⁸⁹ SCHREIBER, A. C. *Meu primeiro louvor 1*, 2003, p. 12 (faixa 11).

deitar, nós vamos descansar. Feche os seus olhinhos, ouça esta canção. Sonhe bem tranquilo. E fique com Deus!”²⁹⁰

Na observação do berçário da PIB de Curitiba, a professora colocou uma música bem calma que falava sobre a troca de fraldas e passou pelas crianças acariciando seus rostos e falando para as mães e berçaristas da importância da troca de fraldas ser um momento de interação e afetividade com os bebês, até mesmo para as suas formações de autoestima e identidade.

- **Canção de despedida** – canta-se uma canção de despedida para que todas as crianças se despeçam e possam ir para suas casas. Uma ótima canção de despedida é: “Tchau, tchau, um beijo é hora de despedir, eu vou embora, com Deus seja feliz”.²⁹¹

No berçário da PIB de Curitiba, a professora cantou essa música para indicar que o culto havia acabado e novamente passou pelos bebês dizendo tchau e dando um beijo. Em seguida, os bebês que podiam comer foram encaminhados para a sala ao lado para ganhar o lanchinho e os outros foram para a sala do berçário 1 para continuar brincando até que seus pais e suas mães viessem buscá-los.

Tendo esse modelo como base, o/a berçarista poderá planejar os encontros e cultos do bebê com muita criatividade, dinamismo e motivação. Além disso, estará trazendo muitos benefícios para o desenvolvimento da criança, pois

Com a música sendo usada de forma lúdica, com jogos e brincadeiras, o professor estará contribuindo para a criança desenvolver a memória, a atenção, a concentração, a fixação, a coordenação motora, o senso rítmico, o reconhecimento das partes do corpo e o fortalecimento dos músculos.²⁹²

Sendo assim, pode-se afirmar que, utilizando a musicalização no culto do bebê, com certeza os encontros no berçário serão mais alegres e animados, pois a música tem grande influência sobre as crianças, além de motivá-las a participarem com maior satisfação, dedicação e de ensiná-las sobre os princípios bíblicos da Palavra de Deus. Segundo Maffioletti:

As professoras do berçário ficam muito admiradas quando observam que os bebês aprendem e reconhecem com extrema facilidade aquelas músicas que lhes proporcionam momentos de descontração e alegria. O canto é uma atividade eminentemente social, é uma abertura para o outro e um enorme enriquecimento pessoal.²⁹³

²⁹⁰ SCHREIBER, A. C. *Meu primeiro louvor 2*, 2005, p. 16 (faixa 14).

²⁹¹ SCHREIBER, A. C. *Meu primeiro louvor 2*, 2005, p. 19 (faixa 17).

²⁹² SCHREIBER, A. C. R.; RODRIGUES, E. M. F.; MICHELI, L. L.; GUSSO, S. de F. K., 2009, p. 78.

²⁹³ MAFFIOLETTI, L. D. A. Práticas musicais na escola infantil. In: CRAIDY, KAERCHER, 2001, p. 130.

O berçário da PIB de Curitiba adota como uma das metodologias ensinar a Palavra de Deus através da música. Pode-se observar que a maioria dos bebês gosta muito de participar das atividades com as músicas, batendo palmas, expressando sorrisos, tentando pular. As músicas atraem as crianças, tornando seu aprendizado mais significativo, de uma forma lúdica e prazerosa.

Nas entrevistas realizadas com as mães, todas responderam que consideram a metodologia utilizada no berçário apropriada e que traz muito aprendizado para seus bebês. A mãe 2 enfatizou que gosta muito da metodologia e que as “músicas e orações são simples, super apropriadas para os bebês”.²⁹⁴

O site da Igreja apresenta a seguinte descrição sobre o berçário:

O berçário da PIB Curitiba atende crianças de 0 a 18 meses. Nosso espaço foi cuidadosamente preparado para acolher os bebês e suas famílias. A estrutura do berçário conta com: recepção, sala de alimentação, fraldário, sala de amamentação e soninho, duas salas de atividades e televisão com transmissão simultânea do culto. Buscamos oferecer aos pequenos um ambiente seguro e rico em estímulos, onde a palavra de Deus é ministrada em linguagem apropriada afim de despertar neles o maravilhamento por Deus e sua palavra.²⁹⁵

Durante todo o período de observação, pôde-se constatar que isso realmente acontece no berçário. Verificou-se que a estrutura é adequada e preparada para receber os bebês; que as famílias se sentem muito seguras e confiam no trabalho que é realizado no berçário; que os voluntários que “trabalham”/servem ali demonstram muito amor e carinho com os bebês e que eles se sentem acolhidos e seguros naquele ambiente. Alguns estavam chorando, pois eram visitantes e, ainda, não estavam acostumados a ficar sem seus pais e suas mães. Observou-se que há uma preocupação com o ensino bíblico aos bebês de uma forma lúdica e através da música, o que atrai os bebês a participarem do culto do bebê.

No momento do culto do bebê, é de se esperar que as crianças não fiquem todas sentadas quietas como um adulto faria. Algumas caminham, engatinham, mas a todo momento lançam olhares para a professora, as/os berçaristas e mães incentivam a participação e auxiliam na realização das atividades. No entanto, percebe-se que é um momento significativo de aprendizagem e afetividade entre os bebês e as mães ou entre os bebês e as/os berçaristas.

²⁹⁴ Entrevista da mãe 2.

²⁹⁵ PIB DE CURITIBA. *BERÇÁRIO*. Disponível em: <<https://www.pibcuritiba.org.br/criancas/bercario-2/>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

CONCLUSÃO

Através dessa pesquisa, várias conclusões puderam ser realizadas, a principal delas é que o berçário das Igrejas Batistas pode, sim, ser usado como um ambiente que proporcione o desenvolvimento integral das crianças de 0 a 2 anos através da educação e do cuidado, de uma forma lúdica e interativa.

Pode-se perceber que nos primeiros dois anos de vida os bebês apresentam um impressionante desenvolvimento, passando da completa dependência ao nascer a uma progressiva independência. Sendo assim, destaca-se que os bebês estão em pleno desenvolvimento em todas as áreas, inclusive a espiritual, pois é desde bebê que as sementes de fé são plantadas no coração da criança.

O investimento na estrutura física do berçário é imprescindível para que seu objetivo de ser um ambiente que propicie o desenvolvimento integral dos bebês seja colocado em prática. Além disso, é importante que ele seja acolhedor e contemple as necessidades dos bebês. Observou-se também a necessidade de elaborar ou adquirir um bom currículo, bem como de fazer o planejamento e a avaliação das atividades realizadas no berçário.

Demonstrou-se também que a musicalização infantil pode ser uma das metodologias utilizadas para conduzir o trabalho nos berçários. Músicas com melodias fáceis e com letras curtas e objetivas são facilmente aprendidas pelas crianças, que logo entenderão os conceitos bíblicos cantados por elas. A música é uma das maiores obras de arte criadas por Deus e utilizá-la para facilitar o ensino da Palavra de Deus nos berçários é muito importante. Além disso, é uma maneira de tornar o ensino mais lúdico, atrativo e dinâmico, pois propicia a interação entre os bebês e também diversão, com aprendizado. A música não somente tornará a aula mais interativa, divertida e alegre, como também ajudará a fixar as histórias, os conceitos, os princípios e as verdades bíblicas que estarão sendo ministrados aos bebês no berçário.

A importância de ter uma equipe de berçaristas capacitada para interagir com os bebês e estimulá-los em seu desenvolvimento também foi evidenciada tanto pelos autores consultados como pelo estudo de caso que foi realizado no berçário da Primeira Igreja Batista (PIB) de Curitiba. É fundamental que as/os berçaristas sejam convertidas/convertidos, tenham um bom testemunho e uma vida de oração; que

tenham a visão de Deus sobre as crianças; que se preparem para atuar no berçário; que gostem de cuidar e de educar os bebês e que criem laços afetivos com eles, auxiliando no seu desenvolvimento e aprendizado.

Além disso, constatou-se que educação, cuidado e ludicidade formam os três eixos do berçário. Os três são interdependentes e ocorrem de maneira integrada para proporcionar o desenvolvimento integral dos bebês. O conceito de educuidar, apresentado por Dias, contribui no entendimento de que cuidar e educar são práticas indissociáveis e que podem permear todas as ações nos berçários das Igrejas Batistas.

Evidenciou-se a importância de educar os bebês para que eles possam se desenvolver plenamente, ampliar suas descobertas e o conhecimento do mundo em que habitam. Para isso, pode-se planejar e propiciar diversas situações de ensino-aprendizagem, principalmente através da exploração e por meio do uso dos sentidos. Nos berçários das Igrejas Batistas, é necessário que essas situações sejam também de educação na fé. Com certeza, educar na fé e ensinar a Bíblia para os bebês é um grande desafio, mas não é algo impossível de ser realizado, pois através da musicalização, da contação de histórias e de experiências lúdicas, o desenvolvimento da fé pode ser possibilitado aos bebês.

Pode-se perceber que cuidar dos bebês é uma tarefa indispensável nos berçários. Para isso é fundamental que o ambiente seja acolhedor e tranquilo, para que os bebês se sintam seguros e protegidos. É essencial, também, que os/as berçaristas preocupem-se tanto com o bem-estar físico como emocional dos bebês, cuidando de sua alimentação, higiene, sono e se estão se sentindo seguros e amados nesse ambiente. Por isso, a criação de laços afetivos e do apego são muito importantes nos berçários das Igrejas Batistas.

A importância da ludicidade, traduzida no berçário principalmente pelo brincar, foi comprovada através dos autores consultados e dos dados obtidos através das observações e entrevistas no estudo de caso. Para auxiliar no desenvolvimento dos bebês, todas as atividades realizadas podem ser lúdicas e interativas, transformando todos os momentos, inclusive os de higiene e alimentação, em brincadeiras que os envolvam e os cativem.

Infelizmente, muitas Igrejas Batistas não proporcionam em seus berçários a realização desses três eixos e também não se preocupam com a educação na fé aos bebês, mas apenas disponibilizam uma sala para que eles sejam cuidados e não

“atrapalhem” o culto dos adultos. A infância é o melhor tempo para semear, por isso é necessário que as Igrejas percebam a importância de oferecer um berçário que invista na educação, no cuidado e na ludicidade e estructurem um ambiente estimulador, com berçaristas que estejam capacitados a educar e ensinar a Palavra de Deus através de momentos lúdicos e que proporcionem o desenvolvimento integral dos bebês.

Portanto, os encontros com os bebês no berçário podem se constituir em momentos de interação, exploração e aprendizado, previamente preparados com muita dedicação e sabedoria. É importante que os bebês sejam valorizados nas Igrejas Batistas, tendo uma sala adequada para recebê-los, com pessoas preparadas para educá-los e cuidá-los através da ludicidade e de momentos de interação. Eles também podem aprender sobre Deus, sobre Jesus, sobre a Bíblia e sobre as histórias que ela contém, através da musicalização e da contação lúdica de histórias. É encantador observar bebezinhos, do seu jeito, cantando, orando e se desenvolvendo espiritualmente. E é por isso que é necessário investir nesse ministério com alegria, disposição e amor.

REFERÊNCIAS

- AMATUZZI, M. M. Esboço da teoria do desenvolvimento religioso. In: PAIVA, G. J. D. (Org.) *Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 25-51.
- ARNDT, M. T. D. *Louvor dos pequeninos*. Curitiba: Espaço Musical, 2003.
- ARRIBAS, T. L. *Educação Infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar*. Tradução de Fátima Murad. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.
- BARBOSA, M. C. S. *Por amor e por força: rotinas na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. D. G. S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. (Orgs.) *Educação Infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 67-80.
- BARKER, J. W. Celebrai com júbilo. In: LEFEVER, M. D. *Métodos criativos de ensino: como ser um professor eficaz*. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 367-378.
- BASSEDAS, E.; HUGUET, T.; SOLÉ, I. *Aprender e ensinar na Educação Infantil*. Tradução de Cristina Maria de Oliveria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- BEE, H. *A criança em desenvolvimento*. Tradução de The Developing Child. 3. ed. São Paulo: HARBRA, 1984.
- BEE, H.; BOYD, D. *A criança em desenvolvimento*. Tradução de Cristina Monteiro. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BIAGGIO, Â. M. B. *Psicologia do desenvolvimento*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- BOFF, L. Cuidado: o ethos do humano. In: FERREIRA, G.; FÔNSECA, P. *Conversando em casa*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p. 73-78.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2017.
- BROWN, C.; COENEN, L. (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- BUJES, M. I. Escola infantil: pra que te quero? In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. (Orgs.) *Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Candeia, 1995.
- CHOUN JR, R. J. Ensinando crianças. In: GANGEL, K. O.; HENDRICKS, H. G. *Manual de ensino para o educador cristão: compreendendo a natureza, as bases e o alcance*

do verdadeiro ensino cristão. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p. 117-148.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. *MATRIZ curricular da literatura Batista*. Disponível em: <<http://www.batistas.com/images/DER/MATRIZCURRICULAR.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

DAVID, M. *A criança de 0 a 2 anos: vida afetiva, problemas familiares*. Tradução de Monjas Dominicanas. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

DAVIDSON, F. *O novo comentário da Bíblia*. Tradução de Russel P. Shedd. São Paulo: Vida Nova, v. 2, 1987.

DIAS, D. *O educuidar na creche e jardim de infância*. 2012. Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4316/1/Projecto%20educuidar_Daniela%20Dias.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2017.

DIDONET, V. Não há educação sem cuidado. *Pátio Educação Infantil*, Porto Alegre, 1, n. 1, abr./jul 2003. p. 6-9.

DORNELLES, L. V. Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. (Orgs.) *Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 101-108.

EARLE, R.; SANNER, A. E.; CHILDERS, C. L. *Comentário bíblico Beacon: Mateus a Lucas*. Tradução de Derman Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

ERIKSON, E. *Infância e sociedade*. Tradução de Gildásio Amado. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

EVANGÉLICA, EDITORA CRISTÃ. Material por faixa etária. *Editora Cristã Evangélica*. Disponível em: <<http://www.editoracristaevangelica.com.br/material-por-faixaetaria/0a23meses/bebes.html>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

FAUSTINI, J. W. *Música e Adoração*. São Paulo: Publicação Coral Religiosa "Evelina Harper" Imprensa Metodista, 1973.

FEIJÓ, O. G. *Corpo e Movimento: Uma Psicologia para o Esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 1992.

FELIPE, J. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. (Orgs.) *Educação Infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 27-38.

FOWLER, J. W. *Estágios da Fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. Tradução de Júlio Paulo Tavares Zabatiero. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

GEORGE, S. K. *Igreja ensinadora: fundamentos bíblico-teológicos e pedagógicos da educação cristã*. São Paulo: Luz para o caminho, 1993.

GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. *Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche*. Tradução de Marlon Xavier. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GOMES, M. P. Sugestões para uma avaliação psicomotora no contexto psicopedagógico. In: OLIVEIRA, V. B. D.; BOSSA, N. A. *Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 125-156.

GONZALEZ-MENA, J.; EYER, D. W. *O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche: um currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas*. Tradução de Gabriela Wondracek Linck. 9. ed. AMGH: Porto Alegre, 2014.

GUIMARÃES, C. *Pastoreando as crianças desta geração*. São Paulo: Vida, 2007.

HENDRICKS, H. *Ensinando para transformar vidas*. Tradução de Myrian Talitha Lins. Belo Horizonte: Betânia, 1991.

ICHTER, B. H. *A música e seu uso nas igrejas*. Rio de Janeiro: JUERP, 1977.

JACOBSEN, M. B. *A criança no lar cristão*. Tradução de Wanda de Assumpção. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1989.

KAERCHER, G. E. E por falar em literatura. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. (Orgs.) *Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 81-88.

KARNOPP, D. *Música e igreja: aspectos relevantes da música sacra na história do povo de Deus*. Passo Fundo: Pe. Bertier, 1999.

KUHLMANN JR., M. Educação Infantil e currículo. In: FARIA, A. L. G.; PALHARES, M. S. (Orgs.) *Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios*. 6. ed. Campinas; São Paulo: Autores Associados, 2007. p. 51-66.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. D.; TOSCHI, M. S. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LINS, M. J. S. D. C. *A estruturação da inteligência do pré-escolar segundo Piaget*. Rio de Janeiro: Anima, 1984.

LOBO, L. *Comunico, Logo Existo - A Fala, o Gesto, a Arte: A Criança Precisa se Expressar*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1986.

LOPES, M. R. C. Descompasso: da formação à prática. In: KRAMER, S., et al. *Infância e educação infantil*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2007. p. 101-130.

LUCKESI, C. Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese. In: LUCKESI, C. C. (Org.) *Ludopedagogia – ensaios*. Salvador: Gepel, v. 1, 2000. Série educação e ludicidade. p. 9-42.

MACÊDO, L. C.; DIAS, A. A. *O cuidado e a educação enquanto práticas indissociáveis na educação infantil*. Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT07-1824--Int.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2017.

MAFFIOLETTI, L. D. A. Práticas musicais na escola infantil. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. (Orgs.) *Educação Infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 123-134.

MARANHÃO, G. D.; ZURAWSKI, M. P. V. Cuidado e aprendizagem na educação infantil. *Pátio*, 41, n. 12, Out. 2014.

MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Online*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE; SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, v. 1, 2001.

MONTENEGRO, T. *O cuidado e a formação moral na educação infantil*. São Paulo: EDUC, 2001.

MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. D. (Orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1994.

MORRIS, L. L. *Lucas: introdução e comentário*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Mundo Cristão, 1986.

MOYLES, J. R. *Só Brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Tradução de Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MURADAS, A. *A música dentro e fora da igreja*. São Paulo: Vida, 2003.

NÖRNBERG, M. O lugar do cuidado na formação de professores. *Diálogo*, Canoas, 11, jul./dez. 2007. p. 211 - 234.

OLIVEIRA, Z. D. M. R. Diretrizes para a formação de professores de educação infantil. *Revista Pátio Educação Infantil*, Porto Alegre, Ano 1, n. 2, ago./nov. 2003. p. 6-9.

PACHECO, J. A. *Currículo: teoria e práxis*. Porto: Porto Editora, 1996.

PIB DE CURITIBA. *BERÇÁRIO*. Disponível em: <<https://www.pibcuritiba.org.br/criancas/bercario-2/>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

POHIER, J. M. *Psicologia da inteligência e psicologia da fé: o sistema de Piaget aplicado à fé*. Tradução de Francisco A. C. Catão. São Paulo: Herder, 1971.

RÊGO, S. C. B. D.; SMITH, P. J. *A criança de 0 a 3: orientação para o ensino*. Rio de Janeiro: UFMBB, 1991.

RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. D. R.; DAVIS, C. *Psicologia do desenvolvimento: teorias do desenvolvimento, conceitos fundamentais*. São Paulo: EPU, 1981.

RODRIGUES, B. Engatinhar: uma conquista do bebê. *Guia do bebê*. Disponível em: <<http://engatinhar-uma-conquista-do-bebe/%3E/>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

SANTANA, A. L. O que é fé? *Infoescola*, 2007. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/religiao/o-que-e-fe/>>. Acesso em: 17 Jul. 2016.

SCHREIBER, A. C. *Meu primeiro louvor*. Curitiba: Luz e Vida, v. 1, 2003.

SCHREIBER, A. C. *Meu primeiro louvor*. Curitiba: Luz e Vida, v. 2, 2005.

SCHREIBER, A. C. R. et al. *Ciranda, Cirandinha: ferramentas*. São Paulo: Ciranda cultural, 2009.

SERBENA, I. M. B. *Fé e vida crescem juntas: para pais e educadores*. São Paulo: Paulinas, 1986.

SILVA, D. E. G. S. D. *Eu sou assim: programa de ensino bíblico para crianças de 0 a 3 anos*. Rio de Janeiro: UFMBB, 2005.

SILVA, T. T. D. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Belo Horizonte, 2010.

SMITH, P. K. O brincar e os usos do brincar. In: MOYLES, J. R. *A excelência do brincar*. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 25-38.

SOARES, I. A. S. et al. A organização do trabalho pedagógico na creche. In: CARVALHO, A., et al. *Desenvolvimento e aprendizagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 98-117.

SOCEP. *SOCEP baby*. Disponível em: <http://www.ky1.com.br/index.php?route=product/category&path=60_61_63>. Acesso em: 02 mai. 2017.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Bíblia de estudo NVI*. São Paulo: Vida, 2003.

SOLVES, S. *Como fazer a gestão do espaço do berçário*. Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/572/como-fazer-a-gestao-do-espaco-do-bercario>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

SPANN, E. *Música e louvor*. São Paulo: IBETE, 1990.

SPURGEON, C. H. *Pescadores de crianças: orientação prática para falar de Jesus às crianças*. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2004.

TRISTÃO, F. C. D. *Ser professora de bebês: um estudo de caso em uma creche conveniada*. Florianópolis: UFSC, 2004. Dissertação (mestrado).

VAUCLAIR, J. *Desenvolvimento da criança do nascimento aos dois anos: motricidade, percepção, cognição*. Tradução de Fernanda Oliveira. Fernanda Oliveira: Instituto Piaget, 2004.

VEIGA, I. P. A. (Org.). *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. 24. ed. Campinas: Papirus, 2008.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. Tradução de José Cipolla Neto e Solange Castro Afeche Luis Silveira Menna Barreto. 4. ed. São Paulo: Martins-Fontes, 1991.